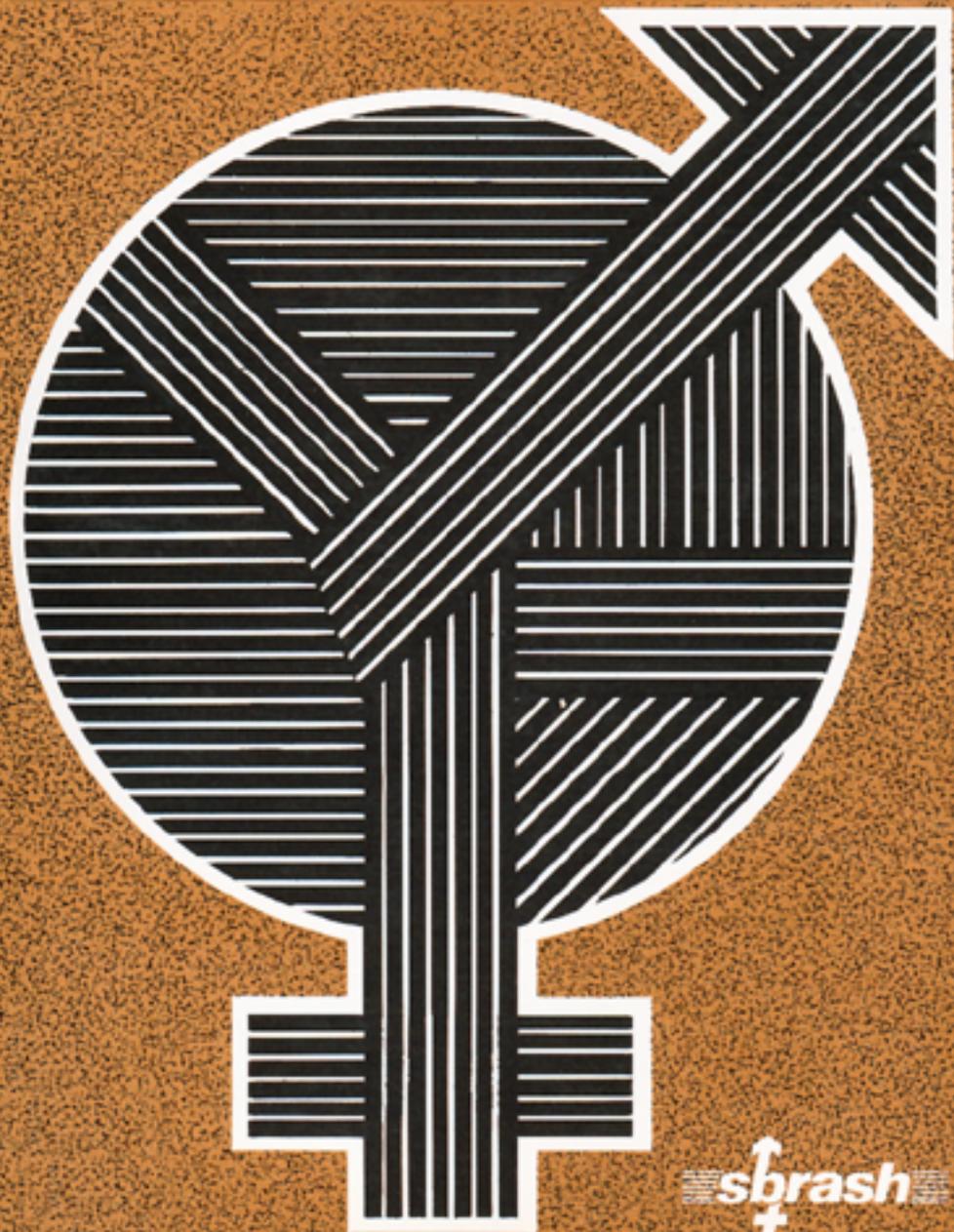


REVISTA BRASILEIRA DE
SEXUALIDADE HUMANA

VOLUME 8 - Nº 1 - 1997

ISSN 0103-6122 - CODEN RBSHE5



sbrash

Revista
Brasileira
de
Sexualidade
Humana

Volume 8 - Número 1 - Janeiro a Junho de 1997
Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH

Sumário

Editorial	11
------------------------	-----------

Trabalhos de Atualização e Opinativos

1. Homossexualidade.....	15
2. Sexualidade e maternidade: “nós” e “laços” de um fenômeno cultural.....	21
3. O sexo do futuro... um breve ensaio sobre a bissexualidade..	35
4. A aventura amorosa do casal contemporâneo	46
5. Adolescente e drogas.....	61
6. Sexualidade e menopausa: crise da reprodução ou produção da crise.....	68
7. Alguns aspectos da sexualidade no judaísmo	80
8. Sexualidade humana: uma abordagem pedagógica	85
9. Sexualidade e Cidadania	97
10. Sexualidade humana - Caminhos e descaminhos	104

Trabalhos de Pesquisa

1. Influências dos fatores físicos e psicológicos na sexualidade do lesado medular.....	119
2. A educação sexual realizada na família e na escola: opinião de escolares adolescentes	133
3. Sexologia e adolescência.....	164

Editorial

Entre 18 e 21 de abril último realizou-se, em Belém do Pará, o *VI CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA*. Fruto de produtivo trabalho da equipe presidida pelo colega Rosival Nassar, o Congresso foi um sucesso. Apesar das naturais dificuldades que se encontra ao organizar um evento desse porte, ainda mais em uma capital distante dos grandes centros, como é Belém, as atividades científicas e sociais foram todas de altíssimo nível. Infelizmente, por motivos diversos, alguns dos expressivos colegas convidados se viram impedidos de comparecer; apesar disso, no entanto, as mesas, cursos e conferências trouxeram novos e diversificados conhecimentos a todos os que assistiram as atividades do Congresso.

Durante o evento, no dia 20 de abril, teve lugar a Assembléia Geral da SBRASH, onde foi empossada a nova Diretoria, capitaneada por Maria do Carmo de Andrade Silva.

Além da novidade de ser a *SBRASH* a primeira vez dirigida por uma mulher (aliás muito bonita) e psicóloga, a nova Diretoria tem planos de inovações e agilização das atividades. Dentre essas, merece realce a reativação da idéia, esposada pela Diretoria anterior, da constituição de Comissões para concessão de Títulos de Qualificação em Educação Sexual e em Terapia Sexual.

Todos os que desejam o crescimento da *SBRASH* esperam que tais planos se realizem, e que nossa entidade torne-se cada vez mais expressiva e melhor.

Nelson Vitiello

Homossexualidade 1

Margareth de Mello Ferreira*
Nelson Vitiello**

“...a homossexualidade não significa uma psicopatologia, um desvio ou uma ‘degenerescência dos nervos’, como tampouco representa uma perversão. Isto não exclui a possibilidade de que eventualmente o sujeito que procura um psicoterapeuta ou analista e refira os seus desejos como homoeróticos não possa ser um psicótico ou um neurótico. Ou bem um neurótico com certos delírios, alucinações, simbioses, perversões, etc.

Tanto quanto aguele que designa-se: heteressexual. “

Arnaldo Dominguez
(Revista Viver Psicologia/Ed. 36)

A homossexualidade tem sido vista, especialmente entre leigos, como um estigma, uma doença ou, o que pode ser pior, uma demonstração de sem vergonhice propositadamente cometida. O aspecto mais básico do problema é o educacional, pois a sexualidade ainda é passada

* Psicóloga, psicoterapeuta.

**Ginecologista. Doutor em Medicina (USP). Secretário Geral da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH)

Recebido em 15.08.95

Aprovado em 26.08.95

como algo de sujo, de ruim, de vergonhoso, especialmente no que diz respeito às suas manifestações entre as minorias sexuais. Claro que se passamos a um criança a idéia de ser o homoerotismo uma distorção, será muito difícil que mais tarde ela possa vir a ter uma visão menos preconceituosa a respeito.

Crescer é basicamente uma questão de moldagem, de ajuste a uma sociedade. É um processo vital, pois nenhum de nós poderia sobreviver por muito tempo sem ser membro de algum grupamento social. Se os estereótipos culturais dessa sociedade forem demasiadamente rígidos, eles impedem o crescimento dos seus membros, instalando-se a estagnação. Observa-se que tal rigidez pode mutilar a mente dos indivíduos de forma tão grave e permanente como o costume de atar os pés mutilava antigas gerações de mulheres chinesas. No entanto, se os estereótipos forem amorfos demais, a sociedade fracassa em prover seus membros dos meios necessários para a cooperação, a em pouco tempo se desintegra. A tendência dos estereótipos culturais em resistir à mudança é essencial para a manutenção da sociedade, mas a flexibilidade é fundamental para a saúde, tanto da sociedade quanto de seus membros, segundo Money (1975).

É essa flexibilidade que oferece a oportunidade de se atingir o “ponto-chave” de compreensão e postura diante de novos conceitos e acontecimentos. E é justamente em sua ausência que as incompatibilidades quanto a homossexualidade repousam e criam seus mais diversos modos de encará-la, a por que não dizer, de abordá-la.

Ainda que a homossexualidade tenha sido retirada da lista das doenças mentais da OMS (Organização Mundial da Saúde), segundo uma pesquisa da Associação Psiquiátrica Americana, profissionais de muitos países ainda a consideram como tal. Essa pesquisa, publicada na revista italiana “Babilonia” (1994), foi realizada pelo envio de um questionário às associações psiquiátricas de 125 nações. As respostas, vindas de 34 países, mostraram resultados que poderiam ser considerados curiosos, se não mostrassem uma situação tão entristecedora. Assim, as associações da Bielo-Rússia, Brasil, China, Índia, Polônia, Romênia, Espanha e Venezuela responderam que a maior parte dos psiquiatras destas nações considera ainda a homossexualidade como uma doença mental. Em outros países (entre os quais Egito, Groelândia, Kazakistão, Coreia, Lituânia, Nepal, Peru, Arábia Saudita, Taiwan, Turquestão e Zâmbia) a homossexualidade é considerada como um desvio sexual. Somente cinco entre os grupos que responderam o questionário (Cuba, Dinamarca, Maurício, Noruega e África do Sul) referiram que os psiquiatras de seus países não consideram a homossexualidade como

doença ou desvio sexual, mas sim como uma variante normal do comportamento sexual.

Entre nós, carta-resposta publicada no Jornal do Conselho Federal de Medicina (abril de 1995), de profissional cujo nome não vem ao caso divulgar, diz textualmente: “Concordo com o Dr... (edição 57) Os homossexuais são um ‘nada’, ‘desequilibrados’ e ‘não naturais’, como far-tamente nos mostraram Leonardo da Vinci, Platão, Nietzsche, entre outros. Concordo também quando menciona que a sexualidade da pessoa é transmitida através de ‘microbios’ (genes). Por isso, não tivemos descendentes desse ‘desequilibrados’ citados. Homossexual não procria... Difícil é entender como é que o número deles tem aumentado. Já deve haver colegas tratando ‘homossexuais’ com antibióticos e outras coisas para combater biobichinhos (vírus, bactérias e similares). Que tal começar a desenvolver vacinas para ‘tratar homossexuais’? Com relação a deixarmos as coisas se encaixarem sozinhas, acredito que se Jenner não tivesse se esforçado tanto para criar vacinas, ainda teríamos a varíola e a poliomielite entre nós. Não sei por que ainda têm medo...”

Ainda sobre a visão que o profissional tem das manifestações do homoerotismo, Rodrigues Jr. e Di Sessa empreenderam pesquisa sobre a opinião de ginecologistas a respeito da homossexualidade e da bissexualidade. Para isso encaminharam um questionário a 900 ginecologistas, através da colaboração de um Laboratório Farmacêutico. Das 537 respostas obtidas - número superior ao que pesquisadores costumam receber - constataram que a homossexualidade era vista como doença por esses profissionais.

A tentativas de explicações para identidade-gênero-objeto sexual orientação sexual através de contextos biológicos vêm de longa data. A primeira explicação para a homossexualidade nos foi dada por Ulrichs, em 1864, ao descobrir embriões hermafroditas. Surgiu assim a primeira teoria “científica” para a homossexualidade masculina, que segundo esse autor, seria a de “uma mente de mulher presa num corpo de homem”.

Um olhar para a discussão sobre a gênese da homossexualidade através dos tempos nos mostra que a maioria das teorias foi, historicamente, voltada para o campo da doença. Esse fato parece nos mostrar que existe uma necessidade de se provar a existência de um problema físico, Pois como tal a homossexualidade passaria a ser aceita, ou ao menos tolerada. Aceita talvez, mas ainda assim discriminada, como nos mostra o tratamento recebido por todos aqueles que se distanciam do socialmente valorizado. Aceita ainda por chegarem os profissionais à conclusão da existência de uma etiologia orgânica que saibam “explicar” e, quem sabe,

“tratar””? E como fica tratar aspectos da singularidade humana sem uma explicação em termos da fisiologia?

Sendo o homem um ser bio-psico-social, enquanto bio, podemos entender que ele nasce, entre outras características, com as fisiológicas, que faz indivíduos homens ou mulheres. É enquantopsico que ele aprende a expressar, isto é, a transmitir a sua sexualidade dentro de um contexto. E é o componente social propriamente dito que determina terem as pessoa de sexo masculinos de serem *machos*, enquanto as do sexo feminino devem ser *femininas*.

Com isto, quando o ser humano se percebe portador de desejo por outro do mesmo sexo, ele entra em dissonância (crise), porque aquilo que ele sente não combina com o que é determinado socialmente.

A questão da escolha afetiva é determinada e aceita, socialmente, a partir da heterossexualidade. A mulher deve escolher o homem, o homem deve escolher a mulher, e essa escolha *deve* dar prazer, ser satisfatória e coerente. E é justamente aí que reside a incoerência, pois a escolha de parceria afetiva é individual, pessoal.

Neste sentido, a homossexualidade se caracteriza pela opção por parceria afetiva do mesmo sexo, isto é, escolha de objeto amoroso e não de vida. Ou ainda, como Money define: “Homossexualidade é a resposta erótica a indivíduos com o mesmo tipo de anatomia sexual externa que a própria pessoa. ‘Homo’ vem do grego e significa o ‘mesmo’, e não da palavra latina idêntica que significa “homem”. A confusão entre escolha de objeto amoroso e escolha de vida fica evidenciada no atendimento de pacientes cujo sofrimento emocional advém da dificuldade em conciliar a sua orientação sexual com o contexto social.

Sob este ângulo, se a homossexualidade é vivida como uma escolha de vida, ela tende a se manifestar em todas as áreas de inter-relação do indivíduo. No entanto, por temerem antaçonizar-se ou serem rejeitados por essa condição homoerótica, os homossexuais empreendem um enorme esforço no sentido de expressá-la apenas nos “guetos”, tentando escondê-la de outras situações do cotidiano.

Outra postura pode ser a de luta pela aceitação social da condição homoerótica. À respeito dessa opção, Dominguez (1995) adverte para o perigo de o militante se prender numa espécie de luta etnográfica e *não se abrir como ser humano* (grifo dos autores). Se bem que, neste caso, e ele também considere a militância como um trabalho social, a ser encarado como terapêutico, no sentido de promover o engajamento social que, por sua vez, ajuda a garantir a auto-estima.

O que podemos contemplar é que não existe uma forma homossexual de lidar com o mundo, de ver a realidade, que não seja a estereotipada ou estigmatizada, ditada a partir da heterossexualidade.

Exemplo disso é acreditar que o homossexual assumido é aquele que expressa características do sexo oposto. Ora, se o conceito de homossexualidade nos diz ser essa condição a escolha amorosa por alguém do mesmo sexo, assumir características do sexo oposto, neste caso, é reproduzir (se bem que até inconscientemente) o modelo heterossexual, onde para se formar uma parceria, um deve ter as características de homem e a outra pessoa as de mulher.

Uma consideração válida para o trabalho clínico é que, em consultório, atendemos o ser humano e não o “homossexual”, o “impotente” ou o “ejaculador precoce”, entre outros.

O que se avalia é o uso que a pessoa faz da sua sexualidade. É nesse uso que podemos nos deparar com prostituição, parafilias, sedução ou ligações de dependência patológica, por exemplo.

A esse respeito, podemos pensar por que existem cabeleireiros que apesar de serem hetero, se mostram como homossexuais? Fica claro, neste caso, que isso ocorre por que assim os maridos não sentem ciúmes, possibilitando a alguns deles até mesmo tocar eroticamente as suas clientes, ou se esfregarem nelas. Outro uso da homossexualidade é esconder-se de relação com o sexo oposto. Isso pode ser devido, no caso das mulheres, ao medo da penetração ou, no caso dos homens, a se acharem incapazes de penetrar uma mulher, ou por temerem ser ridicularizados, julgando seu pênis pequeno.

Com isso, temos um questionamento sobre a sexualidade e o uso que se faz dela.

A resolução quanto a própria sexualidade reside no fato de perceber-se capaz de seduzir, ser seduzido, e, principalmente, poder discriminar nessas situações com quem se deseja um envolvimento maior pelo nível de satisfação e prazer que essa escolha amorosa possa proporcionar. Sob esta ótica, a hoiriossexualidade pode ser considerada uma variante normal do comportamento sexual.

Epíteto (século 1 d.C.) afirma: “Não são as coisas em si que nos perturbam e sim a opinião que temos delas”. Neste caso, o profissional que categoriza, classifica ou rotula por dificuldade de lidar com a diferença, não passa de reprodutor de ideologias precoceituosas, no mínimo. As diferenças são inerentes à condição humana. A organização social que determina essas diferenças em categorias valorativas visa, de certa forma, encontrar justificativas para tornar mais próximos os “desiguais”. Isso é feito até mesmo num plano de inferioridade ou comiseração, por não apresentarem

tais pessoas o comportamento esperado. Assim, caso se conseguisse uma comprovação de ter a homossexualidade uma etiologia orgânica, estaria atendida a necessidade de explicação das diferenças, tornando seus portadores aceitáveis. Desta forma, o meio para chegar a essa “aproximação” ou “aceitação” passa por um referencial do que a maioria vive ou aceita socialmente.

Sobre os aspectos apontados resta pensar se, ante a perspectiva de se criar um padrão que defina o por quê de uma determinada escolha de objeto amoroso, não estaríamos perdendo de vista características que fazem parte da “natureza humana”. E, neste sentido, se não estaríamos também sendo condescendentes com certos abusos emocionais cometidos em nome heterossexual idade. “Cuidar” profissionalmente da dor que o ser humano carrega significa “cuidá-lo” como um todo, e não privilegiar um aspecto em detrimento de outros e considerar todas as suas dificuldades a partir desse aspecto específico. Em função de uma visão humana mais global poderemos prestar muito mais contribuição profissional à comunidade na qual inevitavelmente todos encaixamos.

Ely (1991), faz uma afirmação que, a meu ver, aqui se encaixa: “OS que não têm feridas são os dotados de menos sorte. (É claro que não podemos pensar isso, pois essa pessoa sem feridas jamais foi encontrada)”.

Sexualidade e maternidade: "nós" e "laços" de um fenômeno cultural **2**

Gilka Borges Correia*

RESUMO

Neste trabalho realizamos uma revisão de literatura sobre a questão do *ser mulher* e a evolução da condição feminina, articulando *Sexualidade* e *Maternidade* como fenômeno cultural. Numa visão histórica, consideramos a construção da identidade da menina-mulher e a estruturação do papel sócio-sexual no imaginário social.

Buscamos um fio condutor permeando a Filosofia, a História, a Antropologia Social, a Psicanálise, a Literatura e a Arte, na tentativa de balizar as questões da feminilidade. Ressaltamos a condição da mulher fluando enredada na ideologia dominante do contexto histórico e sócio-econômico. Este mandato ideológico manteve-se quase inalterado, até meados do século XX, quando os movimentos feministas passaram a reivindicar junto ao Estado, a igualdade de direitos e de oportunidades sociais. A mulher ingressou no mercado de trabalho, tornou-se mais segu-

* Psicóloga Clínica, especialista em Educação e Sexualidade Humana.
Recebido em 25.08.95

Aprovado em 04.09.95

ra e conquistou a independência financeira. OS métodos contraceptivos eficazes produziram a *dicotomia* entre *sexo-reprodutor* e *sexo-prazer*, liberando seu comportamento afetivo-sexual. A mulher hoje pode optar por casar or não casar, ter ou não ter filhos.

A *sexualidade* passou a ser objeto na relação de troca da sociedade consumista. Alguns tabus inverteram-se e o *reprimido* busca o caminho da *liberação*. *Erotismo* passou a ser critério de *modernidade*. A mulher valoriza a sua sensualidade, deseja maiores experiências, avalia-se e exige melhor desempenho e performance do homem.

Concluimos que aquela crisálida *mulher parideira metamorfoseou-se em loba*, e está confrontando e assustando o homem no seu tradicional papel de macho. Entretanto, seu discurso ainda não se faz claro, e a mulher encontra-se, em sua grande maioria, sem referências, dividida a perdida entre posições repressivas e liberalizantes. Um balanço crítico para *refletir a re-Ver* essa *re-definição* continua em pauta na questão:

O que deseja uma mulher?

O significante como tal não se refêre a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como laço.

Ainda temos que precisar nesta ocasião o que quer dizer esse laço. O laço - não podemos fazer outra coisa senão passar imediatamente a isto - é um laço entre aqueles que falam.

Jacques Lacan - Seminário XX

Sobre o tornar-se menina

*Mamãe, escuta uma coisa
Que eu quero ti perguntá
Quando eu for grande, mamãe,
Eu tenho que me casa?*

.....

*A titia diz, que sim ...
A madrinha diz que não...
Eu quero muito sabê,
Si é sim ou si é não
Si é sim, então eu cresço...
Si é não, prá quê crescê.”*

No jogo do faz-de-conta, na brecha entre fantasia e realidade, casar e ser mãe é o treino da brincadeira com as bonecas, critério e condição da identidade da menina-mulher. Na fantasia infantil, esta menina coloca nos versos, a questão do Ser Feminino e o destino do Ser Mulher. No bojo deste questionamento está a *Sexualidade*, a construção da *Identidade* e o exercício do papel sócio-sexual de gênero.

No texto *Associação de idéias de uma criança de quatro anos*, Freud (1920) relata uma carta recebida de uma mãe norte-americana comentando muito surpresa, as associações de idéias e os simbolismos utilizados sobre os fatos da vida sexual, por sua filha, que ainda não completara quatro anos. Diz a mãe que ao saber que uma prima ia se casar a criança comenta: “*Se Emília casar, terá um bebê*”. mãe surpresa perguntou: “*Mas onde você aprendeu isso?*” e ela comenta: “*Quando alguém casa, aparece sempre um bebê*”. Tornou a perguntar a mãe: “*Como pode você saber disto?*” E a menina retrucou: “*Ora, sei muita coisa mais, sei também que as árvores cresce na terra*”. E continua ainda: “*Sei que o bom Deus criou o mundo*”. (1)

Está posta a questão.

Na visão psicanalítica, nessas constatações da investigação infantil *a percepção está para o “eu”* assim como *a pulsão está para o “isso”*.

Parece que a mãe compreendeu a transição da primeira afirmativa para a segunda. A criança expressa seu conhecimento, dizendo: *sei que os bebês crescem dentro da barriga da mãe* e exprime de maneira direta, mas simbólicas, substituindo a *mãe pela terra-mãe*. Vemos que muito cedo as crianças sabem utilizar símbolos. A terceira afirmação mantém um nexo com o que dissera antes. Só podemos admitir que a criança queria comunicar mais uma parte do seu conhecimento sobre a origem dos bebês. Mas desta vez, substituiu o pensamento direto pela correspondente *sublimação*, ao dizer que o *bom Deus criou o mundo*. Introduz a questão da participação do pai na criação.

Só com o término da organização genital infantil, próximo da puberdade, através de vários estágios, parece coincidir a polaridade sexual com o masculino e o feminino. O masculino abrange o sujeito, a atividade e a posse do pênis. O feminino integra o objeto e a passividade. A vagina já é então considerada o abrigo do pênis, e torna-se herdeira das entranhas materna. (2)

Em carta aberta, *Freud* responde a questões colocadas pelo *Dr. FÜRST*, sobre a necessidade de educação sexual, no texto denominado *Educação Sexual das Crianças*, (1907) e pontua outro texto seu: *Três ensaios sobre uma teoria sexual* (1905). Neste último, expõe a constituição do instinto sexual, a as perturbações de sua evolução psicosssexual na constituição da função sexual do adulto a na etiologia das neuroses.

No campo da sexualidade, a educação veio sempre concretizar o que é ideologicamente determinado. O *Dr. FÜRST* questiona se, em geral deve-se às crianças a explicação dos fatos da vida sexual e em caso afirmativo, que idade se há de escolher para isso, e quais os meios para a sua execução. *Freud* coloca sua opinião sobre essas questões básicas: primeiro, considera procedente a preocupação sobre a educação sexual, e concorda que podem haver juízos divergentes sobre a idade mais adequada e os meios utilizados. Não pode conceber, entretanto, juízo divergente sobre a importância e a necessidade da informação sobre a sexualidade, e faz as seguintes colocações:

Que se espera alcançar negando às crianças - ou se prefere aos adolescentes - explicações sobre a vida sexual humana? Espera-se, talvez, com semelhante ocultamento, agrilhoar o instinto sexual até a época em que seja possível dirigi-lo pelos caminhos que a ordem social considera lícitos?

Supõe-se, acaso, que as crianças não mostrarão interesse algum pelos fatos e enigmas da vida sexual, se não se chamar sua atenção sobre eles?

Crê-se, por acaso, que o conhecimento que se lhes nega, não lhes chegara por outro meio?

Ou é que se visa, realmente e com toda a seriedade, o propósito de que mais tarde julguem todo o sexual como degradante e desprezível, do qual procuram mantê-las, o máximo de tempo possível, seus pais e mestre? (3)

John Money, nos anos 80, comenta que a nossa cultura faz um *elo-gio da inocência*, como se ignorância fosse critério de virtude a pureza. Mas pelo contrário, a curiosidade leva a buscar coisas que seriam tratadas naturalmente se não se tivesse mantido um forte sigilo, e comunicado franca e singelamente. Mesmo porque é impossível manter a criança em ignorância absoluta, pois ela ouve e lê livros que lhe caem nas mãos conversa com outras crianças, assiste programas de televisão com forte apelo sexual e erótico. O que as faz meditar, é justamente a atitude *dissimulada e a dupla mensagem* na conduta dos pais, o que intensifica a ânsia de saber

e excita a fantasia, distorcendo os fatos. O que conseguem os pais com isso? Crianças comprometidas em cumplicidade, saciadas e muito bem informadas (incorretamente, a maioria das vezes), e pais satisfeitos, porém enganados... (4)

Freud, no início do século já ponderava essas situações, e considerava que a conduta dissimulada dos pais, é fruto de uma hipocrisia em relação a sexualidade, ainda presente na atualidade, aliada a um desconhecimento teórico sobre o instinto sexual, hoje não mais aceitável, que considerava a sexualidade ausente na criança, e somente presente na época da maturação dos órgãos sexuais na puberdade. Ignorava-se que o recém-nascido já traz ao mundo o universo da sua sexualidade. OS órgãos da reprodução não são a única parte do corpo que podem gerar sensações sexuais. A natureza dispôs que o estímulo de certas zonas da epiderme, zona erógenas, sob a ação de certos instintos biológicos e a excitação concomitante a muitos estados afetivos, geram certa quantidade de prazer, inegavelmente sexual.

Havelock Ellis introduziu a expressão *auto-erotismo* a essa percepção da sexualidade que ocorre na infância. A puberdade se limita a tornar os órgãos sexuais a primazia da sexualidade sobre todas as outras zonas erógenas, e coloca o erotismo a serviço da função reprodutora. A criança ,So tem capacidade de procriar, mas está apta para experimentar sensações da vida erótica muito antes da puberdade: ternura, carinho, afagos, carícias, são expressões psíquicas da sexualidade. Levam a criança a excitação sexual, e revelam a íntima relação entre esses fenômenos. O que se consegue com o ocultamento sistemático dos aspectos da sexualidade, é privá-la da capacidade de dominar intelectualmente. o que já possui preparação psíquica e disposição somática. (5)

Mas apesar destes textos remontarem ao início do século, a educação sexual, ainda é um tema polêmico. For omissão, os profissionais da saúde e da educação deixam espaço aberto para a *mídia*, que se incumbem de informar sem nenhum senso crítico, ou na maioria das vezes, o que consegue é *desinformar* e *banalizar a sexualidade*, abordando-a como mais um produto de consumo e um valor de troca da sociedade capitalista. Comprometida apenas com o sensacionalismo e o lucro, a mídia cultiva valores efêmeros: juventude, beleza, perfeição, consumismo, imediatismo incentivo ao descartável. Esses valores não são compatíveis com uma educação consciente e crítica, comprometida com o seu corpo e a *sexualidade*, a *saúde* e a *vida*. Impossibilita o discernimento da criança e do adolescente sobre comportamentos responsáveis e adequados.

A CRISÁLIDA MULHER

O que é ser mulher?

Ser mulher é ser mãe...

Dentro desse contexto sócio-cultural era a resposta mais comum da maioria das mulheres. A identidade apóia-se na maternidade, como seu único papel. Acerca da identidade feminina e a maternidade *Pommier* comenta:

O ser feminino recebeu desde sempre sua definição canônica na maternidade. Ser mãe parece trazer uma solução para as incertezas da identidade, mesmo que tal resposta não deixe de ser acompanhada pela angustia, quando se realiza. (6)

Essa imago impressa no inconsciente da mulher nem sequer era questionado. *Não casar e ter filhos era, e ainda o é, no dizer de Money, a definição do fracasso de uma mulher.* Uma série de esteriótipos de masculinidade e de feminilidade definem no imaginário social, os comportamentos esperados pela sociedade: *mulher pode... mulher não pode ... mulher deve... mulher não deve... (7).*

Muitos ditos populares podem completar essas frases, num exercício espontâneo, lúdico, crítico, sarcástico, mas muito verdadeiro. Esteriótipos de comportamentos de gênero masculino complementam essa relação, e condutas arcaicas convivem caoticamente com condutas liberalizantes.

O que deseja uma mulher?

Até meados do nosso século, casar e ter filhos, era um mandato cultural, e por conseguinte, o maior desejo da mulher. Era um destino com mão única para entrar no rol das mulheres adultas e *sérias*, as *mulheres de família*. O exercício da sexualidade só podia ser concretizado no casamento. Funcionando como “trampolim” ou “concessão”, visava a maternidade e a constituição da família nuclear. Ao marido cabia o direito sexual sobre a esposa, concedido pelo casamento. A sexualidade deveria ser exercida com o objetivo procriativo, visando a mais nobre missão: *a constituição da prole*. Entretanto, a sexualidade masculina recebia tratamento diferente. Essa mesma sociedade era condescendente com o homem, permitindo a alternativa de usar a *mascara social* e buscar *outras mulheres*. Elas eram tratadas como se fossem de natureza ou categoria diferente: eram as *não*

sérias, ou mulheres que não eram de família. São os protótipos da *santa* a da *prostituta*. A primeira o homem *ama mas não deseja*, e a segunda, *deseja mas não ama*. Poucos homens conseguem resolver a sua sexualidade reunindo amor e desejo dedicado à mesma mulher.

Esta atitude ambígua e ambivalente, faz parte da hipocrisia social que sempre ocorreu, quando o casal mantém um casamento de conveniência, apenas na aparência para a sociedade, sob pretextos *não tão nobres*, como a acomodação de um ou de ambos por interesses econômicos. O pretexto manifesto, porém, é o *sacrifício pelos filhos* e a defesa da *sagrada família*. Para muitas pessoas parece existir três sexos: *homem, mulher e esposa*.

A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Buscamos traçar uma visão panorâmica da condição feminina na história da humanidade, permeando a Filosofia, a História, a Antropologia, a Psicanálise, a Literatura e a Arte. Buscamos um fio condutor que nos levasse a perceber a condição social da mulher e a questão da identidade feminina e a maternidade, emoldurada pelas filigranas da *Sexualidade* e da *Cultura*.

Claude-Lévis-Strauss, numa interpretação antropológica, aponta indicadores importantes para entender a posição social e a subordinação da mulher ao homem. Afirma:

Distinguem-se dois tipos de domínio: o da natureza e da cultura. Quando um fenômeno é uma regra central universal, parece ser da ordem natural. Entretanto, se existem regras, normas, leis, parece ser algo referente à cultura. Esta regra representa o ponto de conexão entre natureza e cultura. (8)

Toda cultura portanto, *é normativa*, numa requintada mistura de instinto e aprendizagem.

John Money nos diz:

“É praticamente impossível a uma pessoa desenvolver qualquer senso de identidade sem identificar-se como homem ou mulher. “ (9)

A biologia determina a diferença sexual anatômica, e a sociedade define o papel de gênero. Crença, atitudes, tabus, mitos e valores envolvem esses papéis normatizando os padrões de conduta. A educação encarrega-se da legitimação do comportamento que a sociedade espera da menina.

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, afirmou:

A mulher não nasce mulher, torna-se mulher.

E mais:

Pelo ventre se dará a sua libertação.

A MULHER NAS CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS

Historicamente, o papel social feminino vem sofrendo constantes modificações. No mundo ocidental, a sociedade patriarcal atribuiu à mulher uma valorização bem menor que ao homem. Lemos em teóricos da história da sexualidade como *Cohn*, *Tannahill* e *Ussel*, uma caminhada onde, o papel da mulher variou de acordo com a época, o local, a ideologia e os interesses econômicos. Porém um dos papéis mais impregnados de significado cultural parece ser o da maternidade, cogitada em algumas culturas, como o único papel da mulher.

Numa pincelada nas civilizações orientais, principalmente na Índia, vemos que a religião é o centro da cultura. A sexualidade está muito próxima do sagrado. Os deuses são sexuados e formam casais. O relacionamento sexual de *Shiva* e *Vishnu*, é descrito com poesia e grande beleza em livros religiosos. *Vishnu* é o sol, princípio fertilizador, e *Shiva*, a mãe-terra fecunda. A relação sexual do casal de deuses é simbolicamente comparada com a união do brilho e das luzes de dez mil sóis e dez mil luas. A sexualidade reúne o homem e a mulher complementando-os, numa visão integrada da dualidade de princípios cósmicos.

Na sociedade grega, a mulher representava um duplo papel: a esposa, mãe de família, responsável pela educação dos filhos, resguardada dentro de casa como garantia do patrimônio familiar. Em função disso a fidelidade da esposa era importante.

A *haetera* significava a companheira de vida, a parceira sexual e intelectual do homem. Era socialmente respeitada e valorizada. Entre os gregos a intelectualidade, a beleza e o prazer eram valores supremos, e por

isso, a mulher companheira, sem os encargos de família, fazia parte da norma social, e do bem-estar do homem.

No mundo romano a guarda da mulher passava do pai para o marido, requisito do status aristocrático. *Wilhelm Reich* citando *Briffault* descreve o casamento como um *contrato sobre uma “questão de transferência”*. (10) Não era uma instituição sexual mas predominantemente um arranjo social e econômico. Os romanos valorizavam a beleza e o prazer, mas o seu pragmatismo não permitia atingir o requinte da sensibilidade e da intelectual idade grega.

Ambas as culturas relacionavam religião e sexo, e o consideravam uma parte natural da vida. Embora submissas, as mulheres gozavam de relativa liberdade.

Na cultura hebraica, as leis que governavam o comportamento sexual eram consideradas provindas de Deus. A autoridade paterna era absoluta, com poder de vida e de morte sobre os filhos. A mulher judia tinha pouca liberdade, e a virgindade era uma vantagem social e econômica importante na negociação do casamento. A fidelidade era uma exigência para garantir a legitimidade da herança. A decisão sobre o casamento das filhas era uma atribuição do pai, cujo critério era concretizar a melhor negociação possível. O exercício do sexo era orientado exclusivamente para a procriação, e as funções sexuais para esse propósito eram uma obediência religiosa.

O “*Crescei e Multiplicai-vos*” expressava um determinismo histórico e político de um povo em busca de espaço para a sua consolidação. A família era necessária como a garantia da propagação da espécie. O código de moralidade judaico-cristão tornou-se cada vez mais detalhado e extensivo, levando a um ascetismo rigoroso, sob o manto da “*Lei do Senhor*”. A mulher era considerada a causa da tentação e do pecado do homem. (11)

O livro maior do Cristianismo, a *Bíblia*, principalmente no Antigo Testamento, traz inúmeras citações sobre a sensualidade da mulher como origem do pecado e a exaltação da virtude da pureza:

“Da mulher nasceu o principio do pecado, e por ela é que todos morremos “.

(Eclesiástico, Cap. 25, V. 33)

“A mulher santa e cheia de pudor é uma graça sobre outra graça”.

(Eclesiástico, Cap. 26, V. 19)

“A mulher formosa e insensata é como um anel de ouro no foçinho de uma porca”.

(Provérbio, Cap. 11, V. 22)

A moralidade judaico-cristã reprimiu a sexualidade, associando-a ao proibido e ao pecado. Valorizava apenas o sexo-reprodução dentro do matrimônio. O prazer sexual era o alvo da maior carga de repressão, a tal ponto, que as mulheres sérias não deveriam sentir prazer no sexo. Não era de bom tom demonstrar interesse ou falar sobre esses assuntos. As mulheres casadas deveriam aceitá-lo como um dever conjugal a ser cumprido, recompensado com a santidade da maternidade, A mulher símbolo do Cristianismo é *Maria, Virgem-Mãe*.

No período da estruturação do Catolicismo, durante a Idade Média, a religião exerceu um grande controle, criando no imaginário social um *Deus Pai punitivo e coercitivo, que protege em troca de submissão*.

Toda civilização ocidental recebeu a influência dessa moralidade, e sofremos as conseqüências repressivas até hoje.

O renascimento, principalmente através da Arte, trouxe certa modificação no conceito do Ser Mulher. Uma nova representação da figura feminina é vista nas pinturas clássicas das Madonas. Cenas do cotidiano apresentadas com nudez e sensualidade começaram a substituir as representações da Virgem-Mãe, sugerindo um questionamento sobre o papel da mulher decente e a mulher sensual. O Cristianismo criou dois modelos radicais, inspiradores da representação feminina: *Maria, Mãe de Deus, símbolo da pureza, e Eva, a causa do pecado da humanidade*.

Na época vitoriana, no auge do movimento moralizante do século XIX, o ideal da mulher digna, é descrito e exaltado em prosa e verso na literatura iluminista, como um ser puro, lírico e etéreo. *Feminilidade significava franqueza e lágrimas, sofrimento e conformação*. A era vitoriana determinou um estilo de vida, com uma definição dos comportamentos admissíveis e aceitáveis. *O homem era naturalmente dotado de inteligência e a mulher de amor materno*. Da moralidade vitoriana advém a maioria dos comportamentos masculinos e femininos ainda hoje considerados como normas e padrões desejáveis pela sociedade, e todos os tabus sobre a sexualidade. *A divisão de papéis originada da diferença biológica foi mantida por razões ideológico-políticas, e a mulher coroada A Rainha do Lar*.

Esta situação só começou a se modificar, quando os homens foram ao campo de batalha durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, e houve a necessidade do ingresso feminino na força de trabalho. *A Rainha do Lar* deixou seu séquito e seus súditos, e atendeu a convocação do Estado, ingressando nas fábricas. Paralelamente o Estado liberou verbas e incentivou a criação de *creches*, como instituição social necessária para essa mulher disfuncional. Historicamente, pela primeira vez a mulher atribuía os cuidados dos filhos a uma instituição social.

Manipulada pela ideologia dominante, ao término das guerras o homem voltou ao mercado de trabalho, as creches não receberam incentivos e recursos, e foram fechadas. A mulher retornar ao lar para reproduzir e repovoar o país. (11)

Andrade e Silva comenta que a Segunda Guerra Mundial exigiu a participação da mulher nos meios de produção, favorecendo o início da independência econômica. Daí decorreu a pressão pela igualdade de direitos entre os dois sexos. Em 1920 a maioria dos países ocidentais reconhecia os direitos da mulher como cidadã igual e livre. Entretanto, barreiras econômicas, religiosas e éticas continuavam existindo, e o crescimento desta igualdade, ainda hoje é difícil de ser conseguida. (12)

No campo das religiões, a moral que regula o comportamento da mulher, se reduz e se resume pela Fé que cada uma professa. Ela não é levada a interpretar a dimensão política, econômica e social da mensagem religiosa. Assim sendo, a crítica social é desnecessária.

Santificada no papel de *reprodutora* e *Rainha do Lar*, a mulher é *exaltada e submetida*.

Nessa caminhada a mulher vem seguindo em busca de *redefinição* de identidade e papel. Os movimentos sociais atrelam as reivindicações feministas, como o surgimento dos métodos contraceptivos eficazes, produzindo a revolução sexual dos anos cinquenta.

O slogan do movimento feminista - *Para cada filho, um filho desejado* - foi mais um sonho que não se concretizou. Promoveu a dicotomia entre sexo-reprodução e sexo-prazer, na sua função ideológica. Conseguiu colocar em pauta a questão da mulher poder decidir *quando e quantos filhos ter*.

DE PARIDEIRA A LOBA

Na tentativa de redefinir seu papel de gênero, a *mulher-parideira* passou a assumir a maternidade como *opção e não um dever*. Hoje pode decidir casar, não casar. ter ou não ter filhos, planejar o número de filhos, e isso não será considerado antinatural. Embora o modelo ideal esteja presente, a mulher saiu do sagrado recinto do lar, estuda, trabalha, e em algum momento e lugar encontra seu par e surge uma relação de casal. Ter filhos? Aguardar o momento mais oportuno? Essas coisas podem ser pensadas e já não há a obrigação do primeiro filho e a expectativa de toda a família.

No âmbito do comportamento sexual, porém, no dizer de *Chalar Silva*, vivemos uma época de *hiper-Sexualização*, posta para consumo rápido a descartável, do tipo *prêt-à-porter ou ready-to-go*. O *marketing industrial* descobriu o *sexo* como a grande solução para incentivar o consumo de tudo. Estimula-se o sonho e a fantasia, a emoção e a aventura, de tal forma que torna-se um alvo inatingível. Entretanto, a *sexualidade humana* não é uma dimensão *isolada* na vida de cada um. É uma somatória integrada do *orgânico*, do psíquico, que só se realiza no *plano social*. Numa realidade dinâmica é pluridimensional e multifacetada.

Embora a grande maioria de mulheres busque uma vida sexual ativa e saudável, como efeito liberalizante da nossa época, não se dão conta da armadilha ideológica que transformou o *proibido* em *obrigação*. Não é apenas necessário *fazer sexo*, é preciso *fazê-lo bem*. É imperativo seduzir com a beleza, o corpo perfeito, a eterna juventude, trejeitos, roupas, idéias, conquistar com arrojo, competir, acumular experiências, arriscar, descartar, “e até imitar o comportamento masculino. O que era *reprimido* passou a ser *exaltado*, e *erótico* passou a ser *critério de modernidade*. (13)

A mulher esquece que *liberdade é a possibilidade de optar, dizer sim ou não fazer ou não fazer*. Na busca de um novo papel sexual a mulher perdeu-se numa sucessão de *re-re-re: re-fletir, re-definir, re-ver, re-pensar, re-formular...*

Manipulada pela mídia, uma nova forma de exploração, a mulher avança em saltos nos quais, muitas vezes, não avalia e não se avalia. Exige direitos sexuais iguais ao homem e principalmente, *exige o desempenho sexual do homem, tornando-o o objeto responsável pelo seu prazer*. Mantém-se, muitas vezes, como *expectadora* no seu intercurso amoroso, avaliando-se e avaliando a performance do companheiro, medindo o prazer que *ele* deve lhe oferecer, como se *sentir* fosse algo vindo de fora. Sexo não é competição nem maratona. *Sexo é afetividade, entrega mútua, envolvimento lúdico*. Não é obrigação, não é dever. Sexualidade é sensibilidade, comunicação espontânea e natural num plano muito mais profundo.

A palavra *sexo*, origina-se do verbo latino *secare*, que significa aquilo que corta, que divide. De sua raiz derivou-se *secção*, *sectário*, e também *sectus*, *sexus* e finalmente *sexo*. Designa a divisão biológica de macho e fêmea. Podemos interpretar no vocábulo *sexo* três dimensões distintas porém complementares: o que *divide* na diferença anatômica, o que *une* no relação sexual e o que *re-une* na procriação.

Sexualidade humana é pois, muito mais ampla do que o conceito de sexo. Inclui a idéia de um tripé com três dimensões, permeando o biológico, o psicológico e o sócio-cultural. A complementação bipolar possui na sua essência as características desse tripé. AS fronteiras são fluidas e são costuradas pela criatividade de cada casal. O *laço afetivo é indispensável.*

BhagYvan Shree Rajneesh, um mestre espiritual indiano comenta sobre a sexualidade:

*El sexo es para ser usado como una pesadera...
una pasadera a um movimiento dentro del amor y del amor
dentro de la oración.*

Sexo no es tu creación: es un regalo de Diós.

CONCLUSÃO

O saber sexológico deve estar envolvido com essa realidade, e com a responsabilidade de dar conta de cada situação individual. A *sexualidade* de cada pessoa é tão individualizada como a impressão digital. Revela um *microcosmo* inserido num *universo* muito mais amplo. Uma proposta de reflexão sobre esses novos anseios da mulher, é um dos caminhos para oportunizar uma visão crítica sobre o *erotismo* que impregna o imaginário sócio-sexual da nossa época. Já que a sexualidade está impregnada na nossa civilização, quem sabe podemos inverter, inserindo civilização na sexualidade.

A mulher atual, em sua grande maioria, encontra-se *confusa* na busca da *re-definição* do seu papel sócio-sexual. *Perdida* entre as duas dimensões da feminilidade parece estar com *um pé calçado em posição repressivas e outro pé em posições liberalizantes*. OS conflitos que brotam dessa ambivalência aportam na clínica ou na busca intensiva de cursos sobre sexualidade.

É preciso também, deixar bem clara a diferença entre *exercício do sexo* e *estudo sobre sexo*.

Em contraponto, esta *nova mulher* está assustando o homem na sua tradicional segurança de macho.

Propomos um balanço crítico sobre a questão posta inicialmente:

O que deseja uma mulher?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAUI, M. *Repressão sexual: essa nossa (des-conhecida)*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
2. COHN, F. *Understanding Human Sexuality*. New Jersey. Prentice-Hall, Inc., 1974.
3. FREUD, S. *Organização Genital Infantil. Associação de idéias de uma criança de quatro anos*. (1920) Obras Completas, Vol. IX, Rio de Janeiro, Delta, s.d., pp. 171-172
4. _____. *A Educação Sexual da Criança*. (1907), pp. 109-110.
5. _____. *Carta aberta ao Dr. M. Füst*. (1907), pp. 109-110.
6. KUSNEZOFF, J. C. *A mulher sexualmente feliz*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 223.
7. *Ibidem*, referência 6.
8. MONEY J. & TUCKER P. *OS papéis sexuais*. São Paulo. Brasiliense, 1981.
9. POMMIER, G. *A exceção, feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
10. REICH, W. *Casamento indissolúvel ou relações sexuais duradouras?* 2ª ed. Porto, Textos Exemplares 4, 1975.
11. SILVA, M. C. A. *Desenvolvimento da identidade sócio-sexual humana*. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Dissertação de Mestrado. 1983, pp. 75-85.
12. *Ibidem*, referência 11.
13. SILVA, A. C. *Terapia do sexo e dinâmica do casal*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo Ed., 1989, pp. 18-22.
14. TANNAHILL, R. *Sex in History*. New York, A. Scarborough Book, Strein, and Day Publisher, 1982.
15. USSEL, J. V. *Repressão sexual*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1980.

Também não posso ter a pretensão de “dar conta” do tema, pois deverei me apoiar nos meus escassos conhecimentos e no máximo, numa dúzia de histórias, talvez um pouco mais.

Mas, porque não falar? Uma dúzia já e um número significativo como para pedir a palavra. Portanto, em nome deles, eu pergunto: O que quer, afinal, um bissexual?

Este indivíduo existe, de fato? Ou trata-se de um Homo ou de um Hetero, “confusos”?

No caso de existir (e creio que aqui, a resposta seja, de algum modo, afirmativa), deverá “definir-se” por um lado ou por outro? (Sendo esta uma dúvida freqüente e um pedido comum, na análise).

Nosso mundo tem andado dividido em “homos” e “heteros” (muito mais do que em homens e mulheres), no entanto, após certas publicações jornalísticas ou livros classificatórios a respeito dos quantos sexos existem (?) etc., muitos seres humanos encontram as primeiras palavras de um novo discurso que os nomeia, introduzindo-os na língua, da qual se julgavam excluídos.

Por outro lado, nós, os analistas, também somos obrigados a articular significantes neologísticos a nossos discursos interpretativos, e devemos tomar a precaução de não ficarmos no lugar do legislador que impõe a norma pré-estabelecida pelo estatuto da “moral -psicanalítica”. Muito menos da moral religiosa.

Eu sei que a psicanálise não é uma religião, embora possa se assemelhar. É que temos, e não poderia ser de outro modo, um jargão particular, que algumas vezes não diz nada e outras, ao dizer, denuncia a própria crença. (A crença pessoal do analista, apesar dos cuidados éticos que toma, não deixa definitivamente de ser um sujeito falante, nascido no discurso da cultura-discurso este, dominante que pré-existe a seu ser). Em certas ocasiões receio que por detrás do hermenêutico discurso das epistemologias, oculta-se um desejo perverso de “saber tudo” e assim obter poder sobre o outro ao excluí-lo da possibilidade de compreensão, devendo submeter-se, necessariamente, ao dito pelo amo, que fala.

Considero importante situá-los sobre como penso alguns conceito fundamentais da psicanálise, por exemplo: Ao referir-me ao estatuto do inconsciente, não estou descrevendo alguma “essência” deste inconsciente. Ao pensar no estatuto do desejo, idem.

Postulo aqui, a dimensão ética de tais considerações teóricas. Sem possibilidade topográfica, sem biologia. Quase que sem ciência. Mais do que ciência, ausência. Algo que não está em lugar nenhum. Quase não existe. Que aparece e desaparece no tempo de sua abertura. Mas que não vêm nem vai para lugar nenhum. Apenas aparece no sintoma (como por

exemplo: no sintoma de toda sexualidade) ou na parapraxia. E nos tempos de ver, compreender e concluir, dos eventos analíticos.

Então, que ética será esta, diferente d'aquela inscrita nas páginas da moral? Será uma ética em prol da cultura? Sim e não!

Trata-se de uma ética diferente, cujo dever norteia o estatuto do sujeito. Trata-se sim, do bem e do mal, mas a respeito do sujeito, que entrará no social pela porta dos discursos, o que torna esta ética (de ethos: indivíduo), POLÍTICA (de polis: a cidade. O cidadão e seus direitos).

Sei que continuamos de algum modo, no sistema do Senhor e Escravo e que, portanto, os discursos de entrada no espaço público, possuem várias portas de acesso. Mas poderia simplificá-las em três básicas:

A porta da frente, a lateral e a dos fundos, ou, como é dito, a dos cidadãos de primeira, segunda e terceira categorias, respectivamente.

Há outras, muitas combinações de outras portas por detrás das quais ocultam-se as categorias dos excluídos da língua.

Os que não podem se nomear pois não ousam dizer seus nomes (e mesmo que os dissessem, ninguém parece estar interessado em ouvi-los). Ao contrário, quicá para dominá-los, como corresponde ao "senhor", são rebatizados para continuarem escravizados às linguagens epistemológicas.

Aprisionados ao "não-dito" (ou ao "mal-dito"), que ética poderiam construir que não fosse a clandestina, marginal (à língua), perversa, nebulosa, anônima? E tudo mais que quisserem.

Me convenço mais a mais a cada dia, que a entrada do excluído (dito perverso) às semióticas públicas, acarreta, concomitantemente a possibilidade de ser castrado, pelo próprio efeito do discurso.

Não que os falantes deixem de ser perversos, sabemos que há muitos bem próximos do sagrado que o são, embora falem em nome de Deus; ou até por isso. Deus garante o que falo. Meu pai garante. Freud explica.

Refiro-me ao ingresso como sujeito do desejo, capaz de construir para "si mesmo". uma ética. A Ética da liberdade de ir e vir (de transitar) e de poder escolher, desalienado, o modo mais apropriado (mais próprio) de ser e de estar no mundo, como diz Mariana Friedrich.

Ao tornar-se público, mediante o recurso denominado "visibilidade - ou - assumir-se" (assinar embaixo, responsabilizando-se pela obra, sempre sujeita a críticas, deboches e aplausos), ganha o direito humano por excelência: o da vida. Pagando o preço que isto custa, que é a perda do "gozo do nirvana". Mas adquirindo (apenas) a dor e a delícia do seu Gozo-diferente.

Fazendo uma retranscrição de Freud, a respeito do “mal estar da civilização”, por Nelson Brissac Peixoto, em: *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade* (Ed. Prasiliense, 1982), encontramos que “Freud sistematizaria a idéia, comum à época, de que o ‘princípio do prazer’ só existe para aqueles que assumem riscos contra a ordem. A cultura, como instrumento e expressão sublimada da civilização a do progresso, se ergue portanto, sobre o cadáver do desejo e do gozo. É fruto da repressão. Daí a vontade de destruição da cultura e da ordem, a recusa atual de adiar a felicidade”.

A respeito da bissexualidade, o criador da psicanálise parece ter silenciado a seus leitores como o fizera com seus discípulos, por exemplo Ferenczi, “algumas poucas coisas pessoais...”, apesar de ter escrito para Jung, que seu companheiro de viagem, cliente e discípulo, Ferenczi, tinha-se “comportado de maneira sumamente receptiva e passiva, deixando que se fizera tudo por ele, como uma mulher, e minha homossexualidade ainda assim não chega a aceitá-lo como tal (...)” Diz Freud (descrito assim em: *Serge André - A impostura perversa*, Jorge Zahar Editor, pp. 51-52, 1995).

Freud trata a bissexualidade na sua obra com o distanciamento de um “cientista”, ao passo que Groddeck (outro contemporâneo), se apresenta bissexual. “Foi em 83 que me fizeram aquela observação de mau augúrio sobre o onanismo - diz George Groddeck, no *Livro D’Issa*, p. 189, Ed. Perspectiva, 1984 - logo depois peguei escarlatina e, quando me curei, fui tomado pela paixão por aquele colega com o qual passeava no pátio do convento e que eu beijava. () Eu falei dos desmaios do meu irmão - prossegue - e eu os considero como tendo um papel particularmente importante no desenvolvimento da minha homossexualidade”.

Por sua vez, Freud se irritava e acusava Groddeck de misticismo, apesar de posteriormente ter admitido que este “era um ‘soberbo analista’ que atingia as camadas mais profundas do inconsciente-, carta a Groddeck em 1921.

Mesmo assim, Freud insistia nas bases químicas da sexualidade, embora aceitasse as sugestões de Fliess, quem também abordava o tema correlato da bissexualidade, sendo que Freud posteriormente iria considerar como um “fator decisivo”, se bem que sua opinião final sobre a atuação desse fator o tenha colocado em desacordo com Fliess. Em 1897 Freud se viu forçado a abandonar sua teoria da sedução, simultaneamente com sua descoberta do Complexo de Édipo.

Chamou os bissexuais de “invertidos anfigenos” (ou hermafroditas sexuais), considerando que faltava o caráter de exclusividade na inversão ou levando em conta a ocasionalidade.

Em 1906, W. Fliess reclamou para si a propriedade da idéia da bissexualidade (no sentido de dualidade do sexo), e mais tarde Freud se rendeu numa nota de rodapé (*Três ensaios*, pp. 134-135).

Freud escreve que “em matéria de sexualidade, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos em consequência dessa franqueza geral, um certa dose de tolerância quanto às questões sexuais” (*Obras completas*, Vol. 3, 1893-1899).

Diz também “dos germes infantis da perversão, as zonas erógenas, e a predisposição para a bissexualidade” (Vol. VII, *Três Ensaio sobre a se-vita lidade*).

Faz correlação entre pares de opostos, sado-masiquismo, masculino-feminino, ativo-passivo, como combinações da bissexualidade... e acrescenta: “Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão” (*Três ensaios*, p. 150).

Finalmente, no volume XXI, 1927-1931, sobre o futuro de uma ilusão, Freud que já havia escrito: “Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher. (...) A libido é masculina pois a pulsão é sempre ativa (...) cada pessoa exibe uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto. E ainda uma conjunção de atividade e passividade.- Agora, ele parece concluir: “O homem é um organismo animal com (como outros) uma disposição bissexual inequívoca”.

Mas a psicologia, a despeito da anatomia que pode prová-la, não pode.

Tudo isto acontecendo na República de Weimar, com a liberação dos costumes alemães, num período pré-nazista.

Indicação de leitura: *O Templo*, Stephen Spender. Ed. Rocco, 1989, p. 105.

“Não importa o que dizem as letras em neon vermelho, mas a mancha de fogo que as reflete no asfalto”.

Rua de mão única, Benjamin, 1928.

O ENIGMA BISSEXUAL: O CAMINHO DA SEXUALIDADE DO FUTURO

“O agenciamento do conteúdo a de expressão não cai do céu - diz Félix Guattari, p. 41, *O inconsciente maquinico: ensaios de esguizo-análise*, Ed. Papyrus, 1988.

O conteúdo e a expressão não são ligados um ao outro por virtude do Espírito Santo: no “início” dos agenciamentos de enunciação, não se encontram nem o verbo, nem o sujeito, nem o sistema, nem a sintaxe... mais: componentes de semiotização, de subjetivação, de conscientização, de diagramatismo e maquinismos abstratos.

Os sistema de correspondência e de tradução entre os estados da língua e os da cultura, tanto num plano sincrônico, não caminham por si mesmos?

Quando parecem participar do senso comum é porque são tratados de modo apropriado para responder a este fim. Todas as significações, todos os modos de semiotização, devem ser reportados a seus agenciamentos de enunciação. É destes que depende o grau de autonomia do plano de conteúdo sobre o qual se inscrevem a regulação de seu ângulo de significação em relação às condições locais do triângulo semiológico, isto é, no fim das contas, sua capacidade semiótica de “ter na mão” um sub-conjunto dado do mundo mutável da representação e dos morfemas do referente, conservando sua própria coesão funcional no quadro das sintaxes dominantes. O Estatuto do Sujeito não repousa pois num jogo de significante, como quer a psicanálise estruturalista (...).

A separação entre o sujeito e o outro; a lei e o plano de conteúdo corresponde sempre ao de objetos particulares de poder. O conteúdo não cristaliza um mundo universal, mas uma mundaneidade marcada por campos de força contingentes, centrada em sistema bem precisos de ressonância subjetiva. As redundâncias fálicas, por exemplo, não dizem respeito a uma função simbólica universal, mas a poderes masculinos, instituições autoritárias, traços de aparência repressivos bem particularizados.

Numa matéria de capa publicada pela revista *Istoé*, em 18 de outubro de 1995, lê-se (...) “Nos Estados Unidos os que assumem sua bissexualidade se reúnem em movimentos com força e identidade próprias.

Praticamente todas as escolas e universidades americanas possuem agremiações de bissexuais, e os grupos desta orientação já somam 1.400 no mundo todo (...).

“O verbo que eles usam para definir seu comportamento é ‘transitar’ (...) Não se trata de uma opção sexual solidificada, mas de uma espécie de abertura aritmética”.

Diz também que no Brasil não há grupos assumidos por causa do estigma provocado pelo HIV ou por se tratar do “país do carnaval”.

No entanto, “espera-se” que dentro de duas ou três décadas, a maioria das pessoas seja bissexual.

Nesta mesma matéria, Camille Páglia refere-se aos bissexuais como sendo: “orfãos de famílias desintegradas, mentalmente francos a culturalmente débeis”. “Trata-se de uma regressão”, acrescenta, mas preve para o próximo milênio, esse comportamento como norma universal, pois é um modismo - e a moda, segundo consta, pega.

Voltando a Freud, na sua famigerada “psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” - Obras *completas*, vol. XVIII, além do princípio do prazer, etc., 1920-22 - “O homossexualismo nas mulheres, que certamente não é menos comum que nos homens, embora muito menos manifesto, não só tem sido ignorado pela lei, mas também negligenciado pela pesquisa psicanalítica”. Muitos psicanalistas pós-freudianos a até os atuais, continuam tentando, como Freud fizera, “remover a ‘inversão genital’ da mulher que não sentia nenhum conflito pela sua sexualidade - per-se - e consideram, como o mestre considerava, um êxito ter facilitado a restauração das funções bissexuais plenas (?) de pessoas restritas ao homossexualismo”.

Teríamos, conseqüentemente, de fazer o mesmo com o heterossexualismo? Pois se as “funções plenas” estão na bissexualidade... ora...

Se continuo a deixar fluir autores e pensamentos, à dispersão deste ensaio resultará infinita. Penso que é chegada a hora de propor algum tipo de recolhimento possível, neste tema tão controvertido, para que tenha lugar o debate (pois esse é o objetivo).

Estou convicto de que o desejo humano não pode ser nomeado a não ser através de significantes (construtos simbólicos sócio-culturais), para os quais tem se considerado a objetividade - afinal, o nome é sempre para o outro da cultura ou para outro da fala.

Bissexual já é um destes nomes que agencia verbos, sujeitos e talvez sistema e sintaxes.

Se bem que minha postura clínica é anti-estruturalista, pois não vejo como um analista poderia “categorizar” os clientes que atende?... Por outro lado, me interesso pelo destino social destes clientes que se auto-denominam “bissexuais”, pois pretendo ajudá-los a adentrarem na

língua pela porta principal dos significantes. Paradoxal?

Acompanhei durante um ano um grupo (análise do grupo), composto por sete indivíduos que se auto-denominavam: bissexuais. E continuo acompanhando-os individualmente, após a dissolução do grupo.

Além, como já disse, de outros tantos que sempre atendi em sessões individuais.

E considero por ora como um êxito, o fato de tê-los visto libertar-se das -atuações” que os impulsionavam a uma sexualidade dita por eles, como “paralela”, clandestina e freqüentemente, desprotegida frente ao risco de contaminação pelo vírus da AIDS. Pois assumir um sexo mais seguro, implicava em assumir muito mais do que isso.

Poucos destes, no entanto, conseguiram o salvoconduto da parcela heterossexual com que se relacionam, seja sexual ou afetivamente, mantendo ainda o paralelismo, hoje ampliado, à parcela de vínculos afetivos com outros bissexuais ou homossexuais. Identificados em parte, pelos laços a lugares discursivos. O lugar do oprimido, que o bissexual parece atribuir-se parcialmente.

Todavia, creio ter ouvido a mais ampla e variada gama de solicitações, que vão de Gays ou Lésbicas que ocultam sua “porção” heterossexual, pelo temor de represálias heterofóbicas, até outros ditos “heteros”, pedindo ajuda para sentir “tesão” por indivíduos do mesmo sexo, pois após várias tentativas, haviam fracassado nesta empreitada.

Para concluir, creio importante recortar duas questões, a meu ver, fundamentais.

A- Na clínica psicanalítica não há bissexuais, como não há nenhuma outra categoria sexual. Na clínica há sujeitos desejantes, com suas especificidades discursivas, significantes da neo-língua.

B- No social há bissexuais, mas não há um discurso identificatório ou continente, que possa ser utilizado como ponto de referência cultural.

Por ora há uma cisão em paralelo, onde o semblante do sujeito adentra pela porta da frente e a “sombra” o faz pela dos fundos, de preferência no escuro, em ponta de pés e gozando da adrenalina do enganador.

O que sem dúvida e bastante divertido, mas pode custar um preço exorbitante.

Por não falarmos aqui em inibição, sintoma e angústia.

Ou. para falar nisso, e para encerrar, citarei dois exemplos da clínica, onde a abordagem visa a desalienar o sujeito, e deixo em aberto o discurso político, onde, entre todos, construiremos uma vida melhor.

O CASO DO HOMEM BISSEXUAL

Baseando-se em Freud, vejo múltiplas identificações. Ruptura do Ego, por identificações separadas. Identificação primitiva, com o pai. Ambivalência: de um lado é igual, de outro, o odeia. Ele mostra que tem esse “pau duro” do pai, para ter a mãe. Mas também traz uma parte da mãe dentro de si. E Ego fica em parte identificado com o pai e em parte, com a mãe. De um lado é igual, de outro a odeia.

Uma porcentagem identificado com o homem, outra com a mulher.

Dupla identificação: Bissexualidade e ambivalência, pois o ideal do Ego cobra identificação exclusiva. E o Super-Ego cobra que seja igual a mãe e ao pai. (Freud dizia que o ato sexual sempre acontece entre quatro indivíduos. Dois homens e duas mulheres, intercalados).

No caso do meu cliente, ele quer ser amado, ficando numa posição passiva-amorosa. A angústia se dá quando aquele/a que o ama vá embora.

Ambivalência: de um lado a realização do Édipo e de outro, o repúdio. Está dividido, mas não como acredita em homo e hetero, e sim em amor - e ódio. Perante estas duas forças conflitantes parece ficar passivo.

Ao chegar a análise o amor é predominante. No percurso, o ódio começa a aumentar.

Ele procura relacionar-se com homens e mulheres, mas com homens o que importa é olhar. O olhar é que está sexualizado (pois o pai o olhava em sigilo). Ele transforma-se em “exibicionista” para esse pai “vouyeur”. No entanto, não se permite demonstrar prazer com isso. Não pode achar graça nenhuma, pois apesar de gostar da sensação de estar sendo olhado pelo pai, não podia demonstrar pois estava com raiva dele. Digamos, excitava-se ao sentir olhado pelo pai, mas não podia mostrar pois estava com raiva pelo abandono. Assim, se comportava indiferente. Para evitar a humilhação,

Não pode aceitar que odeia, porque ama. Não pode aceitar que ama, porque odeia. A melhor solução é a indiferença. Além do que, o amor pelo pai, dasapontaria a mãe, também abandonada.

Esta é a prisão. Não a bissexualidade. Livre do ódio, provavelmente poderá amar: homens e mulheres, se quiser.

O CASO DA MULHER BISSEXUAL

A sexualidade dela vai mal. Com mulheres esta vinculada ao afeto com a mãe. Com homens, parece estar em função do narcisismo.

Ela defende a idéia de que é o homem que deve trabalhar e sustentar a casa, coisa que o pai dela não fez, empurrando-a a este lugar. Queixa-se de pagar para ter afeto. Faz com as pessoas o que queria que o pai (ou a mãe) fizessem com ela. Pagar tem o sentido de dar afeto. Mas significa também o oposto. Se tem dinheiro não precisa do afeto dos pais. Logo a queixa é: falta de amor. Assim ela procura um analista que a ame. Me diz: “quero sua ajuda para gostar somente de homens”. Eu ouço: “Quero ajuda para gostar somente do meu pai”.

O curioso é que a vivência heteroerótica é uma vivência perversa, que lhe exige algum tipo de lei. Mas a única lei que encontra é abandonar o preservativo quando gosta do homem. Há um critério: gostar do homem. Mas um gostar extremamente sexualizado. Um afeto está ligado ao pai. Ligado ao gozo. Mas um gozo perigoso, sem lei. Outro afeto está ligado a mãe, afeto de carícias.

O conflito básico parece o da: liberalidade X juízo. Na falta de pai ela fica solta, sem limites. Precisa de um pai para colocar uma ordem. Mas tem que ser um pai que a ama.

Depois de uma infância dedicada ao pai, voltou-se para a mãe e tentou uma simbiose narcísica, mas era tarde. Os homens não lhe dão o que quer e as mulheres querem dinheiro.

As mulheres lhe roubam o tesão. Os homens a abandonam. De qualquer maneira está excluída (ou sente-se) desta família.

O juízo é a morte. A morte do desejo, a crítica tão temida. A vida é a liberalidade. Goza na liberalidade, mas não dá. Muito menos hoje em dia. Não dá para ficar engolindo esperma. Não dá para ficar engolindo emoções.

A ambos a mãe deu-lhes a vida (como a todos nós, é claro), mas depois lhes roubou. É uma mãe que dá e tira. A ambos, o pai abandonou-os (será, como a todos nós?).

Não conseguem estar bem em lugar nenhum. Ficam sempre procurando, mas não vão achar lá fora o que procuram. Pois procuram a existência deles. Procuram amor, mas quando encontram, ficam deprimidos.

Parece que estão buscando um pai e uma mãe razoáveis. Estão buscando um pouco de regra nessa loucura toda da família.

As mães querem nas duas pessoas: filhos e maridos. Desse jeito elas, as mães, não têm que lidar com suas próprias perdas. Obrigam os filhos a sofrer por elas.

E quem não gostaria de uma família melhor?

Como poderão ver, estas histórias em pouco diferem das histórias habituais de todas as pessoas.

Os que buscam por ali, “causas” da bissexualidade, perdem seu tempo. De minha parte, busco por ali a libertação dos clientes da prisão que representa o “desejo do outro” (o desejo materno).

Com a convicção de que posteriormente poderão viver suas próprias vidas e construir (resignificar) suas próprias identidades.

Eu creio que este sim seja o “sexo do futuro”, como proclama a Istoé, mas para todos nós.

Os sujeitos dos discursos, que nós auto-denominamos de “Eu” e cristalizamos a ação mediante um verbo: “sou”... Talvez um dia “Transitemos”. “Transitar” é preciso?

A aventura amorosa do casal contemporâneo **4**

Ana Lúcia Stipp Paterniani*

Através da leitura crítica e comentada de diversos autores sobre o tema, procuramos enfocar os aspectos sociais que influenciam a relação do casal.

A justificativa da escolha do nosso objeto de estudo pode ser resumida nas palavras do psicanalista Abraham Turkenicz (1995): “Não parece haver muita dúvida: a cultura humana recomenda que o viver em casal seja um importante recurso ou de construção de felicidade ou de evitação de infelicidade para a imensa maioria das pessoas”. E acrescenta: “Para imitar as gerações anteriores, por uma astúcia da espécie, para uma divisão operacional das tarefas cotidianas, pelas razões que forem, a verdade é que as pessoas continuam constituindo casais. Vivemos numa época em que os casais se desfazem em quantidade como nunca antes na história humana. Isso só ocorre porque as pessoas não deixam de formar casais também em grandes quantidades” (1995).

* Psiquiatra. Pós-Graduada em Educação Sexual pela SBRASH
Recebido em 16.12.95

Aprovado em 28.12.95

Essas constatações nos intrigam e nos dão a impressão de que as pessoas buscam na relação de casal a realização de um objetivo que nem sempre é atingido, um ideal de felicidade que quase nunca é alcançado. O psicoterapeuta Roberto Shinyashiki (1990) ilustra bem essa situação:

“Aparentemente, um casamento é algo muito fácil: duas pessoas se amam, querem construir suas vidas juntas, desejam a mesma coisa e se comprometem a consegui-la juntas. Mas, assim como as crianças dos contos de fadas, as pessoas acabam se desviando dos seus objetivos e das instruções que elas sabem que têm que ser seguidas. E, de repente, o casal João e Maria encontra-se perdido no meio da floresta, prisioneiro de bruxas”. Shinyashiki compara o casamento com a floresta encantada e o casal com as crianças dos contos de fadas:

“Os caminhos parecem ser fáceis, mas eles guardam dentro de si perigos, ciladas e armadilhas que exigem virtudes de heróis e sábios para se conseguir chegar ao objetivo. Numa floresta encantada, encontram-se os pássaro,; com os cantos mais maravilhosos, as flores com os perfumes mais inebriantes, mas também a maçã envenenada da Branca de Neve, ou a maldição da Bela Adormecida” (Shinyashiki, 1990).

Talvez o maior conhecimento dos atalhos e das ciladas desse caminho, que é a vida a dois, auxilie cada vez mais casais a atingirem o seu objetivo. Para que possam gozar o exercício do amor e da sexualidade de uma forma livre e plena, desfrutando os prazeres e alegrias da vida em comum a que têm direito. Por isso o interesse em estudar os fatores sócio-culturais relacionados ao sucesso e felicidade dos casais, bem como os que impedem ou desviam desse caminho. Este trabalho pretende trazer a sua modesta colaboração nesse sentido.

“O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes da nossa vida. Deviam também governá-la”.

(Wilhelm Reich)

1. EM DEFESA DO DESEJO - UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA

“AS motivações para a formação e manutenção dos casais são muito variadas mas há um predomínio crescente, pelo menos a partir do século XVIII. de casais por inclinação. Possivelmente este seja um dos mais importantes indicadores contemporâneos” (Turkenicz, 1995).

Para compreender melhor os aspectos no que se refere ao amor e à sexualidade na nossa época atual, consideramos importante fazer um breve histórico. O professor Jean-Louis Flandrin (1988), especialista em história do amor e da sexualidade, justifica essa necessidade:

“As dificuldades que nós mesmos encontramos em nossa vida atual, não as herdamos também do passado”? E vai além: “Em realidade não somos livres para recusar nossa herança: ela está grudada à nossa pele. E quanto mais quisermos ignorá-la, mais seremos seus Prisioneiros”.

Esse autor quer nos fazer entender que, da mesma forma que a psicanálise tenta encontrar no passado das pessoas a causa das suas dificuldades atuais, também devemos dar atenção ao nosso passado coletivo. Uma vez que também somos seres sociais, talvez também possamos aprender coisas úteis com os nossos antepassados.

*“Na parede da memória
essa lembrança
é o quadro que dói mais.*

*Minha dor é perceber
que apesar de termos
feito tudo que fizemos,*

*Ainda somos os mesmo
e vivemos como nossos pais”.*

(Antonio Carlos Belchior)

1.1. Nos primórdios da civilização: o amor selvagem

O autor Marcel Blanc (1994) em seu interessante livro “Os herdeiros de Darwin” explica a possível origem do bipedismo como sendo uma necessidade adaptativa dos machos de deixarem as mãos livres para levarem os alimentos à prole e à fêmea. Outra interessante observação desse autor é que as fêmeas da espécie humana não apresentam sinais externos de ovulação e período fértil. Isso a “obrigaria” de certa forma manter o macho sempre por perto para garantir a reprodução da espécie. Baseado nesses e em outros dados, o autor concluiu que possivelmente os casais eram monogâmicos e que a função desse arranjo seria de ordem econômica, reprodutiva e sexual basicamente. Acrescenta porém que a

diversidade e versatilidade de costumes da natureza humana na esfera da sexualidade têm explicações num sentimento mais profundo: o Amor. E admite a presença deste como também sendo responsável pela atração e união dos casais desde os primórdios, mesmo que não fosse o motivo principal naquela época.

*“Quem, de três milênios,
não é capaz de se dar conta
vive na ignorância, na sombra,
à mercê dos dias, do tempo”.*

(Johann Wolfgang Von Goethe)

1.2. A Grécia Antiga: a origem de Eros

“A mitologia helênica é uma das mais geniais concepções que a humanidade produziu. Os gregos, com suas fantasias, povoaram o céu e a terra, os mares e o mundo subterrâneo de divindades principais e secundárias. Amantes da ordem, instauraram uma precisa categoria intermediária para os semideuses e os heróis. Superando o tempo, ela ainda se conserva com toda a sua serenidade, equilíbrio e alegria. Prodigamente, alimentou a literatura e as artes através dos séculos. A cultura ocidental deve-lhe muito do espírito e do sentido, senão do próprio fato de existir. Os primeiros mitos brotam, pois, da projeção imaginativa que o homem faz das máximas funções da vida: nascimento, amor e morte. E sintetizam tudo que o homem, mediante a inteligência e o sentimento, conseguiu conquistar em face de uma vida que não solicitou, de uma morte que o amedronta e de um amor que o domina” (Enciclopédia Mitologia).

Algumas versões sobre a origem do amor (extraído da Enciclopédia Mitologia):

“Contam os órficos (fiéis seguidores dos ensinamentos do poeta Orfeu), que a Noite era uma ave negra de enormes asas. E, fecundada Pelo vento, pôs um ovo de prata no seio da escuridão original, entre o Céu que havia acima, e a terra que jazia embaixo. Do ovo saiu Eros, o Amor Universal. Eros não gostava de viver escondido nas trevas. For isso sob a luz de Fanes (a Luz) que até então se guardava no ovo de prata, o Amor começou a desnudar a natureza. E uniu o Céu e a terra num abraço violento e apaixonado, do qual nasceu tudo o que faltava nascer”.

Outra versão nos conta que...

“O amor nasceu da Pobreza e de Recurso. Por isso o Amor herda da mãe e permanente carência e o destino de andarilho a do pai a coragem, a decisão, a energia e a astúcia. Das heranças reunidas decorre sua sina singular: nem mortal nem imortal. Ora germina a vive - quando enriquece. Ora morre e de novo renasce. Perenemente transita entre viver, morrer e ressuscitar-. Já a versão do poeta grego Hesíodo mostra que...

“Primeiro surgiu o Caos - espaço aberto, matéria informe. E em seguida a Terra e Eros, o Amor, criador de toda a vida”. Essa colocação de Eros logo no começo da seqüência do nascimento dos deuses é intencional e importantíssima: o Amor, força universal de atração é que justifica a união dos seres mortais e imortais. Eros surge pois, com um caráter que conservará para sempre: o de mediador, o intermediário, o que mescla os princípios oposto levando ao equilíbrio e à harmonia. Mas de todos os pensadores antigos foi Platão (427-347 a.C.) o que mais se dedicou a debater o Amor, chegando mesmo a torná-lo um dos pontos centrais de sua construção filosófica. Em seu diálogo “O Banquete”, Eros, o Amor, é o medidor entre a sensibilidade e a compreensão pura das coisas.

Somente mais tarde, na época Alexandrina, é que Eros passa a assumir o aspecto de menino travesso, cujo os caprichos são o tormento dos deuses e homens. Para ressaltar a sua imprevisibilidade, irracionalidade e inconstância. Eros torna-se Cupido, uma criança alada que fere os corações com suas flechas. Acontece que Eros acaba ferido pelas próprias setas e apaixona-se pela princesa mortal Psiquê (Alma) e desse romance decorre uma série de aventuras até que Psiquê recebe o privilégio da imortalidade, casa-se com Eros e dessa união nasce... Volúpia!

Nessa estória de Eros e Psiquê, quem tenta por todos os meios atrapalhar a felicidade dos dois são Afrodite (a mãe ciumenta de Eros) e as irmãs da princesa Psiquê.

Talvez uma das lições importantes que podemos aprender com os nossos sábios antepassados gregos é que a Família (na figura de sogros, cunhados, etc.) muitas vezes pode interferir na relação de casal e ser fator de discórdia, Poder perceber os sentimentos de ciúmes e inveja que permeiam tais relações e sobretudo preservar e respeitar um espaço de confiança, privacidade e intimidade só do casal, pode ser uma atitude saudável e terapêutica para a maioria dos casais.

Pelas ricas estórias sobre o Amor nessa época, conclui-se que este sentimento era muito valorizado. Apresenta-se tanto com características divinas, voltadas ao espírito (Agape) bem como humanas, voltada aos prazeres do corpo (Eros).

1.3. A Idade Média: amor sagrado x amor profano

Com a vinda do cristianismo e o fortalecimento da Igreja, o Amor passa a ser valorizado na sua forma mais espiritual, voltada para Deus, marcado pela dedicação e renúncia. Ao mesmo tempo há uma forte repressão aos prazeres da carne e portanto o amor sexualizado é visto como algo inferior, indigno dos amores sublimes, algo a ser feito somente com prostitutas e considerado pecaminoso. A Cruzadas também favoreciam essa condição de amor platônico e idealizado. Vejamos o relato do historiador Flandrin (1988):

“O estatuto do amor no século XVI tinha cânticos de amor platônico e cânticos do amor carnal. Por outro lado, os moralistas eclesiásticos tinham a tendência a condenar a paixão amorosa sob todas as formas, sem se preocuparem em distinguir, como se têm feito muito no século XX o verdadeiro amor do simples desejo. As ligações conjugais tinham por função estabelecer alianças entre famílias e assegurar a transmissão de heranças, os namoricos arriscavam na realidade subverter a ordem social”.

A Igreja condenava todo amor profano como contrário ao amor sagrado. Insistia inclusive sobre os perigos do amor entre esposos. Ao longo da Idade Média os teólogos repetiam: “Adúltero é também aquele que é por demais ardente e apaixonado por sua mulher”.

“Fara a antiga moral cristã, a sexualidade nos é dada somente para procriar e qualquer outro uso seria perverter a obra de Deus” Flandrin (1988).

Por isso herdamos dessa época toda a culpa que acompanha o prazer do exercício da sexualidade, mesmo entre os casados. Só há pouco tempo a Igreja Católica exalta o amor conjugal a exemplo dos Protestantes, mas ainda condena o uso de contraceptivos. Em outras palavras, ainda não aprova o exercício da sexualidade sem finalidades reprodutivas.

“O que mais se pode pedir além de afogar-se na enorme onda do amor, e ser derrotado como ser humano, mas ser vitorioso como alguém capaz da amar. Amantes de Deus, amantes de outros seres humanos, das criaturas grandes ou pequenas! Na aparente derrota do amor, renascemos de novo, a esta é a única razão que temos para continuar na Terra “.

(Henry Miller).

1.4. O Renascimento: amor conjugal x amor filial

*“Vai, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho...
Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias da tua vida fugaz...”*
(Eclesiastes, 9,7,9).

Os teólogos receavam que a austeridade excessiva poderia fazer o casamento perder o seu papel social. Houve então um certa liberalização dos costumes o que trouxe efeitos benéficos para a estabilidade do casamento.

Com o início da industrialização, a família vai deixando de ser uma unidade de produção para passar a ser unidade de consumo: Dentro desse contexto é interessante limitar o número de filhos.

“Do século XVI ao século XIX, as contradições se agravam entre o direito sexual dos esposos e seus deveres para com seus filhos, e esse processo me parece ter favorecido a introdução da concepção no comércio conjugal” (Flandrin, 19813).

OS filhos podem ser um fator de união e intensificação do amor de um casal. Mas a sua presença também pode trazer à tona conflitos geradores de tensão quando não bem compreendidos. Assim, a chegada dos filhos provoca muitas mudanças na vida do casal.

Muitos casais voltam toda a sua energia para os cuidados e educação dos filhos e se esquecem de cuidar do amor e da sedução necessários para a saúde da relação. Enganam-se pensando que o amor dos adultos não necessita tanta dedicação e investimento. Acontece que acabam se distanciando como namorados e a relação pode se tornar bastante fragilizada. Algumas relações se mantêm por causa dos filhos e acabam perdendo a razão de ser quando estes partem de casa.

*“Filhos ... Filhos.’
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-los?
Como saber
Que macieza
Nos seus cabelos
Que cheiro morno
Na sua carne
Que gosto doce
Na sua boca”.’*

(Vinícius de Moraes)

1.5. A nossa época contemporânea: triunfo do desejo e do amor

“A vida e o comportamento sexual no ser humano podem apresentar uma vasta gama de formas e maneiras de se mostrar. Tais formas e maneiras podem ser adequadas ou inadequadas dependendo do contexto cultural, social, histórico e científico”.

(Rodrigues Junior, 1991)

O historiador Flandrin (1988) realizou um estudo da frequência da palavra amor nos títulos de obras literárias e científicas. Observou que os sentidos da palavra amor variavam conforme a época dentro de um contexto mais religioso ou mais profano. Observou ainda que o estudo desse tema sempre gerou interesse. Na época atual, o sentido da palavra amor diz respeito tanto a sentimentos como afeição e ternura bem como sentidos como prazer, volúpia e gozo. “O amor é agora, no seu todo, um valor absoluto de nossa civilização. Hoje ninguém parece duvidar da santidade do amor, e sobretudo não a Igreja Católica, ao menos quando se trata de um amor verdadeiro que interessa ao mesmo tempo o espírito, o coração e a sexualidade. Nossa sociedade não aceita mais a idéia de que se possa casar, nem mesmo se continue casado, sem desejo e sem amor. E, inversamente, o casamento nos parece tanto o resultado necessário do amor, que os falsos amores levam ao divórcio e a um novo casamento” (Flandrin, 1988).

A maioria dos autores concordam com essa opinião:

“Nas famílias modernas, estudando as relações não só entre marido e mulher mas entre todos os seus membros, veremos que essas se apóiam essencialmente em laços afetivos” (Delta Torre, 1985).

“Tem havido um importante interesse dos casais contemporâneos em que a relação entre os envolvidos tenha por eixo cada vez mais o desejo recíproco e menos a obrigação” (Turkenicz, 1995).

O que se observa atualmente é um menor número de uniões formais, mas não de união de maneira geral. Ou seja, se ampliaram as modalidades de relações de casal.

As mudanças sociais ocorridas através dos tempos, levaram a quatro tendências universais e que repercutem diretamente nessas várias modalidades de relações de casal. Vejamos cada uma delas separadamente:

1.5.1. O aumento da expectativa de vida

Esse fator aumenta as chances de crise no relacionamento. Além disso, as pessoas têm maior tempo disponível para tentar novas relações.

Neste contexto, não deve nos admirar nem que as uniões livres sejam a primeira escolha quanto às modalidades de relações de casal, nem que tenham aumentado significativamente o número de separações. As uniões livres deixam os protagonistas com mais agilidade seja para juntar-se, seja para separar-se.

1.5.2. Diminuição dos índices de natalidade

O grau crescente de preocupação dos pais com seus filhos, o custo da educação e pouco tempo disponível dos pais por ambos trabalharem fora, determinam uma necessidade da limitação no número de filhos. Concomitantemente, há um avanço na tecnologia dos contraceptivos. A diminuição da fecundidade faz com que a procriação não seja o elemento central do casal.

“Faz sentido a vida em casal mesmo quando por opção dos interessados, não sejam gerados filhos” (Turkenicz, 1995).

1.5.3. Maior participação das mulheres no mercado de trabalho

Esse fato trouxe grandes e profundas mudanças para o casal e para a estrutura familiar. A mulher passa a ser independente e colaborar no orçamento doméstico. Por outro lado, as crianças ficam mais sozinhas necessitando de creches ou babás. Nos homens há um misto de alívio, por não serem mais os únicos responsáveis pela manutenção do lar, e de insegurança por sua mulher ter se tornado mais independente. Para as mulheres, essa situação traz uma série de conflitos e um acúmulo de tensões pela dupla jornada.

1.5.4. Aumento dos índices de divórcio

Os adeptos da natureza indissolúvel do casamento vem diminuindo de maneira significativa. Ao ir desaparecendo o caráter sagrado do casa-

mento, conseqüentemente diminuem também os sentimentos de culpa por uma eventual separação, tirando desta o caráter de sinistro. As separações consensuais passam a ser mais comuns e encaradas com mais naturalidade pela sociedade. Isso diminui o impacto psíquico sobre os casais separados que muitas vezes sentem-se até mesmo mais livres e aliviados com a separação.

2. CASAIS CONTEMPORÂNEOS: UM COMPLICADO CAMINHO POSSÍVEL

“A mecanização do sexo, a vivência sexual precoce sem nenhum preparo, a gravidez indesejada, o sexo utilizado pelo homem para competir e pela mulher para mostrar que é liberada, o sexo usado para consumo dos mais diferentes produtos e a desvinculação do afeto do sexo, são frutos de uma reação à repressão sexual que vivemos durante décadas. Como a maioria das reações a situações muito opressoras, ela vem violenta e desequilibrada. Numa próxima evolução, chegaremos ao sexo sem medo e sem culpa, como fonte de enriquecimento da pessoa” (Suplicy, 1983).

A nossa época carrega as marcas das épocas anteriores e é caracterizada por uma grande ambigüidade na esfera sexual.

A mulher já não aceita uma vida sem prazer sexual. For outro lado, ainda sente o peso da repressão e tem receio de ser desvalorizada socialmente se ousar um comportamento sexual mais liberado.

Para os homens, a dificuldade é conjugar o erotismo e a ternura. Foram educados numa época onde esses sentimentos eram dissociados. E agora são cobrados pela sociedade e pelas suas parceiras para associá-los.

Estamos todos aprendendo a não há como buscar receitas nos livros dos nossos pais ou avós, pois os valores são outros. A alternativa que os casais buscam é procurarem juntos a melhor forma de se relacionarem nos dias de hoje. Daí a razão de tão diversos padrões de modalidade de relacionamento de casais.

Os adolescentes brasileiros dos anos 90 também inventaram a sua fórmula de ir experimentando a companhia do sexo oposto e as atividades eróticas iniciais: “o ficar”.

“Descreve-se como ficar uma modalidade de relacionamento que Possivelmente já existia antes, mas que são os adolescentes brasileiros dos anos 90 que conseguem dar-lhe um nome, eliminar os eventuais

ingredientes condenatórios por seu caráter efêmero e superficial e, através do seu uso, consagrá-lo no vocabulário, podendo então nomear relações deste cunho, mesmo que não ocorram entre adolescentes” (Turkenicz, 1995).

O advento da A.I.D.S e da informática também provocam mudanças nas relações de casal. Parece que a A.I.D.S. funciona como um freio à prática erótica do tipo “Quanto mais, melhor”.

A informática trouxe a alternativa de propiciar aos seus usuários a oportunidade de realizarem suas fantasias sexuais sem riscos de se contrair doenças. Como desvantagem, as pessoas ficam mais isoladas do convívio social e muito voltadas para si mesmas.

3. ENQUANTO FOR BOM

O que se observa atualmente é que a união em casal vem, cada vez mais, sendo um assunto apenas dos diretamente interessados.

“A constituição do casal já não necessariamente une mais duas famílias mas sim duas pessoas” (Turkenicz, 1995).

Tanto as uniões como as separações levam em conta, cada vez mais, os sentimentos dos protagonistas.

A formalização legal da união vem sendo preterida por muitos casais por diversas razões. Porque isso expressa o desejo de outros familiares mais do que do próprio casal, na maioria das vezes. Alguns casais sentem que a moldura legal para o sentimento amoroso acaba aprisionando-os. Outros ainda consideram que a união legal torna-se um complicador considerando a perspectiva possível de uma separação.

A tendência das relações atuais é uma obrigatoriedade de durar por toda a vida, mas sim enquanto for boa. Porém a cada nova relação, os protagonistas renovam também as esperanças na vida em comum. As pessoas buscam na relação de casal ampliar seus horizontes e enriquecer-se como seres humanos. A relação continua enquanto houver desejo recíproco para tanto.

*“Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure “.*

(Vinícius de Moraes)

4. CASAL E GÊNERO

“Gênero se refere a uma construção social que alude às características culturais e psíquicas e ao significado que cada sociedade atribui, de forma diferenciada, a mulheres e homens (valores, sentimentos, condutas, etc.)”.

(Turkenicz, 1995)

Com as mudanças sociais e econômicas que se produziram ao longo deste século, os papéis de gênero deixaram de ter o valor e o sentimento social que lhe eram atribuído antes.

A tecnologia dos eletrodomésticos e as escolas substituíram parte das funções das mulheres como donas de casa e mães. Estas deixaram de ser valorizadas e estão perdendo o seu lugar e o seu papel na sociedade. Ao mesmo tempo, a exigência social de que a mulher exerça um trabalho rendoso fora do lar e a expectativa de que tenha um comportamento sexual mais liberal, podem gerar conflitos, angústias e insegurança para a mulher que não foi educada para isso.

Uma sensação de insatisfação decorrente desses fatores é comum na mulher moderna. E ela pode erroneamente culpar o seu relacionamento quando a problemática é bem mais complexa. Observamos pessoas trocando de parceiros como se isso fosse a solução de seus problemas e não a resolução dos próprios conflitos em meio a tantas mudanças sociais.

Há mulheres culpadas por gostarem de ser apenas donas de casa. Há mulheres culpadas que, apesar de terem potencial, parecem não conseguir êxito na carreira profissional. Enfim, a mulher ainda está em busca de definições para o seu papel na sociedade atual. O homem, por sua vez, pode ajudá-la para com amor e compreensão, reencontrarem o caminho perdido.

*“Que haja espaços na vossa junção.
E que os ventos do céu dancem entre vós.
Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão:
Que haja, antes, um mar ondulante entre as praias de vossa alma.
Dai o vosso coração, mas não o confieis à guarda um do outro.
Pois somente a mãe da Vida pode conter vosso coração
E viveis juntos, mas não vos aconchegueis demasiadamente:
Pois as colunas do Tempo erguem-se separadamente.
E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro”.*

(Kalil Gibran)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O NAMORO APESAR DA CRISE

OS sentimentos de solidariedade e cumplicidade talvez sejam os principais responsáveis pela alegrias da vida em comum. O amparo e o conforto de uma relação de casal satisfatória faz com que as pessoas continuem apostando e se arriscando nessa opção.

A maioria dos terapeutas de casais considera que o exercício da Sexualidade seja um ingrediente básico para a manutenção do vínculo e da qualidade da relação. Pequenos gestos, olhares, presentes e atenções garantem a permanência do desejo e do prazer, da alegria e encantos da vida a dois.

Mas em meio a toda essa crise social, pacotes e planos econômicos, as pessoas por vezes não encontram tempo, lugar e disposição para namorar.

*“Namorados, namorados,
não os vejo mais alados,
sublimes, alcandorados,
nos miríficos estados
de êxtases multiplicados
em horizontes dourados
de mundos ensolarados.
Estais casmurros, calados
entre carinho cansados
e sonhos desanimados.
Que vos sucedeu, coitados?
Acaso foram arquivados
os projetos encantados,
alvo de finos cuidados,
pelos dois armazenados?
Onde os férvidos agrados,
os toques maravilhosos
de vossos dias passados
Namorados, namorados,
deixais-no desarvorados!*

*Diviso em vossos semblantes,
diversos dos crepitantes,
abertos e fulgurantes
sinais festivos de antes.
Já não sois doces amantes,
não carregais, exultantes
o suave peso de instantes*

*que pareciam diamantes
 nos volteios elegantes
 dos jogos inebriantes
 e nos beijos delirantes
 quando adultos são infantes
 buscanclo refrigerantes
 inda são mais excitantes.
 Já não sois os bandeirantes
 de descobertas faiscentes.
 Diviso em vosso semblantes
 amarguras humilhantes.*

*Chegou-me a resposta no ar,
 após muito meditar
 e livros mil consultar:
 A inflação tentacular,
 com guantes de arrebentar,
 ferrou-vos na jugular.
 Vosso anseio de morar
 em casinha à beira-mar
 ou qualquer outro lugar
 desfêz-se tio limiar.
 A recessão de lasciar
 nem vos deixa respirar,
 e de empregos, neste andar,
 quem ousa mais cogitar?
 Um pacote singular
 De rigidez tumular
 desaba no patamar
 da pretensão de casar.
 Chegou-me a resposta no ar:
 não dá mais pra namorar”.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Talvez o antídoto para esse pessimismo seja só esse mesmo: o amor.
 Tentar encontrá-lo a sobretudo preservá-lo em meio a essa crise
 toda é tarefa para heróis. Que tentemos sê-los!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. EELCHIOR, A. C. in *Fascinação*. Elis Regina (Como nossos pais) Polygram; 1989.
2. BLANC, M. *Os herdeiros de Darwin*. São Paulo, Ed. Página Aberta Ltda, 1994.
3. DELLA TORRE, M. B. L. *O homem e a sociedade*. São Paulo, Ed. Nacional, 1985.
4. DRUMMOND DE ANDRADE, C. *Amar se aprende amando* (A lamentável história dos namorados). Rio de Janeiro, Ed. Record, 1985.
5. ENCICLOPÉDIA MITOLOGIA. São Paulo, Ed. Abril Cultural, vol. I.
6. FLANDRIN, J. L. *O sexo e o ocidente*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
7. GIBRAN, K. *O profeta*. Rio de Janeiro, Ed. Record.
8. GOETHE, J. W. D. in GAARDER, J. *O mundo de Sofia*. São Paulo, Cia de letras; 1995, p. 180.
9. MILLER, H. in *Folha de S. Paulo-Maktub* (Paulo Coelho). 10/1 1/95.
10. MORAES, V. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1979, p. 77, Soneto de Fidelidade; p. 161, Poema Enjoadozinho.
11. REICH, W. *A função do orgasmo*. São Paulo, Ed. Erasiliense, 1987.
12. RODRIGUES JUNIOR, O. M. *Objeto do desejo*. São Paulo, Ed. Iglu, 1991.
13. SHINYASHIKI, R. *Mistérios do coração*. São Paulo, Ed. Gente, 1990.
14. SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. Rio de Janeiro, Ed. Voles, 1983.
15. TURKENICZ, A.- *A aventura do casal*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1995.

Adolescente e drogas 5

Ruy de Mathis*

O uso de drogas não é um fato novo na história da humanidade. Há registro de uso de substâncias tóxicas a mais ou menos 4000 anos antes de Cristo. Este uso era normalmente associado a funções religiosas por seus líderes comunitários. Na antiga China seu uso era espalhado pela população em geral.

Hoje temos vários fatores desencadeantes onde os jovens, e principalmente estes fazem uso de elementos estranhos a necessidade orgânica e social para poderem ficar alienados, isolados ou hiper-ativos do mundo que vivemos.

CONCEITOS

O abuso de drogas é também conhecido na literatura por dependência física, psíquica, emocional, hábito, vício, toxicomania e mais adição de drogas e farmaco dependentes. Preferimos o termo abuso, porque além da

* Psicólogo. Psicodramatista.
Recebido em 08.01.96

dependência as drogas também causam fenômenos de abstinência e mantêm o adolescente em *constante estado de preocupação*.

Dependência é a urgência de tomar a droga; os fenômenos de abstinência se caracterizam por dores, palpitações na ausência da droga; no ponto de vista psicológico o fato mais importante é a preocupação com a droga.

No púbere a no adolescente, é o estado de preocupação que causa a ruptura com o meio ambiente, impedindo sua adaptação na família, na escola no trabalho, e nos relacionamentos heterossexuais; o jovem passa a buscar somente as fontes que correspondam as suas necessidades determinadas pela preocupação pela droga.

Com o abuso ocorre, além da marginalização social, a facilitação para crimes contra propriedade e contra as pessoas, perda de conceitos éticos ou morais e continua deterioração da personalidade.

Vamos encontrar na literatura alguns sinônimos para o termo dependência tais como:

Usuário, dependente, drogado, drogadito, adicto, toxicômano, droga dependente e viciado entre outros; os especialistas usam as expressões acima para desicgnar o jovem.

O drogadito é sempre dominado por angústia e temores cuja a realidade os transformam em sentimentos insuportáveis para seu ego. A insegurança em si próprio e o medo de ser destruído demonstram pela constância com que se evidenciam e a intensidade com que se apossam deste tipo de personalidade, que a estrutura do (eu) do toxicômano potencial é notavelmente fraca.

CAUSA DO ABUSO

São múltiplas as teorias sobre o abuso; podemos quase dizer que se igualam em números aos trabalhos publicados. Cada autor tem uma teoria: a conclusão é pois que é suficientemente válida, ou todas têm falhas. O que está notório é que a escalada do abuso de drogas é crescente e os tratamentos têm sucesso muito reduzido.

Freqüentemente em reuniões de especialista uns não entendem os outros em terminologia e teorias. Existem as mais variadas abordagens: as drogas passam a ser estudadas pela especialidade químicas e farmacológicas, psiquiátricas, sociológicas e morais, legais e penais. Poderíamos dizer que a adição é um sintoma de alguma deficiência ou carência químico-psicológico-ético-social no indivíduo ou na sociedade.

A preocupação mascara o que esta subjacendo no indivíduo e o que ele não é capaz de enfrentar. A preocupação faz o indivíduo buscar a droga e não o que ele realmente precisa, seja prazer, compensação para frustrações afetivas, revoltas com o status social, inseguranças sexuais, excesso de lazer e sintomas psicológicos e psiquiátricos.

A preocupação com a droga faz o indivíduo se alienar do que acontece entre sua pessoa e o meio. A preocupação cria o abismo entre o eu e o mundo.

O novo impulso, o de dependência, se desenvolve à semelhança dos outros impulsos, que uma vez despertados precisam encontrar sua satisfação. É um impulso artificial que tem as mesma manifestações dos instintos ou impulsos naturais.

O importante para nós é descobrir precocemente o que a preocupação esta mascarando, se é problema social, religioso, ou se é de substrato bioquímico.

DEPENDÊNCIA PSÍQUICA E PSICOLOGIA

É uma situação onde há uma satisfação e uma atitude que requerem uma periódica e continua administração de droga para produzir prazer ou evitar desconforto. Esse estado mental segundo a OMS é o mais poderoso de todos os fatores envolvidos na intoxicação crônica. Com certos tipos de drogas, ele pode ser o único fator envolvido. Já a dependência física é um estado adaptativo que se manifesta por distúrbios físicos quando se suspende a droga; esta dependência é um poderoso fator no reforço da influência da dependência psíquica do uso contínuo de uma droga.

Quais são as circunstâncias que levam ao uso das drogas de forma tão insensata? Há pessoas que acredita que tomando essas drogas estão aumentando sua capacidade intelectual, ou que com isso adquirem coragem "Psicológica" para enfrentar dificuldades sociais ou profissionais ou ainda serem sexualmente mais capazes.

Há no entanto vários fatores bio-psico-sociais, farmacológico, e ambientais no uso da droga.

KRAMER e CAMERON, acreditam que a explicação dessa prática envolve:

1. Manifestação de desordem de caráter.
2. Manifestação de desvio comportamental delinqüente.

3. Tentativa de auto-tratamento por meio de pessoas que sofrem distúrbios psíquicos ou reação devido um stress social ou econômico uma frustração, ou ainda doença depressiva, ansiedade e fadiga crônica.

4. Meio de não ser aceito socialmente em subcultura.

5. Manifestação de lesão metabólica.

6. Parte de uma rebelião contra valores sociais convencionais relacionados ao prazer.

7. Comportamento apreendido.

8. Resultado de pressões socio-culturais.

O dependente de drogas não consegue desenvolver, realizar suas responsabilidades sociais, o que com frequência faz com que seja rejeitado. Essa rejeição é agravada pelas mudanças no modo de vida no caráter que passa a apresentar.

Muitas vezes o que pode levar uma pessoa ao uso de drogas são também os fatores ambientais. Quando o indivíduo recebe uma quantidade de estímulos provenientes do meio ambiente em que vive, acima de sua capacidade de absorção de respostas, de integralização, ele entra em stress, sua homeostasia é quebrada. Da mesma forma ambientes sem estímulos podem levá-lo ao desequilíbrio.

Enfim estímulos ambientais e psicossociais podem levar a desvio do comportamento, pois eles afetam diretamente as características emocionais dos indivíduos. Vários são os aspectos psicológicos e psicopatológicos para os farmacodependentes, dos quais citaremos os mais significativos:

1) Curiosidade:

Normalmente esta é uma das características básicas do adolescente que, continua e continuará sendo o maior contingente de pessoas que usam drogas. Movidos pelo desconhecido e por buscar situações novas eles acabam esbarrando e/ou usando drogas de forma constante.

2) Busca do Prazer (Imediatismo):

Vivemos uma cultura do resultado imediato, do prático, do acelerado. Resultante imediato de estruturas frágeis de Ego, associadas ao grande incentivo de nosso tempo para as coisas, fatos e objetivos que se apresentam rapidamente e de saciação imediata.

3) Contestação:

Em função da fase evolutiva que o jovem se encontra normalmente ele busca estruturas de acessos antagônicos aos sociais, seu elemento de afrontamento familiar e social.

4) Pressões Grupais (Amigos, Clubes, Bairros):

Na fase de adolescência o grupo exerce papel importante e fundamental na opinião dos jovens. A aderência a estrutura grupal de amigos, e a fidelidade aos próprios, passa a ser um elemento de grande peso nos jovens. O vínculo e a relação estabelecidas entre jovens é de muita fidelidade, o que na maioria da vezes não é entendida pelos pais que se sentem colocados à margem da vida dos filhos.

5) Solidão:

Buscando sempre complementar a falta existente dentro de si, em suas relações de vida. Muitas vezes o ser humano está próximo das pessoas, mas normalmente longe das relações afetivas. O vínculo sempre é muito pobre e estéril.

6) Sentimento de rejeição:

A busca da droga serve como cumplicidade das grandes dificuldades encontradas por estes indivíduos desde jovens até adultos. O se sentirem rejeitados ecoa dentro de si como sentimento de abandono.

7) Distúrbios das estruturas de personalidade:

As estruturas neuróticas e psicóticas fazem o papel complementar das grandes influências que jovem se depara, essas estruturas não resolvidas irão manifestar-se como um dos sintomas na busca das drogas.

8) Não suportar frustrações:

Existe um linear entre conformar-se passivamente com as perdas e rebelar-se agressivamente contra as derrotas. Para aliviar as frustrações o jovem pode lançar mão da negação de sentimentos e buscar o fortalecimento de suas estruturas de onipotência.

9) Não credibilidade de seu potencial:

Sentimentos de desvalia e um sentimento de auto-valorização baixo, normalmente em função de vários insucessos de sua vida.

10) Insatisfação constante:

Pouco satisfeito com o que faz, sempre buscando saídas mágicas e mirabolantes.

11) Gosto pela novidade, perigo:

Sempre incorpora a busca da novidade e perigo muito rapidamente, sendo essas características então integradas facilmente em um circo vicioso onde o mecanismo de perda e ganho passa a acontecer com enorme velocidade.

12) Auto destruição:

Ao usar qualquer coisa contra si, o autodestrutivo consegue minar suas próprias energias. Tem que acabar com algo dentro e fora de si pois acreditam que tudo de ruim está consigo próprio ou ao seu redor e o bom fora de si.

13) Necessidade de ser aceito pelo grupo:

O ser igual é ter o mesmo poder de “maturidade” como na fase pubertaria/adolescente o agrupamento normalmente se dá pelos mesmo objetivos de vida, então ser igual é ter o mesmo poder.

14) Insegurança social:

Sempre ligada com a capacidade de ser aceito pelo grupo de amigos. uma coleção de insucessos, uma punição exagerada ou não) junta, angustia vivida no dia-a-dia sem poder resolvê-las, as dificuldades afetivas relacionais fazem do jovem um grande alvo para o uso de drogas.

15) Síndrome amotivacional:

Quando as forças vitais estão diminuídas. A capacidade de reação está fragilizada com forte embotamento afetivo. Torna-se distante, pouco afetivo consigo próprio e com seus familiares e amigos. A passividade e o baixo limiar de frustração são características que reforçam sua conduta. Seu grande perigo é desencadear quadros psicóticos.

Estas características são as mais importante nos quadros ocasional, abusivo ou crônico no uso das drogas. A necessidade de experimentar uma droga natural ou sintética é um indício negativo. A procura da necessidade de alterar-se psicologicamente nos revelam características de um ego frágil pouco saudável e pouco resistente em situações do dia-a-dia.

Segundo Rosenfeld, a droga em última instância, “é um meio no qual o toxicômano para aniquilar todo e qualquer objeto e ‘situação frustradoras e persecutórias”.

Por fim ao nosso ver o ponto central da dependência é a relação do crescimento do jovem com as características próprias da adolescência e a sua entrada na fase adulta.

Nos dias atuais a facilidade e a oferta contribui muito para a droga dependência e é em função desta ameaça social que nós profissionais da saúde deveremos estar atento no sentido de ajudar o jovem e sua família com a orientação adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DELPIROU, A.; LABROUSE A. *Coca-Coke São Paulo*. Ed. Erasiliense, 1990.
2. *Estratégica nacional para controle das drogas, serviço de divulgação e relações culturais dos Estados Unidos da América (USIS)*, 1990.
3. FIORINI, H. *Estruturas e abordagem em psicoterápias*. RJ, Ed. Francisco Alves, 1989.
4. GRUNSPUN, H. *Abuso de drogas psicoativas na adolescência*. In MARCONDES E. M.: *Pediatria Básica*, SP, Sarvier, 1978.
5. OLIEVENSTEIN, C. *A droga*. SP, Brasiliense, 1992.
6. MATHIS, R. *Psicoterapia com adolescentes drogados*. Trabalho para Título de Especialista em Psicodrama pela FEBRAP, apresentado n° I, Sedes Sapientiae, 1992.
7. MATHIS, R. *34% dos alunos de escola paga provaram droga*. Entrevista a Folha de S. Paulo em 19.02.90.
8. MATHIS, R. *Adolescência e legislação*, no I Encontro Nacional sobre Políticas de Prevenção na Área da Educação. Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, março de 1994.

Sexualidade e menopausa: crise da reprodução ou produção da crise? **6**

Marise Bezerra Jurberg*
Paulo R. B. Canella**

RESUMO

São discutidos aspectos ligados não somente ao controle médico exercido em relação à mulher, através da medicalização em diversas fases de sua vida reprodutiva, mas também o controle social a que são submetidas, principalmente quando esta função desaparece, na menopausa. A relação entre seus papéis de reprodutora de indivíduos e de produtora de bens e de serviços é analisada em função das diversas formas de controle sobre a sexualidade feminina, concluindo os autores pela necessidade de se pensar em uma crise "produzida culturalmente", cujos estudos e pesquisas devem ser contextualizados.

ABSTRACT

Medical control on women's reproductive functions, by medicines, as well as social of their sexuality are discussed, mainly during menopause.

* Doutora em Psicologia-USP; Prof. do Mestrado em Sexologia/UGE

**Doutor e Livre docente em Medicina/UFRJ; Prof. do Mestrado em Sexologia/UGF e do Mestrado em Ginecologia/UFRJ.

Recebido em 03.03.96

Aprovado em 12.03.98

Relations between their reproductive and productive roles are analysed regarding the different forms of control on feminine sexuality; the authors concluded that we must think on a "culturally constructed" crisis during menopause and that studies and researches on this subject must be contextualized.

INTRODUÇÃO

O climatério, durante muitos séculos, foi visto como etapa fisiológica marcante, não só da interrupção da vida reprodutiva como também da vida sexual das mulheres. Não se criticava a velhice - rara na época - a qual não era (ou não podia ser) objeto de contestação da natureza. O homem e seu saber curvavam-se às imposições do destino; havia muita acomodação e muito fatalismo. O climatério era aceito como uma pro-priedade do ser feminino, assim como a ciclicidade menstrual e as capacidades de gestar e amamentar. A parada da fertilidade era aceita como inerente à idade e, regra geral, ela encerrava-se quando a mulher completava 20 ou 25 anos de idade, pois era excepcional o parto após a primeira metade da terceira década de vida. Os filhos nasciam cedo, pois cedo era o casamento e, embora o normal fosse ter muitos filhos, estes nasciam nos primeiros anos do vínculo matrimonial. A sexualidade também era, na época, precocemente encerrada, se a considerarmos em seu nível genital, em virtude da atividade sexual da mulher estar subordinada aos desejos masculinos.

O orgasmo era igualmente uma prerrogativa masculina, sendo considerado desnecessário e mesmo mal visto nas esposas, nas mulheres "de bem", cuja única tarefa estava restrita ao papel de mães; era aceito apenas nas amantes e prostitutas, que estavam reservadas ao prazer dos homens. Com a entrada da mulher na força de trabalho - como mão-de-obra mais barata - surgida com a criação das fábricas, durante a Revolução Industrial, os padrões de produtividade eram aferidos comparativamente aos desempenhos masculinos; é justamente a ciclicidade, característica da fisiologia feminina a que lhe garantia a fertilidade e o "status" de reprodutora, no domínio privado, que vai tornar irregular seu desempenho no nível público, incluindo negativamente na função produtiva da mulher. Como afirmam Hirata e Kergoat (1994), "a classe operária tem dois sexos"; embora o termo classe pretenda denotar uma homogeneidade entre os gêneros, esta não existe, na realidade. Diversas obras, provenientes de

diversos campos das ciências sociais, tem demonstrado a discriminação social dirigida às mulheres. (Saffioti, 1979; Bruschini, 1992-b)

A medicina, chamada a examinar a questão, constrói entidades mór-bidas como a dismenorréia e a Síndrome de Tensão Pré-Menstrual (STPM), inicializando-se a medicalização da mulher, com a finalidade, na verdade, de levá-la a um desempenho semelhante ao do homem, ou seja, que ela fosse “sadia” como ele. Observe-se, entretanto, que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, constantes na compilação de Valdez e Gomeriz (1993), as mulheres submetem-se muito mais a técnicas de esterilização (25,4 a 42,6%) do que os homens (0,2 a 2,95%) e também são estas que se atribuem, majoritariamente, o uso de anticoncepcionais. Os valores masculinos tornaram-se, assim, a base das lutas pela emancipação da mulher.

O direito ao voto, o acesso a tarefas antes exclusivamente masculinas, o controle da fertilidade pela anticoncepção, foram gradativamente sendo conquistados, representando alguns dos marcos da mudança social das mulheres. A gestação, o parto e a amamentação tornavam-nas menos produtivas e mais caras aos empregadores, obrigando-os - moral e depois, legalmente - a arcarem com as despesas de proteção à mãe e à criança.

A resultante foi a longevidade do ser humano, com uma vida média que eleva-se gradativa e significativamente. A menarca vem se antecipando e a idade da última regra (menopausa) surge cada vez mais tarde, com a atual expectativa de vida da mulher, que pode passar os últimos 30 a 35 anos de vida sem a função reprodutiva.

A luta pela igualdade entre homens e mulheres é bem recente e, segundo Yannoulas (1994), a problemática da igualdade, até o século XVIII, nem sequer havia entrado nas preocupações dos diferentes estudiosos. Acreditava-se que as diferenças entre os sexos eram naturais. As discussões iniciais mantinham a concepção de que “homens e mulheres foram concebidos iguais por natureza”, mas, pela primeira vez, evidenciou-se um discurso racionalista, sobre a origem social ou cultural dessas diferenças, “derivadas de processos de socialização distintos” para homens e mulheres. (p. 7).

Tal temática limitou-se, durante anos, à oposição entre as teses racionalistas e as teses essencialistas; para esses últimos, sendo homens e mulheres diferentes por natureza, em suas essências, não haveria como eliminar tais diferenças, enquanto, para os primeiros, tais as diferenças sociais poderiam ser eliminadas, se eliminada fosse a dominação patriarcal.

Somente em nosso século - na segunda metade da década de 80 surge um terceiro tipo de interpretação, baseada nos trabalhos de Hannah Arendt (1979:1986): o discurso pluralista de Françoise Conin (1956), que afirmando ser possível resolver teoricamente esta questão, a não ser que passemos ao campo político. A luta feminista, portanto, focaliza-se mais no plano ético-político do que no campo teórico, como assinala Jurberg (1989). Em sua análise do movimento feminista no Rio, destaca, a autora, a passagem da luta das mulheres pela simples igualdade de direitos e deveres para a igualdade de direitos e o “direito às diferenças”, conceitos esses exaltados no “slogan” defendido no Brasil, nos anos 80: “different does not mean less”.

Ainda segundo Yannoulas (op. cit.), “o suposto universal feminino ou essência feminina, via de regra, acaba voltando-se contra as próprias mulheres de carne e osso, sob dois tipos de mecanismo: ou justificando a discriminação, ou julgando negativamente, como ‘traidoras’, aquelas que não condizem com a norma fixada como universal” (pág. 9).

A noção de pluralidade, tão presente nos escritos sobre a Condição Humana, de H. Arendt (1986), reúne conceitos antagônicos como público e privado, igualdade e diferença; se pensarmos na crítica que a autora faz aos conceitos modernos de sujeito e de igualdade (esta no sentido de homogeneidade), vemos que a existência de ambos os conceitos pressupõe a existência dos “não sujeitos políticos”, ou seja, dos “excluídos” as minorias sociais, na concepção de Moscovici - grupos esses que, embora sem direito à palavra ou à ação, paradoxalmente serão os únicos sujeitos potencialmente políticos, a partir dos quais contar-se-á com a possibilidade de ações e mudanças sociais.

Atualmente, diversos autores (Bourhis & Cole, 1992; Doniol-Shaw & Lerone, 1993) introduzem a necessidade de se analisarem as relações de gênero dentro de uma análise da distribuição do poder, aspecto que permeia as relações de dominação-submissão entre outros grupos sociais.

A liberação sexual e o direito (hoje, quase obrigação) ao orgasmo acabaram por mudar as relações entre os gêneros, mas as diferenças entre homens e mulheres não conseguiram ainda alterar as relações de dominação/submissão, posto estarmos muito longe de uma igualdade que se alicerce não em juízos de valor, mas em que se respeitem as diferenças, como assinala Jurberg (1994).

OS avanços técnicos das últimas décadas melhoraram as condições básicas e a qualidade de vida, em especial no que concerne à alimentação, ao saneamento, assim como ao controle do grande número de doenças infecto-contagiosas. Assim, da concepção à gravidez, do parto ao puer-

pério, da menarca à menopausa, fecha-se um círculo em torno da mulher, principalmente no que concerne a um controle médico sobre seu corpo, que deve obedecer às novas tecnologias que vão sendo criadas (Jurberg, 1992). Entregue seu corpo ao imaginário técnico da prática médica, por toda a sua vivência de sexualidade, o corpo feminino é, atualmente, como ressalta Borges (1989), “denominado pela eficácia e precisão de um saber que se crê absoluto sobre a vida, a morte, a dor e o sofrimento” (p. 62).

Não só as instituições sócio-existenciais participam desse jogo de “alianças estratégicas”, como ratificam Grassi et al. (1994) “entre instâncias de disciplinamento social e a instituição familiar”; além das práticas médicas e assistenciais, a divulgação pelos meios de comunicação de massa assumem praticamente o controle dos comportamentos dos indivíduos em instâncias que escapam da autoridade ou da tutela familiares. Percebendo a importância das representações simbólicas presentes no discurso médico, Mitjavila e Echveste (1994) tentam compreender o que elas denominam de um “universo consideravelmente amplo de questões sociais” ligadas ao tema de-reprodução; assim, as autoras tentam atingir as dimensões sociais envolvidas nos padrões de normalidade, com pretensões socializadoras a dirigidas ao exercício do controle e da interferência médica em assuntos que fogem à sua atuação precípua, como o são a medicalização da reprodução humana e das relações de gênero.

Segundo Canena (1987), a relação médico-paciente, em ginecologia, só resulta em bons resultados quando se individualiza o cliente, percebendo-o como único face às suas múltiplas experiências, seja, quando o cliente não é tratado como parte de um quadro avaliado segundo uma determinada característica.

Desenvolveu-se, assim, um trabalho intenso ligado à preservação da saúde e à criação e manutenção de boas condições de vida para as mulheres que atingem a chamada terceira idade; exames e medicações preventivos, assim como a preconização de cuidados de saúde, levam cada vez mais essas mulheres a buscarem o médico. Os serviços de saúde vêem-se assoberbados com a procura, cada dia maior, dos cuidados médicos requisitados pelas mulheres que estão no climatério e na terceira idade. Os serviços especializados englobam não só a necessidade de dar assistência como, paralelamente, de observar, periodicamente, a medicalização.

Na década de 50, surgiram os primeiros ensaios que preconizavam o uso de hormônios para essas mulheres, com a idéia de que deveriam imitar a fisiologia reprodutiva que cessara por injeção biológica. Estas tentativas, falhas pelos riscos que podem advir da terapia de reposição hormo-

nal (câncer de mama e do endométrio, dentre outros riscos), não impediram a pesquisa e a prescrição de novos hormônios, em função das novas formas de verificar sua ação. Exaltam-se suas eventuais relações com a proteção para certas doenças e como estímulos à sexualidade na terceira idade, o que acabou por criar um mercado consumidor potencial e real; calcula-se que este último venha a ser, no Brasil, de 8 a 9 milhões de mulheres, no ano 2000. Quanto aos aspectos clínicos da utilização de hormônios no climatério, Canena (1991, 1995) acentua que a terapia hormonal possui importância significativa nos sintomas, mas suas alegadas qualidades, em relação ao custo-benefício, são duvidosas e devem ser melhor avaliadas. O “marketing” em busca de consumidores que constituam o mercado de vendas é intenso e, além de atingir seu público-alvo - as mulheres - também desenvolve e cria necessidades através dos profissionais de saúde que prestam assistência a esta população. OS produtos cosméticos, o turismo e as ações de saúde ditas “preventivas” são os principais alvos dos vendedores. Cultua-se a juventude, vendem-se métodos ilusórios de retardar a velhice, estimula-se a sexualidade, mas desenvolve-se, paralelamente, o lucro pela manipulação de uma “doença” fabricada, sem se falar dos riscos inerentes à utilização indiscriminada da terapia hormonal. Diversos autores, entretanto, tem defendido o uso de hormônios, como Blutter (1986), em cujo livro *Love and sex after 40*, discute as formas de administração da terapia de reposição hormonal, em função das suas vantagens e face ao grande número de sintomas que acometem as mulheres nesta fase.

Na medida em que nos propomos a discutir questões relacionadas à mulher no climatério, temos que abranger não só as questões de gênero, ou seja, o caráter relacional implícito na sexualidade, mas também as ligações entre gênero e idade. Para isso temos que entender a velhice enquanto uma categoria ou um grupo social bem definido, cujos integrantes devem igualmente seguir certas normas e padrões exigidos pela sociedade, para aqueles que chegam a essa fase da vida. Normas e padrões esses que são diferenciados de acordo com o sexo, se pensarmos a dupla discriminação a que as mulheres são submetidas nessa fase: enquanto mulher e enquanto idosa. Apesar do otimismo de alguns autores, que defendem a meia-idade como a melhor época da vida (Fiske, 1981), ou encarando a menopausa como um tempo de renascimento (Mankowitz, 1986), em seu recente livro *Veras* (1995), aponta as dificuldades a serem vencidas para que se atinja um envelhecimento digno para o cidadão do futuro.

A passagem da mulher para a velhice, segundo Debert (1994), implica em perder sua valorização, exclusivamente pautada em seu papel reprodutivo e pelo cuidado com a prole; para a autora, “essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas” (pão. 33), citando, entre eles, o abandono dos filhos, a viuvez (na sociedade em que as mulheres possuem uma taxa maior de sobrevivida, haverá maior número de viúvas do que de viúvos). assim como as debilidades e perdas físicas e psicológicas que advém com a idade, estas últimas comuns a ambos os sexos.

Para outros autores, o envelhecimento feminino seria mais suave que o masculino, na medida em que a ruptura com a cessação do trabalho e com a aposentadoria seria mais conflituosa para os homens, em termos das mudanças bruscas de papéis sociais.

A gerontologia sempre acreditou que a velhice seria algo homogêneo, desprezando as possíveis correlações com outras variáveis, como o sexo, a etnia, a classe social, dentre outras. A hipótese da diversidade, entretanto, justifica investigação na área. Ao contrário do que se pressupunha, a velhice não produz seres assexuados e provavelmente, ela “também tem dois sexos”. Para isto, há que se considerar as múltiplas faces com que os papéis sexuais e sociais masculinos e femininos podem se apresentar, evoluir e se modificar nessa faixa etária. A maioria dos estudos psicológicos sobre gênero e envelhecimento, segundo Debert (op. cit.), tendem a “considerar que a androginia caracterizaria as etapas mais avançadas da vida”, ou seja, papéis (masculinos e femininos) valores e atitudes tenderiam a homogeneizar-se com o avanço da idade.

Evidenciar-se-ia, assim, ou o caráter “unissex” da velhice, com uma correlata concepção assexuada do idoso; por uma característica comum - a faixa etária - todos os membros desse grupo passariam a compartilhar igualmente todos os estereótipos associados ao ‘grupo como um todo. Como ressalta Jurberg (1994), este tipo de lógica implica em uma visão dicotômica da realidade, segundo a qual o mundo seria dividido em grupos marcados por diferenças “insuperáveis”, tais como: homem-mulher, branco-negro, primeiro e terceiro mundo, normal e desviante, e, evidentemente entre jovens e velhos, fornecendo as bases para a discriminação social e legitimando a exclusão social de grande parte da população mundial. Esse tipo de lógica, para a autora, ainda é comum em pesquisas psicológicas e remontaria ao modo de pensar ou à lógica aristotélica, que tem influenciado o pensamento ocidental durante séculos. Diversos autores acentuam igualmente a necessidade de planejamentos de pesquisa mais abrangentes (Veras e Dutras, 1993), de pesquisas que

considerem o sexo do investigador (Huici, 1984), ou mesmo de uma renovação nas pesquisas sobre relações sociais de sexo (Fougeyronas-Schwebel, 1995).

O termo terceira idade, preferido atualmente para referir-se às pessoas idosas ou “velhas”, tem proliferado, atualmente, inclusive por não apresentar (ainda) conotação depreciativa à semelhança do que aconteceu com a denominação “países subdesenvolvidos”, que passaram a ser designados “países em desenvolvimento” e que, atualmente são melhor referidos como “países do terceiro mundo”. O que não significa, no entanto, que tenham se abolido os preconceitos e estereótipos que acabam por contaminar quaisquer das denominações.

Fica a mulher, no climatério e na terceira idade, exposta a um discurso de valores paradoxais. No tema da sexualidade, estimula-se o coito e a masturbação e ignoram-se os objetos e os meios necessários à consecução destas atividades e à expectativa criada de realização sexual. Neste estado de coisas, não sabemos como reage essa mulher, quais os seus juízos sobre o assunto, que conhecimentos sobre sexo ela possui, nem como reage aos estímulos para o exercício de sua sexualidade. Ignoramos, igualmente, em que medida seus hábitos, sua vida de família, seus relacionamentos, suas condições sócio-econômicas, constituem fatores facilitadores ou complicadores na passagem por esta fase de suas vidas, ou seja, como os aspectos sócio-afetivos repercutem em sua sexualidade e nos cuidados com seu corpo e sua saúde física e mental.

Em função da multidiversidade de fatores ligados à sexualidade, também multifacetados devem ser os objetivos daqueles que tentam conhecer melhor as questões que envolvem este tema e que devem incluir, em seus estudos, as representações sobre o envelhecimento.

Para Debert (op. cit.), tais representações tem mostrado algumas semelhanças, tanto para os homens quanto para as mulheres, mesmo (e apesar) das diferenças sócio-econômicas. Dentre as questões discutidas Pelo autor, em suas pesquisas, evidencia-se a não aceitação, pelos sujeitos entrevistados, de sua condição de “idosos” uma vez que “todos os informantes procuram estabelecer uma distinção entre os velhos em geral e sua participação pessoal”, ou seja, eles próprios, enquanto velhos, seriam diferentes da maioria dos idosos. Tal fato demonstra que, mesmo os membros de uma mesma categoria ou grupo social reproduzem os estereótipos vigentes, ao tentarem não serem incluídos dentro do grupo considerado inferior. Há que se considerar, entretanto, que os informantes faziam parte, durante a realização das entrevistas, de programas da UNATI.

Outro aspecto relevante, encontrado em ambos os sexos, foi a distinção entre passado e presente, que caracterizaria a fala dos sujeitos da pesquisa em questão.

Quanto às dissemelhanças nas respostas de homens e mulheres, concluem os autores que, para as mulheres, “o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar suas próprias regras” (p. 48). Seriam “perdas indesejadas e sofridas”, mas que ao mesmo tempo, estavam possibilitando maior liberdade e autonomia; para os homens, as representações do envelhecimento são associados não à independência, mas à lucidez, “ao conhecimento profundo da realidade social e política em que vivem” (op. cit., pág. 49).

Para Bruschini (1994.a), “sem uma profunda reformulação na organização familiar, sem uma família mais igualitária”, não haverá condições para a conquista da cidadania pelas mulheres (pág. 31); e não enquanto a sociedade não efetivar as “mudanças na forma discriminada e de elevado custo social para o trabalho” (p. 30). Outros aspectos da divisão social e sexual do trabalho, assim como da qualificação profissional, enquanto permeada pelas relações de gênero, têm sido discutidos nos cadernos editados pelo GEDISST (1993).

O que se depreende das representações acima é que precisamos caracterizar e analisar, em nosso trabalho, não só o tipo de relacionamento familiar (as atribuições tidas como masculinas ou femininas, como o sustento do lar ou os cuidados com a casa e a educação dos filhos), mas também o exercício ou não de atividades profissionais (anteriores ou atuais) pelas mulheres que hoje estão no climatério ou na menopausa. As mulheres estudadas na pesquisa anterior, já na terceira idade - e portanto com mais de 65 anos de idade - não tiveram suas ocupações domésticas e/ou profissionais analisadas e o fato de terem ou não uma dupla jornada de trabalho, ou seja, de possuírem um trabalho ou uma profissão de que gostassem e se orgulhassem (à “moda masculina”) poderia provocar diferentes sentimentos e representações igualmente diferenciadas em relação ao envelhecimento, face à aposentadoria ser associada, também nesses casos, a algum tipo de perda, como nos homens. Da mesma forma, seu espaço público deve ser diferente do espaço público do homem, mesmo no caso de terem exercido alguma profissão, como comprovam diversos estudos sobre as diferenciações de gênero no trabalho. A “domesticidade” dessas mulheres deve, igualmente, ser diferenciada da vivência doméstica das mulheres que não exercem nem exerceram nenhuma profissão.

Não somente as relações familiares devem ser estudadas, mas também as mudanças históricas por que passou a instituição da família, assim como as formas alternativas pelas quais ele tem se apresentado atualmente: essa “nova família”, como a denominou Figueira (1987), apesar do quanto ela conserva em comum com as que a precederam.

Relacionada a este tema está a relação entre sexo e trabalho, ou sobre a autonomia relativa da produção; Daniene Chambaud (1987) distingue a produção de mercadorias - baseada nas relações antagônicas entre o capital e o trabalho - das relações sociais implicadas na reprodução dos indivíduos. Inicialmente vista como algo natural, a produção de indivíduos mereceu a atenção somente enquanto resultado das relações sexuais entre homens e mulheres. Descontexualizada, a relação sexual, de seu caráter social, ela não foi, durante muito tempo, incluída nas teorias do capitalismo. Acrescenta a autora que “estando a família fora da produção capitalista, o importante é assegurar a reprodução das forças de trabalho sobre as quais ele repousa” (p. 113).

Assim, a evolução da família não pode ser analisada sem a correlata análise do contexto sócio-histórico-social e suas transformações são indissociáveis dos processos de transformação por que passaram as demais instituições que participam deste contexto; nesse sentido, igualmente as transformações da escola e da medicina - e os estudos sobre desenvolvimento infantil - representaram mudanças importantes e que teriam influenciado a restrição das mulheres ao ambiente doméstico.

Acreditamos que, sem contextualizar a problemática da sexualidade, teremos somente pálidos reflexos do que ela representa para os indivíduos, estejam eles em quaisquer fases de seu desenvolvimento. Tentar olhar a sexualidade do idoso segundo apenas uma de suas múltiplas faces implica em que estejamos legitimando situações de discriminação social ou que o estamos percebendo apenas como um possível depositador de nossas crenças e valores. No jogo supostamente inocente de meramente reproduzir ideologias, sem criticá-las, podemos não nos considerar nem vítimas nem culpados, mas não podemos esquecer que não deixaremos de ser, pelo menos, cúmplices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense. 1986.
2. BORGES, Scherrine M. N. *Maternidade e mães*. In: Maria E. Labra (org.). *Mulher: Saúde e sociedade no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1959.
3. BOURHIS, R. Z. & COLE, R. Sexe, pouvoir et discrimination; analyse intergroupes des rapports femmes-hommes. *Révue Québécoise de Psychologie*. 13(1): 103-127, 1992.
4. BRUSCHINI, C. O uso de abordagens quantitativas em pesquisas sobre relações de gênero. In: A. de O. Costa e C. Bruschini. *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Edit. Rosa dos Tempos; São Paulo: Fund. Carlos Chagas: 289-309, 1992a.
5. BRUSCHINI, Cristina. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. *Estudos Feministas*. 2(3/4): 17-32, 1992b.
6. BUTLER, Robert N. e LEWIS, Myrna L. *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus, 1986. (Trad. de Love and Sex after 40 - a guide for men and women for their mid and later Years. New York: Harper & Row, 1986).
7. CHAMBAUD. Daniene e FOUGEYRONAS-SCHWEBEL-Uominique. Sobre a autonomia relativa da produção e da reprodução. In: Andréé Kartchewsky - Bulport et al, *O sexo no trabalho*. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra, 1986.
8. CANENA, Paulo. Análise crítica das dosagens hormonais em ginecologia. *Ginecologia e obstetrícia*. 4(3): 12-32, 1995.
9. CANENA, Paulo. Estrogênio no climatério. *Feminina. Febrasco*: 19(07): 541-549, 1991.
10. CANENA, Paulo. Relação médico-paciente em ginecologia-ótica do médico. In: *Tratado de Ginecologia*. São Paulo. Edit. Roco, 1987.
11. DEBERT, G. G. Gênero e envelhecimento. *Estudos Feministas*. Publicação do CIEC/ECO/UFRJ (2) N° 3: 33-51, 1994.
12. DONIOL-SHAW, G. et LERONE, A. L'évolution du rapport genre-qualification: question d'identité et de pouvoir. *Cahiers du GEDISST* Paris: IRESCO/CNRS 7:13-26. 1993.
13. FIGUEIRA, Sérvulo A. *uma nova família?* Rio de Janeiro. Zahar, 1987.
14. FISKE, M. *Meia-idade: a melhor época da vida?* São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.
15. FOUGEYRONAS-SCHWEBEL, Dominique. As relações sociais de sexo - novas pesquisas ou renovação da pesquisa? *Estudos Feministas*. RJ. CIE/ECO/UFRJ. N° Especial: 415-422, 1994.
16. FRAIMAN, Ana P. Sexo na terceira idade: maturidade ou envelhecimento? In: M. Costa (org.) *Amor e Sexualidade - resolução dos preconceitos* 191-202. São Paulo: Edit. Gente. 1994.
17. GEDISST (Groupe d'études sur la division sociale et sexuelle du travail). *La Qualification -un enjeu des rapports sociaux de sexe?* Paris: IRESCO/CNRS, 1993.

18. GRASSI, Estela. RAGGIO, Liliana e MONTES, Ana G. Somatização dos comportamentos reprodutivos e paradigmas médicos: estudo do caso em instituição de saúde para camadas médias. In: Albertina de O. Costa e Tina Amado (org.) *Alternativas escassas - saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. SP.: Fundação Carlos Chagas; RJ: Edição 34, 1994.
19. HENER, Agnes. O futuro das Relações entre os sexos. In: *A crise da família e o futuro das relações entre os sexos*: 211-230. Rio de Janeiro. Pal a Terra, 1971.
20. HIRATA, Helena e KERGOAT, Daniene. A classe operária tem dois sexos. *Estudos Feministas*. 2(3/4): 93-100, 1994.
21. HUICI, C. The individual and social functions of sex role Stereotypes. In: H. 'paifel (ed.) *Tlre social dimension*. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 1984.
22. MANKOWITZ, Ann. *Menopausa: tempo de renascimento*. São Paulo: Ed. Paulinas. 1986.
23. MITJAVILA, Myriam e ECHEVESTE, Laura. Sobre a construção social do discurso médico em torso da maternidade. In: Albertina do O. Costa e Tina Amado (org.). *Alternativas escassas - saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Rio de Janeiro: Edição 34. 1994.
24. MOSCOVICI, S. *Psychologie des minorités actives*. Paris: PUF. 1979.
25. SAFIOTTI, H. I. A mulher na *sociedade* de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1979.
26. VERAS, R. P. e DUTRAS, S. Envelhecimento da População Brasileira: reflexões e aspectos a considerar quando da definição de desenhos de pesquisas para estudos populacionais. *Physis - Revisia de Saúde coletiva*. Publicação: Inst. Medicina Social RJ. UERJ/Edit. Relume Dumará (3)1: 106-126, 1993.
27. VERAS, R. P. (org.) *Terceira idade-um envelhecimnto digno para o cidadão do futuro*. RJ. Relume Dumará/UNATI-UERJ. 1995.
28. YANNOULAS, Silvia C. Iguais mas não idênticos. *Estudos Feministas*. RJ. CIEC/ECO/UFRJ 2(3-4): 716, 1994.

Alguns aspectos da sexualidade no judaísmo 7

Arnaldo Risman*

INTRODUÇÃO

Na literatura corrente relacionada à sexualidade, observa-se a falta de conteúdos sobre a religião judaica. Por este motivo, resolvemos realizar uma pesquisa bibliográfica utilizando as obras consideradas básicas pela religião, como Torá (1312 A.C.), Mishná (242 D.C.), Talmud de Jerusalém (342 D.C. a 392 D.C.) e da Babilônia (500 D.C.), Shulchan Aruch (1480 D.C.) e Zohar (1522 D.C. e 1570 D.C.), entre outras, obras estas escritas em hebraico e aramaico, o que dificulta a leitura por parte dos leigos.

Enfocamos alguns conceitos que geram distorções em nossa sociedade: menstruação, purificação espiritual, sexo e relação sexual no Judaísmo. Tentamos esclarecer estes conceitos para que o leitor tenha maiores conhecimentos sobre a sexualidade no Judaísmo.

* Psicólogo Clínico. Pós-graduado em sexualidade Humana pela Universidade Gama Filho, Recebido em 16.03.96

Aprovado em 26.03.96

MENSTRUACÃO: ESCLARECENDO CONCEITOS

Entre os mandamentos mais difíceis de se entender nos conceitos judaicos está o da menstruação.

Segundo a Torá (Velho Testamento), o ser humano após o pecado original adquiriu algumas imperfeições. Entre elas está o sexo e a reprodução.

Para os sábios judeus do Talmud da Babilônia, a menstruação faz parte dessas imperfeições, Segundo eles, o óvulo deveria ser reabsorvido pelo organismo quando não fecundado, a não ser eliminado, tornando-se um incômodo para a mulher mensalmente. (Kaplan, 1992)

De acordo com o conceito judaico, do primeiro dia do ciclo menstrual até o dia do banho ritual de purificação, a mulher judia adquire o status de “NIDDAH”. (Kaplan, 1992)

Niddah vem da palavra Naddah, que em hebraico significa “separado”. Neste período o casal se “afasta sexualmente”.

Segundo a Torá, enquanto houver o fluxo sangüíneo vindo do útero, a mulher não poderá realizar um ato sacrado que é a relação sexual, já que um dos objetivos é de trazer uma alma para este mundo.

Lamn (1970) relatou que um dos objetivos da separação estaria ligado a dois pontos importantes numa relação: o diálogo e o desejo sexual. Esses fatores aumentam neste período de afastamento.

Ao término do ciclo menstrual a mulher realiza uma exame chamado “Hefsek Taharah”, que consiste numa verificação que apura se a menstruação cessou totalmente. Esse exame consta em utilizar um pequeno pano de linho branco, chamado “Ed”, no qual a mulher passa no órgão genital. Observando a não existência do sangue, a mulher contará sete dias limpos, como está na Torá: “Ela deverá contar sete dias limpos e depois estará purificada”. (Levítico, 15:25). Após a verificação e os sete dias limpos a mulher deverá realizar o banho de purificação.

MICVÊ: UMA MUDANÇA DE STATUS

A palavra em hebraico micvê significa “piscina” ou “conjunto de água”. O único lugar onde o micvê é especificamente definido na Torá é no Versículo: “Somente uma fonte e uma jazida, um conjunto (micvê) de água será puro”. (Levítico, 11:36)

Existem seis condições necessárias que um volume de água deve preencher antes de poder ter o status de micvê. São eles: (1) o micvê deve consistir de água de chuva; (2) o micvê deve ser construído no chão; (3) a água de um micvê não pode estar correndo ou fluindo; (4) a água não pode ser trazida pelo ser humano; (5) a água não pode ser canalizada para o micvê através de canos ou recipiente de metal, argila ou madeira; (6) o micvê deve conter aproximadamente 750 litros de água.

O uso do micvê não se restringe ao banho ritual que a mulher realiza após o período de Niddah. Também é utilizado para a conversão ao Judaísmo, para o homem antes das festas judaicas e para os utensílios utilizados na cozinha.

O objetivo da imersão no micvê é a mudança de status, isto é, de estado de imperfeição para o de perfeição espiritual. Não está ligado a limpeza corporal, já que no caso da mulher ela deve, antes de entrar no micvê, realizar algumas tarefas: lavar o corpo todo, lavar os cabelos, cortar as unhas, retirar o esmalte e realizar as necessidades fisiológicas. Esse banho anterior realizado no banheiro onde se encontra o micvê é para que nenhuma substância interfira na imersão, como está na Torá: “Ela lavará toda sua carne nas águas vivas, e será pura”. (Levítico, 15:13)

Após o banho a mulher realiza a imersão no micvê e com a mudança de status estará pronta para as relações sexuais com seu marido.

SEXO E RELAÇÃO SEXUAL NO JUDAÍSMO

Geralmente, as relações sexuais no Judaísmo iniciam-se com a sedução feminina. A característica fundamental não é a palavra e sim as ações que a mulher realiza para atrair seu parceiro. Essas ações estão ligadas diretamente ao comportamento, isto é, vestimenta, pintura, comida e olhar, entre outras.

Isso a diferencia do homem, que utiliza palavras para a realização do seu desejo.

A relação sexual no Judaísmo é um dos primeiros mandamentos. Assim está na Torá: “O homem deixará seu pai e sua mãe e unirá-se à sua mulher, tornando-se ambos uma só carne”. (Gênesis 2-18-25).

No Judaísmo existem quatro intenções básicas na relação sexual:

(1) cumprir o mandamento de manter relações sexuais com sua esposa e ter filhos:

(2) cumprir o mandamento de alegrar a esposa tendo relações maritais, dentro de uma certa constância. Isto aplica-se também às relações com a esposa mesmo estando grávida;

(3) satisfazer a vontade e o desejo da esposa;

(4) a realização do desejo do homem.

O mandamento de ter relações com a sua esposa é uma das obrigações do marido e um dos direitos da mulher. Esta tensão é considerada louvável por mais que não haja a idéia de reprodução.

A mulher no Judaísmo, quando por algum motivo não se adapta sexualmente com o seu parceiro, poderá pedir divórcio, já que um dos Objetivos da relação sexual é o prazer.

De acordo com Rabbi Eliahu (1984), a obrigação de dar prazer a esposa não se aplica somente no caso da relação sexual mas sim em qualquer situação. O autor ainda comenta que existe a proibição de se recusar em ter relações sexuais com sua esposa com o intuito de causar-lhe sofrimento ou frustração. Nem forçá-la a ter relações, pois um dos mandamentos existentes no Judaísmo é de: “Amar o próximo como a si mesmo”. (Levítico, 19:18)

Segundo o Rabbi Eliahu (1984), para o homem produzir prazer na mulher se faz necessário que ele saiba as diferenças naturais que existem entre eles no âmbito sexual. O homem tem o prazer mais rápido, enquanto que o prazer da mulher não está no ato em si, mas no carinho, no amor, nos beijos e tudo que envolve a antecede o ato, pois o ideal é o homem unir-se com sua esposa e os dois chegarem juntos ao clímax.

Após o ato sexual o homem é proibido de abandonar sua esposa. Aconselha-se que o canal permaneça junto ao término da relação, demonstrando assim o afeto existente entre eles.

CONCLUSÃO

Observamos nesta pesquisa, a importância que o Judaísmo dá ao comportamento sexual para a manutenção dos laços maritais.

O canal estaria sempre em lua-de-mel, sensação esta renovada mensalmente no reencontro do casal que fica “afastado sexualmente” durante o Período de Niddah, aumentando assim o diálogo e o desejo sexual.

Esses encontros são realizados no período mais fértil da mulher, o que demonstra a importância da procriação. Este dado deve ser analisado no contexto da história do povo que, enfrentando guerras e tentativas de extermínio, tem a necessidade do aumento da população.

O importante é que mesmo havendo o intuito de procriação, não ocorre a desvinculação do desejo e do prazer.

Podemos observar em algumas religiões e crenças que este vínculo não se faz presente.

BIBLIOGRAFIA

1. ABRAMOV, Tehildo. *O segredo da feminilidade judaica*. São Paulo, Ed. Torá Colei, 1993. 174 p.
2. BAUMGARTEN, Dober. *Villa Matrimonial Judaica*. Buenos Aires, Ed. Amigos do Movimento Lubavitch de Buenos Aires. 64 p.
3. ELIAHU, Modechai. *Darquei Taharat*. Israel, Jerusalém, Ed. Sucat David, 1984. 220 p.
4. FRIEDMAN, Manis. *Será que ninguém mais se envergonha?* Recuperando a intimidade, a modéstia e a sexualidade. São Paulo, Ed. Maayanot, 1990. 151 p.
5. KAPLAN, Aryeh. *As águas do Eden: O mistério do Micvê*. São Paulo, Ed. Maayanot, 1992, 143 p.
6. _____. *Meditation and Kabbalah*. USA Ed. Samuel Weiser, 1982. 355 p.
7. LAMM, Norman. *Uma sebe de rosas. Visão judaica do sexo e do casamento*. Rio de Janeiro, Ed. José Konfino, 1970. 68 p.
8. MATZLIAH, Meir. *A Torá: A Lei de Moisés*. Rio de Janeiro, Ed. Danúbio Sa., 1962. 510 p.
9. ZALMAN, Schneur. *Likutei Amarim*. São Paulo, Ed. Kerot do Brash, 1984. 387 p.

Sexualidade humana: uma abordagem pedagógica **8**

Fátima Regina de Almeida Lima Neves*

Ana R. da Costa**

Sumaira A. Almeida**

Maria das Graças Carvalho Ferriani***

Maria Aparecida Tedeschi Cano****

RESUMO

Entendemos que a criança e o adolescente integram a sociedade e em cada período histórico foram visualizados de forma diferentes. Compreendemos ainda que, infância e adolescência são fases do desenvolvimento do ser humano marcadas por peculiaridades que os diferenciam do adulto e do idoso.

Enquanto profissionais da *Saúde a Educação*, sentimos que questões pertinentes à sexualidade humana não são abordadas no cotidiano do contexto familiar, gerando dúvidas, insegurança, preconceitos e tabus.

Desta forma, como a família sente desconforto em lidar abertamente com a questão da sexualidade, a “Educação Sexual” é empurrada para a escola (FERRIANI, 1994).

* Enfermeira do PROASE do secretaria Municipal da Saúde de Ribeirão Preto-SP

** Professora de Ciências da rede municipal de ensino de Ribeirão Preto-SP.

*** Professor Associado junto à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-SP.

**** Professor Doutor da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-SP.

Recebido em 13.05.96

Aprovado em 26.05.96

Diante destes questionamentos, o presente estudo tem como objetivo, sensibilizar professores, pais e alunos quanto à necessidade a importância da “Orientação Sexual” para o desenvolvimento integral do indivíduo, visando não só tratar dúvidas emergentes na escola, mas, sobretudo, subsidiar e viabilizar ações e trabalhos conjuntos no futuro. Para tanto, foram realizadas Oficinas de Trabalho com 400 adolescentes da E.M.P.S.G. “D. Luís do Amaral Mousinho” do município de Ribeirão Preto, onde contamos com uma equipe multidisciplinar que atuou com dinâmica de pequenos grupos, durante 04 dias, nos períodos da manhã, tarde e noite. A temática abordada nos grupos estava de acordo com suas próprias necessidades (aparelho reprodutor, fecundação, gravidez, dentre outros).

O processo metodológico adotado é de natureza qualitativa utilizando a técnica de entrevista semi-estruturada e observação livre. Foram entrevistados adolescentes, pais e professores.

A análise realizada permitiu identificar o significado da sexualidade humana entre os atores sociais e as implicações destes no contexto social.

SUMMARY

We understand that the child and the adolescent are parts of human society and they were viewed, in each historic period, in different manners. We also understand that childhood and adolescence are distinct fases of human development marked by singularities that differentiate them from adulthood and from elderly people.

As *health* and *education* professionals, we feel that questions concerning human sexuality are not discussed among family members, creating doubts, insecurity, preconception and taboo. In this way, as the family are not comfortable to handle openly with sexuality, “Sexual Education” is a matter that must be “worked” at school.

Facing these questions, this work aims to sensitize teachers, parents and students to the need and to the importance of “Sexual Education” concerning the whole development of an individual human being, trough not only to handle emergent doubts, but most of an to subside and make possible action and close works in the future.

So, it was realized a Workshop with 400 adolescents from the school named “D. Luis do Amaral Mousinho” in Ribeirão Preto, where we worked with short groups during 4 days in the morning, afternoon and at

night. The main speech was according to the needs of each group (reproducing system, fecundation, pregnancy, among others).

We chose the metodologic process of qualitative nature and we use the semi-structured interview and free observation. We interviewed adolescents, parents and teachers.

This study made possible to identify the meaning of human sexuality among social workers and what they mean in the whole social context.

1. INTRODUÇÃO

O homem nasce com uma estrutura cognitiva que lhe permitirá desenvolver uma sexualidade que, assim como a inteligência, será constituída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no desempenho escolar, as questões da sexualidade não se resumirão na solução de questões emergentes, mas num continuo Programa de Orientação Sexual a nível de família, escola e sociedade.

O Objetivo de se estudar as experiências afetivas, relações familiares, influências do meio cultural e estímulos sexuais dos adolescentes das escolas de primeiro grau no município de Ribeirão Preto, resultou das questões abordadas pelos profissionais da Saúde e Educação, no Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar - PROASE.

Estas questões não são abordadas no cotidiano, no contexto familiar, gerando dúvidas, insegurança, preconceitos e tabus. "O jovem recebe, através dos meios de comunicação, solicitações sexuais fragmentadas, de acordo com os interesses do consumo. Isso contrapõe-se a um grande silêncio das vows educativas que, na escola se calam, e na família, se esfriam." (GUIMARÃES, 1995)

Para FERRIANI (1994), o desconforto em lidar abertamente com a questão da sexualidade, faz com que a família empurre a "Educação Sexual" para a escola.

Segundo o Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, o trabalho de Orientação Sexual procura ajudar crianças e adolescentes a terem uma visão maior da sexualidade, a desenvolverem uma comunicação clara nas relações interpessoais, a elaborarem seus próprios valores a partir de um Pensamento crítico, a compreenderem o seu comportamento e do outro e a tomarem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual.

Na Orientação Sexual incluímos todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, da escola, dos livros e da mídia.

De acordo com CONCEIÇÃO (1988), o papel da escola na formação do homem é pequeno quando comparado àquele exercido pela família, mas pode ser bastante significativo se, em Programas bem dirigidos, for a única fonte de orientação. Por isso a escola, como educadora, não deve ser desprezada ou ignorada.

Nas últimas quatro décadas, as experiências têm demonstrado que um enfoque integrado da Educação e da Saúde no âmbito escolar com relação às questões da sexualidade tem uma grande influência nos valores, conhecimentos, atitudes e práticas dos estudantes.

Segundo MARTA SUPPLY (1988), no início do século começaram as preocupações com a Educação Sexual no Brasil, com intenções higienísticas e médicas. Combatia-se a masturbação, as doenças venéreas e preparava-se a mulher para o papel de esposa e mãe, sempre com objetivos de “saúde pública” e de “moral sadia”, procurando assegurar a saudável reprodução da espécie.

Por outro lado, na prática diária vivencia-se que a direção da escola, professores, funcionários, sentem que estão vivendo em desarmonia com regras previamente estabelecidas pela sociedade; que os valores pessoais são sedimentados, crenças fortes existem a respeito de questões importantes, tais como: gravidez de adolescentes, masturbação, revistas pornográficas, namoro, dentre outros...

A literatura consultada mostra que nesta fase da vida os grupos de amizades são mistos, determinam um código de postura e valores para os seus membros, surgem as relações afetivas de namoro a iniciação sexual, o que constatamos em nossa prática.

Sabe-se que o homem desde o seu nascimento sofre transformações internas (fisiológicas e emocionais) e externas (psicossociais e culturais) que se moldam num processo contínuo.

O conceito de adolescência, do latim “adolescência”, é o período da vida humana que sucede a infância, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde a fase de absorção de valores sociais e elaboração de projetos que implicam na plena integração social.

Outro autor como VITENO (1988), caracteriza o adolescente como indivíduo que se encontra em fase peculiar de transição biopsicossocial, período caracterizado por transformações biológicas em busca de uma definição de seu papel social, determinado pelos Padrões culturais de seu meio.

As reações dos adolescentes às mudanças citadas são as mais diferentes possíveis, cada um reagindo à sua maneira, com características próprias. Não há porque se assustar com estas reações, pois se bem relacionados, estes adolescentes buscarão soluções para seus próprios problemas.

Neste período de formação de identidade, as pessoas que se relacionam com esses adolescentes (pais, professores, agentes de saúde) se tornam espelho, a esta imagem deve ser límpida, clara, objetiva, transparente e afetiva.

Pressupõe-se que através das relações interpessoais, os adolescentes poderão viver plenamente sua sexualidade.

Porém, o que se observa hoje, é que a “Educação Sexual” realizada em nossa sociedade é arraigada em tabus e preconceitos, estruturada em indivíduos oprimidos e insatisfeitos, tentando modelar o adolescente igualmente à geração anterior.

Segundo GUIMARÃES (1995) o medo, a culpa, ligados ao sexo, tem suas raízes nos tabus que o homem impôs. A sensibilidade, a afetividade, são recursos profundos que estabelecem um princípio humanizador, em oposição à animalidade desordenada.

Diante destes questionamentos, baseando-se nesses pressupostos, o presente estudo tem como objetivo: *identificar* a percepção de professores, funcionários e alunos quanto à necessidade e importância da “Orientação Sexual” para o desenvolvimento integral do indivíduo, visando não só tratar dúvidas e problemas emergentes na escola, mas, sobretudo, subsidiar e viabilizar ações e trabalhos conjuntos no futuro.

2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Referencial Técnico Metodológico

Orientamos o desenvolvimento deste estudo de forma a privilegiar uma leitura qualitativa da investigação, cuja natureza se propõe a uma compreensão particular daquilo que se estuda, sem se preocupar com generalizações, princípios ou leis. Consideramos o sujeito de estudo, gente em determinada condição social, pertencente a determinado grupo ou classe social, com suas crenças, valores e significados. Trata-se de um estudo

descritivo-analítico e a nossa opção por essa natureza de pesquisa se deve ao fato de entendermos que para aprender a percepção dos adolescentes, professores e funcionários sobre a questão da sexualidade, faz-se necessário uma metodologia qualitativa.

Compreendendo a Pesquisa Qualitativa, “como sendo capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”. (MINAYO, 1992)

2.2. Campo de Estudo

O Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar - PROASE, encontra-se inserido em 94 escolas públicas do município de Ribeirão Preto. O programa é desenvolvido por uma equipe multidisciplinar tanto a nível de escola quanto a nível de ambulatórios (UBSs), Delegacias de Ensino a comunidade.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas por esta equipe multidisciplinar, uma refere-se ao “Programa do Adolescente”, que é desenvolvido através da formação de grupos com alunos que freqüentam a escola.

Este estudo foi realizado em uma escola de primeiro e segundo grau, do município de Ribeirão Preto, que conta com 3.800 alunos. Esta escola localiza-se na área central da cidade, possui um bom nível de ensino e sua população é heterogênea sócio-economicamente, pois parte significativa dos alunos, cujas mães trabalham nas imediações, são provenientes de bairros da periferia.

Foram montadas oficinas de trabalho com os adolescentes durante quatro dias, perfazendo uma carga horária de 16 horas. Participaram destas oficinas 400 adolescentes, sob coordenação de uma equipe multidisciplinar, composta de 12 enfermeiras, 02 assistentes sociais, 01 médica ginecologista e obstetra, 01 pedagoga, 02 professoras, 02 psicólogas e 08 graduandos de último ano do curso de psicologia da Universidade de São Paulo.

Os temas desenvolvidos nas oficinas foram levantados pelos próprios alunos em encontros informais e pelas necessidades emergentes sentidas na escola.

Percebemos o grande interesse manifestado pelos adolescentes nas questões relativas à Sexualidade Humana e isto nos fez agrupar os seguintes temas:

- a) Anatomic e Fisiologia do Aparelho Reprodutor Masculino e Feminino;
- b) Menstruação;
- c) Fecundação;
- d) Métodos Contraceptivos;
- e) Gravidez na Adolescência;
- f) Namoro;
- g) DST/AIDS;
- h) Auto-Estima e Valorização do Ser Humano.

Em cada sala de aula, com aproximadamente 25 alunos, trabalhávamos com dois coordenadores. As técnicas utilizadas para o desenvolvimento das oficinas foram de sensibilização e integração, criatividade e reflexão, sempre em dinâmicas de pequenos grupos.

De acordo com cada temática foram utilizadas técnicas e recursos psicodramáticos a saber:

- a) Dramatizações;
- b) Grupos de estudos;
- c) Redações coletivas;
- d) Diálogos;
- e) Uso de slides;
- f) Filmes, dentre outros.

Após cada oficina, realizávamos entrevistas com os alunos, e para tanto elegeu-se a técnica de entrevista semi-estruturada, que foi planejada e executada pelos próprios pesquisadores, agilizando esta etapa da pesquisa e conferindo maior cientificidade aos dados coletados para análise. O instrumento de coleta de dados permitiu aos entrevistados responderem as questões de acordo com o seu próprio quadro de referência.

Todas as entrevistas foram gravadas com permissão dos atores sociais e posteriormente transcritas. As entrevistas foram realizadas por um das pesquisadoras e tiveram duração mínima de dez minutos, não ultrapassando vinte minutos.

Após o término de cada oficina foram entrevistados 20 adolescentes, sendo 02 de cada sala, 05 coordenadores das dinâmicas, 05 professores, totalizando 30 entrevistados.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Após várias leituras do material coletado adotou-se como procedimento de análise as falas de diferentes atores sociais entrevistados; onde extraiu-se dois aspectos: Família e Sexualidade (noções).

Ao citarmos fragmentos das falas, identificamos os sujeitos com números correspondente a cada uma das entrevistas (E-1, E-2, etc.)

3.1. Família

Ao estudarmos este aspecto verificamos que, em síntese, os atores sociais entendem que a família se sente insegura e incapaz para lidar com a sexualidade. Nos depoimentos há constantes referências a esta insegurança, como podemos observar nas declarações abaixo:

- A minha mãe acha muito importante tratar desse assunto aqui na escola, lá em casa todo mundo tem vergonha de falar sobre isso (E-5);

- Dão o maior apoio, a mãe fica acanhada de falar de sexo, então sabe que a escola está fazendo (E-2);

- Comentei com meus pais sobre o encontro na escola, foi coisa rápida... comento com meu irmão, com os meus pais, mas me abro mais com meu irmão (E-14);

- Acho importante a criança ter orientação a respeito da sexualidade tanto familiar quanto na escola, mas no meu tempo isto não existia, eu praticamente casei sem conhecer o que era sexo, foi muito difícil, me senti muito revoltada... tenho revolta até hoje na minha vida por não saber o que era isso. Quando minha filha menstruou eu nem consegui falar com ela sobre isto... parece que fiquei bloqueada... (E-25).

Neste sentido os pais, quando os filhos entram na adolescência, têm dificuldades de abordar temas pertinentes à sexualidade.

O assunto "sexo" ainda é um tabu em nossa cultura e observa-se que é nesta fase que a interferência do adulto se faz mais presente, mas é bloqueada por estes preconceitos.

Para KNOBEL (1993), o adulto que teve obstáculos com sua sexualidade infantil está mais predisposto a reprimir a incipiente genitalidade adolescente, distorcendo sua imagem do mundo afetivo. Observa-se nos depoimentos que os pais dão muita importância à educação de seus filhos e atribuem à escola um papel que vai desde alfa-

betização e transmissão de conhecimentos acadêmicos até a formação de atitudes de ordem social.

Por outro lado, compreendemos que o adolescente não pode ser entendido como ser humano isolado; pertence a uma família que sofre tanto quanto ele, múltiplas determinações sócio-econômicas, como também, ambos são submetidos aos papéis determinados pela sociedade.

Segundo MINAYO (1990), encarar a adolescência apenas como uma etapa da vida humana, revela uma visão reducionista, uma vez que “parece-me idealista falar da adolescência em abstrato como está sendo frequentemente colocado nas abordagens biopsíquicas, onde os caracteres funcionais e subjetivos são pensados como paradigmas generalizantes, retirados certamente das concepções dominantes de *ser humano, de indivíduo a de norma social*”.

A relação adolescente, família e sociedade é uma tríade intimamente ligada. Para alguns autores, como KNOBEL (1992), a família é o núcleo da sociedade, “é na família que se aprende hábitos de vida, produto de uma convivência natural e que, a compreensão das reais necessidades dos jovens é imprescindível à prevenção de muitos problemas”.

3.2. Sexualidade (Noções)

Observamos em síntese, nos depoimentos dos atores sociais, que os adolescentes apresentam dúvidas sobre a sua sexualidade.

Os assuntos pertinentes a essa temática abordados nas oficinas pelos profissionais da saúde, foram de extrema importância para os adolescentes pois, muitas vezes, suas dúvidas foram esclarecidas.

Exemplificando, citamos os seguintes fragmentos de suas falas:

- Muita coisa eu não sabia... que pode se evitar a gravidez olhando a mucosa vaginal... (E-6);
- Achei importante ser discutido estes assuntos... não quero engravidar, eu tenho relações sexuais... (E-7);
- Entendi porque as mudanças físicas ocorrem na gente... Achei muito bom, ela falou muito bem explicado ...(E-11);
- Achei importante na nossa idade se falar sobre estes assuntos, nos orientarem, pois só falamos com as amigas, tenho muitas dúvidas... (E-2):

- Muitas doenças eu não conhecia, estou achando todos os temas abordados muito interessantes, essas coisas deveriam ser tratadas mais vezes... (E-9);
- Mostrou muitas coisas que tínhamos dúvidas, coisas que não se fala em sala de aula, em casa, sobre menstruação, camisinha, aborto, muita coisa foi esclarecida... (E-18);
- Achei que os adolescentes, tinham dúvidas e vergonha de perguntar, pediam para os outros perguntarem. Achei que eles precisam se soltar mais, embora tenham feito muitas questões... (E-21);
- As questões que os adolescentes mais jovens trazem são questões de coisas que eles ainda não vivenciaram e que não tem experiências... (E-22);
- É um trabalho bom, importante fazer mais vezes até com uma certa frequência... (E-27);
- Os adolescentes desconheciam o assunto. muitas coisas que estava falando era novo para eles... (E-24).

Observamos no discurso destes atores sociais a necessidade de se compreender as concepções de sexualidade e orientação sexual. Neste sentido, existe uma tarefa fundamental dos profissionais da educação e da saúde que atuam na comunidade escolar, que é a de construir juntos um trabalho de reflexão crítica que possa levar a uma mudança nas concepções ligadas à sexualidade, mas também, a uma transformação do trabalho desenvolvido na escola com vistas a um real processo de democratização educacional em todos os níveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Pensamos que estas oficinas não têm a pretensão de sanar as questões emergentes relativas à sexualidade, mas desencadear discussões no sentido de propor um trabalho educativo de forma horizontal, onde educadores e educandos passem por um processo de aprendizagem, formação, cooperação, discussão e reflexão.

2. O objetivo das oficinas sobre sexualidade é a criação de um espaço que ofereça ao adolescente a oportunidade de discutir emoções e valores, estabelecer idéias próprias sobre a vida sexual, conhecer e aprender a respeitar o seu próprio corpo, valorizar sua auto-estima, seus sentimentos e os das outras pessoas, e obter informações.

3. Observamos que as temáticas abordadas nas oficinas eram retomadas em outras atividades oferecidas pela escola.

4. As dinâmicas de grupo, ao mesmo tempo que dinamizam as atividades, incorporam, problematizam e elaboram as questões próprias da idade.

5. Acreditamos que a educação problematizadora demanda uma reflexão da realidade, que poderá propiciar ao adolescente uma compreensão maior sobre os aspectos biopsicossocial e sexual que o envolve.

6. Partindo deste contexto, entendemos que a compreensão da Sexualidade Humana deverá ser amplamente discutida dentro de nossas escolas-por professores, pais e alunos, possibilitando maior conhecimento sobre o assunto.

7. Os educadores, elementos que entram em contato direto e indireto com o adolescente, devem periodicamente reavaliar suas condições e posturas de elementos essenciais para a orientação sexual, submetendo-se a reciclagens e até mesmo, se necessário, à capacitação para tal tarefa. uma vez que demonstrem potencial a ser desenvolvido.

8. No contexto da atual realidade social, a maioria das famílias têm demonstrado não ter condições para elaborar de forma satisfatória a educação sexual de seus filhos. Os pais, muitas vezes frágeis e inseguros em sua própria sexualidade, não conseguem aprender o que vem sendo discutido com os adolescentes e ir ao encontro da atuação da escola, portanto, fica evidenciada a necessidade de se integrar a família nestas oficinas.

9. A família deve ser participante e conhecer a orientação sexual que os adolescentes estão recebendo, e dessa forma ampliar o seu próprio conhecimento sobre a Sexualidade Humana, assim preparando-se para ser um elemento colaborador da escola, com vistas a um real processo do democratização educacional em todos os níveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRÃO, H. *Doenças sexualmente transmissíveis: saiba evitá-las*. Editora Lê. Belo Horizonte, 1998.
2. CASTENS, E. *O direito a contracepção: os métodos anticoncepcionais e o seu uso na prática*. Dinalivro Editora, Lisboa, 1978.
3. GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola*. Ed. Mercado de Letras. Rio de Janeiro, 1992.
4. LOPES, G. *Sexualidade humana*. 2ª Ed. Editora Medsi, Rio de Janeiro, 1992.
5. MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. metodologia da pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/HUCITEC. 1992, 269 p.
6. PETRI, V. *Doenças de transmissão sexual*. In: São Paulo Secretaria de Estado da Saúde. Comissão de Saúde do Adolescente. Adolescência e Saúde. São Paulo: Editorial Paris, 1988.
7. VITIENO, N. et al. *Adolescência hoje*. Roca Editora. São Paulo, 1988.
8. VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade*. Ed. CEICH, São Paulo, 1994.
9. Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia Adaptação 2ª Edição, Casa do Psicólogo, São Paulo, 1994.
10. FERRIANI, M. G. C., et al. Opinião dos escolares adolescentes sobre a realização de grupos de discussão. *Rev. Bras. Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 5, nº 2, pp. 193-203, 1994.
11. TRIVINÓS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo. Atlas, 1992.

Sexualidade e Cidadania 9

Silvia Almeida de Oliveira Costa Martinez*

Na prática clínica diária, ou no processo de implantação de projetos em saúde pública; como coordenadora do PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - SUS 4 SP), prestando serviços à Coordenadoria Especial da Mulher (Secretaria de Negócios Extraordinários, gabinete da Prefeitura Municipal de São Paulo); envolvida com estratégias de impacto epidemiológico no projeto do Instituto da Mulher (Grupo de Tarefas Especiais do Grupo Gerente de Hospitais no gabinete da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo); ou envolvida em projetos que lidam com sexualidade entre adolescentes (SAIA-SP, PAIAOP Ouro Preto-MG); nos depararmos invariavelmente com vários níveis de dificuldade. Num primeiro nível; uma freqüente causa de resistência entre pais, adolescentes, profissionais das áreas de saúde e educação bem como em todas as instâncias institucionais; estão algumas divergências conceituais que envolvem a Filosofia, a Ontologia, a Cosmologia e a Ética.

* Médica. Ginecologista.
Recebido em 15.06.96

Em nome de uma clareza que se faz necessária e que freqüentemente se encontra no óbvio; correndo o risco de ser redundante devemos percorrer alguns destes pontos de divergência

Sabemos o quanto estes projetos envolvem a especificidade da condição feminina e as contradições inerentes a sua sexualidade, com *inserções políticas*, legais e sócio-econômicas. Tentaremos apontar alguns pontos conceituais obscuros, contaminados por *interesses epocais*, políticos, etc.

SEXUALIDADE E O SAGRADO, A METAFÍSICA DO SEXO

Delimitação do assunto

A palavra metafísica aqui, será tomada num duplo sentido. O primeiro, muito *corrente em* filosofia onde, por “metafísica se entende a investigação dos princípios e dos significados últimos. Seria o estudo daquilo que, do ponto de vista do absoluto, significam quer os sexos, quer as *relações neles* baseadas.

Num segundo sentido, relacionado com a etimologia, este termo mantém laços com a tradição filosófica ocidental, já que balizado pela física se refere à ciência daquilo que está “para além do físico”, isto é para além da fenomenicidade do mundo, ou do que podemos entender como realidade *exterior e* objetiva e, portanto, de sua contraparte interior e subjetiva ou seja, dos aparatos biológicos-sensíveis e técnico-instrumentais que lhe concorrem. Não dirá *respeito a* conceitos abstratos, mas aquilo que poderá resultar como *experiência, não* somente física, como também transpsicológica dos estados múltiplos do ser. Como verificação de tudo aquilo na experiência do amor e do sexo comporta uma alteração do nível da consciência “física”, e até por *vezes uma* certa suspensão do condicionalismo do Eu e a emergência momentânea ou a inserção na consciência de modos de ser de caráter profundo.

Relembremos Platão, Júlios Évola, as teorias de Jacob Boehme, Franz von Baader, Schopenhauer, Leibnz, Welninger, Carpenter, Bardiaeff, Klages, e outras tantas *referências que* expõem a função da sexualidade na Tradição.

A EXISTÊNCIA COMO PLANO DAS POSSIBILIDADES INFINITAS

Na atualidade multiplicam-se os tratados sobre a sexualidade, considerada dos pontos de vista antropológico, biológico, sociológico, eugênico e por fim psicanalítico. Foi preciso criar-se um neologismo para pesquisas semelhantes - sexologia. Foi característica de época tentar atingir algo limitando a procura ao pleno empírico mais estritamente humano, isto quando não se concentrou nos subprodutos patológicos do sexo. Hauve autores que trataram mais do amor do que especificamente do sexo, as vezes numa redução ao plano psicológico sem uma antropologia que não se detém, mas que conhece modalidades sutis da consciência humana; parte integrante de disciplinas antigas e das tradições dos povos mais diversos.

Que se estabeleça na *experiência do* erótico um ritmo diferente, que invada, suspenda ou transporte as faculdades normais do ser humano, foi observado ou pressentido em todas as épocas. Falta-nos, quando sujeitos à experiência, desenvolver uma sensibilidade sutil de modo a perceber além de emoções e *sensações*. Falta-nos base de orientação nos casos em que se esboçam as *deslocações de nível* a que acabamos de aludir. O mundo do eros com possibilidades mais profundas sofreu uma atrofia e alguns aspectos tornaram-se latentes, quase indistinguíveis, vestigiais, indícios.

Para os fazer sobressair será necessária uma integração, ou seja, uma operação análoga àquela em matemática consiste na passagem do diferencial para o integral. A dificuldade de *recolher material* neste tipo de pesquisa é subjetiva e objetiva. Subjetiva porque existe resistência em se falar com exatidão e sinceridade no que *acontece nas* fases mais exaltadas da intimidade física para grande número de pessoas. Objetiva porque essas fases correspondem freqüentemente a formas de consciência reduzida a ponto de não nos lembrarmos do que fizemos ou dissemos. Esses momentos culminantes correspondem a soluções de continuidade mais ou menos profundos da consciência, dos quais voltamos como que aturdidos; ou então, aquilo que é simples sensação paroxística e emoção acaba por tudo confundir.

Hoje em dia, o sexo impregnou a *esfera psíquica*, produzindo nele uma gravitação constante e insistente. Embora sejam também significativas certas formas de anestesia sexual ou *exacerbação relacionadas* com o que a psicanálise denomina de variedades narcísicas da libido. Para alguns a exibição da nudez, a acentuação de tudo que possa ser motivo de

atração do corpo, constituem o interesse principal; proporcionando um prazer transposto que é preferido ao prazer específico da experiência sexual concreta. Uma espécie de insensibilidade à experiência que pode chegar à recusa neurótica. Quanto à exacerbação, é verdadeiro o fato da propagação pandêmica do interesse pelo sexo marear cada era crepuscular, onde a fome e o sexo são a base de muitas lutas sociais e econômicas. Predomina o desinteresse pelo intelectual, o espiritual, o heróico, ou qualquer outra manifestação mais elaborada de efetividade. É *um mundo que padece não somente de uma carência de Ética, mas também padece de uma carência de Estética*, que é, aliás, atributo da Ética.

AMOR SEXUAL

O significado que atribuiremos ao sexo, depende do modo como se concebe a natureza humana e da antropologia particular que se adota, que reconhece no homem a dignidade de um ser não exclusivamente natural. Será oposta à que o considera uma das numerosas espécies animais, herança de algumas interpretações do Darwinismo e de algumas formas de biologismo. Nos tratados “científicos” onde o homem deriva do animal por “evolução natural”, a sua vida sexual e erótica era exposta em termos de um prolongamento dos instintos animais explicada pelas finalidades biológicas da espécie. Reduziu-se o superior ao inferior ao se tentar explicar o superior pelo inferior e o humano pelo fisiológico e pelo animal.

Interveio a psicanálise, embora com a mesma tendência: O mundo do inconsciente, do instinto, dos arquétipos arcaicos reconduzem a uma ancestralidade primitiva.

O nosso ponto de vista não é a teoria moderna da evolução, mas a doutrina tradicional da involução, onde os povos selvagens são restos degenerentes, crepusculares, noturnos de raças mais antigas inteiramente desaparecidas (Kohlbrugge, Marconi, Dacqué, Westenhofer, Adlof..).

A ontogênese, não recapitulada pelo filogênese, percorre de novo as possibilidades ao princípio superior e especificamente humano que se define e manifesta cada vez mais no desenvolvimento humano. Assim, o instinto de reprodução não é fato principal, mas, mero derivado.

Tomaremos o amor como finalidade precípua da experiência humana sim, nas suas relações diretas e indiretas com a sexualidade; enquanto nucleado no sexo. Examinaremos uma experiência humana que pode compreender e abarcar um conjunto de fatores psíquicos, afetivos,

morais e mesmo intelectuais que excedem o domínio biológico mas que o têm como centro de gravidade. Reconhecemos nesses fatores citados e nas suas formas sucedâneas de amor (ternura, amizade, compaixão, admiração); importância vital na experiência humana. Mas, por outro lado, o fato de estarem algumas vezes excessivamente priorizadas a simpatia, a ternura, a amizade e outras formas de amor não material; pode representar sublimação, transposição ou desvios regressivos infantis. Esta é uma idéia que podemos inscrever no ativo das pesquisas psicanalíticas e que não devemos esquecer.

Existe a possibilidade de uma concepção que considera a passagem do amor sexual ao amor de características principalmente afetivas e sociais; baseado na vida a dois com matrimônio, família, descendência, etc.; como um processo de enriquecimento. Enquanto observamos que isto tudo pode representar uma queda intensa de nível, de tônus onde perde-se ou mantém-se somente por reflexo, o contato, embora obscuro com as forças primordiais; e não estamos falando de instinto.

O amor, no plano nietzchiano, não passa de um sucedâneo. Com ele o homem cria, do ponto de vista metafísico, uma solução ilusória, para essa necessidade de confirmação e integração ontológica que constitui o fundo essencial e inconsciente do impulso do sexo." Só a paixão conduz ao momento fulgurante da unidade".

O amor que interessa ao nosso estudo é o amor-paixão: "Um estado mental e físico durante o qual fica obliterado em nós, no nosso pensamento, no nosso coração e nos nossos sentidos" (Borget). Quando através da atração "física" surge o impulso sexual, movem-se no ser os estratos mais profundos, camadas estas existencialmente elementares em relação aos sentimentos, etc.

O INSTINTO DA REPRODUÇÃO

A cultura "em nome da natureza", num regresso a Rousseau, prega uma espécie de nova religião naturalista do sexo e da concepção.

Não são os apetites e os desejos "naturais que tornam os homens bestiais (não é uma palavra adequada porque em determinadas circunstâncias implica em ofensa aos animais) digamos então humanamente maus a viciosos. É a imaginação, o intelecto, os princípios, e até a religião (Huxley, Campion, Lawrence) que tornam os homens pervertidos, longe da norma central da humanidade, quando excitam a carne ou quando a

renegam pelo espírito: “o inferno está cheio de boas intenções”. Deixai os instintos entregues a si próprios e eles pouco mal farão.

O que para o homem deve ser considerado natural, não o é, quando este termo se aplica aos animais. É-o em conformidade do seu tipo, ao lugar que ocupa na hierarquia global dos seres. Assim, o que no homem define o amor e o sexo, é um conjunto de fatores complexos que, em casos determinados, compreende mesmo o que julgado segundo um critério animal, poderá parecer perversão.

O sexo tem no homem fisionomia específica. Está liberto, tanto mais quanto o indivíduo é diferenciado, dos vínculos e dos períodos do cio: onde, de resto, e não sem razão, se verifica com maior intensidade nas mulheres do que nos homens.

O homem pode, em qualquer momento, desejar e amar. Esta é uma característica natural do seu amor e não um fato artificial de “corrupção” derivado de um “desvio” da natureza.

Incluir o amor sexual nas necessidades físicas do homem deriva igualmente de um equívoco. Não existe no homem um desejo sexual físico. O seu desejo é, na sua substância, metafísico, psíquico; o desejo físico não passa de uma tradução e de uma transição daquele.

Convém, neste ponto criticar a mitologia que fala num instinto de reprodução, indicando este instinto como o fato primeiro de todo erotismo. O instinto de conservação e o de reprodução seriam as duas forças fundamentais ligadas à espécie atuando, tanto nos homens como nos animais.

Esta teoria é demonstrada por biólogos e psicólogos positivistas que, como Morselli, chegaram a subordinar um instinto ao outro, pensando que o indivíduo se alimenta e luta pela conservação somente porque deve reproduzir-se, sendo o fim supremo a continuidade da vida universal.

Não se trata de nos deter na análise do “instinto de conservação” ou de demonstrar a sua relatividade nem de lembrar quantos impulsos podem, no homem tomado como tal, neutralizar e contradizer este instinto. Em certos casos, é precisamente o pretense instinto de reprodução no homem ou na mulher, que pode desempenhar, entre outros, este papel neutralizante ao impedir que se pense na própria saúde e conservação; ou nos da espécie.

Quanto ao “instinto de reprodução”, representa uma explicação absolutamente abstracta do impulso sexual, dado que, psicologicamente, isto é, em relação aos dados imediatos da experiência individual vivida; essa explicação é destituída de qualquer fundamento. No homem, o instinto é um fato consciente. Mas o instinto da reprodução inexiste como conteúdo da consciência. No momento “genésico”, não figura, de modo

algum, no desejo sexual como experiência, nem nos seus desenvolvimentos posteriores.

O conhecimento de que o desejo sexual e o erotismo, quando conduzem à união do homem com a mulher, podem dar origem à procriação de um novo ser; não passa de um conhecimento “a posteriori”. Houveram povos que atribuíam o nascimento a causas sem qualquer relação com a união sexual.

A reprodução é um efeito possível da atividade sexual, mas não esta de modo algum compreendida na experiência vivida da excitação sexual. O animal ignora-a, o homem a conhece tendo-a em mente não quando vive o “instinto” mas, quando a subordina a este fim.

Numerosos são os casos em que a fecundação da mulher amada não foi procurada nem de modo algum desejada e até mesmo evitada. Até quando o desejo de ter filhos representa um papel fundamental no estabelecimento da relação entre o homem e a mulher, verificamos que entram em jogo considerações baseadas na reflexão e até na vida social e não é esta a idéia que os excita no momento do ato sexual.

Na biologia, Solovief observou muitas espécies animais e vegetais que multiplica-se de forma assexuada. Geralmente o fator sexual intervém na multiplicação de organismos superiores. Quanto mais se sobe na escala dos organismos, tanto mais decresce o poder de multiplicação da espécie e aumenta a força da atração sexual. No ser humano a multiplicação verifica-se em menores proporções do que no reino animal, enquanto que o amor sexual atinge máxima importância e intensidade. O amor sexual e a multiplicação estão em razão inversa. Na paixão, a reprodução é quase sempre evitada.

Um homem não primitivo não escolhe ou prefere simplesmente alimentos que o organismo pode considerar como os que melhor lhe convém. Isto sucede não porque o homem seja depravado, mas simplesmente porque é homem (contrariando Schopenhauen e o gênio da espécie). Existe atração sexual entre seres que de forma alguma representam um optimum para fins de procriação. São os exemplares biologicamente mais nobres da espécie humana os mais fecundos?

Sexualidade humana - Caminhos e descaminhos

10

Mabel Cavalcanti*

Creio que falar sobre esses temas é dar prioridade à Vida. Vida na sua qualidade global. Isto porque entendo o Sexo como expressão da Vida, e podemos dizer que sob seu tríplice aspecto - Reprodução, Prazer e Comunicação Amorosa - esse fato é verdadeiro.

Do ponto de vista reprodutivo, Sexo é Vida, uma vez que a Reprodução perpétua a Vida.

Do ponto de vista prazeroso, Sexo e Vida estão interligados porque a Vida sem o mínimo de prazer não tem sentido. Enquanto vivemos estamos buscando nossas satisfações e extraindo dessa busca, o máximo de prazer possível.

É uma busca consciente da aquisição dessas satisfações, embora algumas vezes, isso que julgamos hoje, nossas satisfação, venha a ser a nossa destruição futura, principalmente quando, como seres humanos responsáveis, destruimos egoisticamente pessoas, apenas para que essa satisfação própria, imediatista seja alcançada. Isso é

* Psicóloga. Terapeuta sexual. Diretora do CESEX - Brasília. D.F.
Recebido em 15.06.96

Aprovado em 25.06.96

próprio da miséria humana. Exemplo disso são: o estupro, a violência sexual, as infidelidades e muitos outros casos. Não é desse sexo-prazer que eu me refiro.

Finalmente, como expressão do Amor, o Sexo é a própria manifestação da vida plena, que infelizmente nem todos conseguem atingir, ora bloqueados pelos ditames rígidos de sexo para reprodução, ou então desenfreados e na busca insana dos prazeres imediatos, cada vez mais Fáceis e sedutores do mundo atual.

Vamos tentar então fazer uma avaliação, um levantamento de cada um desses tópicos.

Sexo Reprodução: Não resta dúvida que, do ponto de vista filogenético a finalidade cósmica do sexo é a sobrevivência da espécie. Por isso mesmo, a natureza nos dotou de uma força interior capaz de exigir satisfação.

Esse processo, contudo, não surgiu por acaso no Universo. Ele é fruto de milhões e milhões de anos, levando-se em conta a evolução da espécie e a própria seleção natural.

Se no início da vida, os organismos simples sobreviviam assexuadamente, com o evoluir do processo, organismos mais fortes e mais complexos foram surgindo e exigindo uma força mais sofisticada de perpetuação.

A reprodução sexuada passou a ser um fim em si mesmo. Os seres sexuados teriam que se reproduzir rapidamente afim de que a espécie não desaparecesse sobre a terra. O nascimento tinha que superar a Morte e o sexo passou a ser o instrumento fundamental para que o projeto da Vida se tornasse vitorioso.

Mas, a reprodução sexuada não era tão simples. Ela exigia um certo número de condições. E a primeira delas é que haveria necessidade de um mínimo de comunicação, ou seja, um mínimo de contato entre os sexos. Para que houvesse PROLE, o macho teria que fecundar a fêmea.

Nos organismos hermafroditas, esse contato era feito consigo mesmo, mas, à medida em que os seres se tornavam mais complexos, as exigências aumentavam.

E aí surge uma outra condição necessária à sobrevivência:

- um dos sexos deveria ser responsável pela gestação e pelos cuidados posteriores com a prole. A natureza concedeu à fêmea, esse encargo. Neste estágio, o macho era apenas o inseminador. Mas, é a fêmea que vai ter um papel decisivo na seleção genética, porque não será qualquer macho que ela vai aceitar.

Esse macho tem que ser um vencedor (o mais forte, o mais veloz, o que ostenta maior beleza, etc...). Por isso mesmo nem todos os machos se reproduziam conseguindo deixar para a posteridade, sua mensagem genética. As fêmeas, pelo contrário, invariavelmente tinham lugar na sobrevivência da espécie.

Mas, a luta pela manutenção da vida e pela perfeição dessa Vida, não terminava por aí. Quanto mais complexa se tornava a vida animal, outros fatores colaboravam para o enriquecimento dessa vida. O *macho* começava a ser convocado para outras funções dentro do grupo: defender a progênie, supri-la de alimentos, ensinar-lhes (através de comportamentos imitativos), algumas artes de defesa e sobrevivência.

O sexo reprodutivo aí começava a se enriquecer com outros atributos. Darwin explica que o desenvolvimento de certos caracteres anatômico, surgiram nesta época, possivelmente para representar a supremacia e vigor do macho, tais como: a grande e poderosa pinça do caranguejo, os aguçados dentes de um lobo ou mesmo os enormes chifres de um alce.

Talvez neste momento, um outro fator tenha começado a pesar na escolha das fêmeas: *A potência sexual*.

Segundo Reuben, tudo começou com o “crocodilo...” porque segundo explica, este foi o primeiro animal a desenvolver um pênis. Se é fato ou não, fica por conta do folclore.

Mas, se machos e fêmeas, antes disso apenas encostavam suas cloacas onde se contactavam óvulos e espermatozoides quase sem nada sentirem, a partir de então a relação sexual começou a ter outro sentido - *o despertar do prazer*.

Nos milhares de anos de evolução, pênis, cloacas e vaginas foram se aperfeiçoando e se tornando cada vez mais receptivos e responsivos. Contudo, o compromisso fundamental ainda era - *A reprodução* para manutenção da espécie.

Quando surgiu o ser humano sobre a terra, ele captou essa mensagem e se engajou no processo, ativamente.

Procurou desenvolver suas aptidões e usá-las da melhor forma possível, para se afirmar junto à fêmea e garantir sua progênie. Como não possuísse atributos físicos que o tornasse vitorioso pela força bruta (como garras, chifres, etc...), os primeiros hominídeos começaram a desenvolver rapidamente o cérebro, procurando encontrar soluções inteligentes quando o desafio se apresentava. Com relação ao instinto primário da Fome, ele desenvolveu artimanhas que lhe garantiam a caça e a sobrevivência, forjando armas e instrumentos de defesa.

Com relação ao instinto primário do *Sexo*, ele passou a apresentar comportamentos mais ricos, quer seja exercendo uma autoridade firme, quer seja através de uma conduta mais participativa e protetora, ou se engalanando para se tornar sedutor. Era presente de um fruto mais saboroso ou de um quinhão de carne macia de uma caça, que serviam para o ritual da conquista.

Nas artimanhas da sedução, para ganhar a fêmea, o macho exibia seu sexo, cobertos muitas vezes de adornos para que ela se decidisse.

Por sinal em algumas culturas, era comum a incrustação de pedras preciosas e semipreciosas em torno da glândula, o que impressionava as mulheres, não só pelo brilhantismo ofuscante das pedrarias, mas, melhor ainda, pelas conseqüências prazerosas que resultava dessa parafernália.

Parece que nesta época, ou melhor, nestas culturas, o mito do tamanho do pênis, ficava a dever ao mito do diâmetro do pênis, coisa aliás, que tem bem mais sentido.

Por sinal, ao estudarmos algumas formas primitivas de vida, encontramos também outras maneiras do macho atrair a atenção das fêmeas para seus genitais. Entre os birmaneses por exemplo: há uma operação singular, que consiste em fazer pequenas incisões em torno da glândula peniana onde são introduzidos minúsculos sinos de bronze, que tilintam enquanto durar o jogo sexual. Tudo faz crer que o apurado gosto musical das birmanesas se impressiona bastante com tal artifício, o que compensa qualquer esforço ou sacrifício por parte dos homens desse grupo.

Outros povos chegam a colocar pedaços de marfim, fragmentos de ouro e prata ou até pequenas varetas perpendiculares à glândula do pênis, com o objetivo maior de, alargando sua extremidade, obter a preferência das mulheres.

Nas Filipinas e em Borneo, os homens usam anéis no pênis (como nos dedos) que servem de adorno e segundo eles, aumentam o prazer da mulher.

Algumas sociedades, porém, preconiza o uso de envoltórios penianos, chamados falocriptos, cujo objetivo primário é proteger e esconder o penis. Contudo, são tão exagerados nesta artimanha que chamam mais atenção a interesse sobre eles.

Ainda no século XIV eram comuns os envoltórios penianos, muitas vezes acolchoados e decorados com bordados, mas, que freqüentemente Procuravam assemelhar um pênis em ereção.

O fato é que, ainda hoje, o homem procura seduzir a mulher exibindo disfarçada ou despidoradamente seu instrumento fálico como tro-

fêu, mesmo que isto implique em usar subterfúgios ou técnicas milagrosas, anunciadas e que na maioria das vezes são perigosas e ineficientes.

Em todas essas práticas, porém, não fica claro o aumento do prazer para o homem. Parece que o objetivo de toda essa corte, inconscientemente tem sido, a conquista da fêmea e a garantia de sua progenitura. É o dedicado empenho para garantir a *Vida* sobre a terra e realizar a sua ânsia de eternidade.

É intrínseco ao ser humano esse desejo de eternidade, e o tato de que ele tem de enfrentar o implacável determinismo da Morte, impele-o a preservar a Vida a qualquer custo. Essa era a essência da filosofia primitiva e tribal.

Mas, não podemos esquecer também que o homem logo percebeu, que outras vantagens poderiam lhe advir como consequência desse esforço, dessa sua luta ancestral. E a mãe natureza foi cúmplice...

Ela tratou de ser magnânima com o homem e o brindou com uma generosa paga. Dou-the a capacidade de usufruir prazer no exercício dessa tarefa, sem exigências nem castigos, mesmo quando ele tomava providências para ludibriá-la.

Permitiu também, que passada a época reprodutiva, já no ocaso da vida, o homem continuasse a viver prazerosamente dos encontros sexuais, quase como um brinde a quem se permitiu participar da grande obra da criação sobre a terra.

É evidente que isso exige empenho e esforço pessoal. Sabemos hoje, por fontes científicas fidedignas, que para o desempenho masculino persistir, a natureza lhe impõe uma maior dose de paciência, uma vez que lhe é exibido a manutenção da ereção, nem sempre tão fácil e nem sempre tão rápida. Por isso mesmo a partir dos 50 ou 60 anos, ele começa a buscar estímulos novos (parceiras novas, como solução imediatista) ou parte para o sacrifício das injeções penianas, quando não para o desespero das próteses penianas. Felizmente, para as mulheres, o problema é bem mais fácil. Existem hoje lubrificantes especiais que substitui com êxito os déficits de lubrificação, possibilitando-a de ter orgasmos gratificantes, e muitas vezes até episódios de multi-orgasmas quando perde o parceiro, ou fica à mercê de si própria, porque seu companheiro se esquiva ou não é capaz de lhe acompanhar, em face ao seu desempenho precário.

Daí, se conclui que o sexo, superando o aspecto reprodutivo, passou a ter também essa outra função, igualmente digna e naturalmente sabia: *A função prazerosa.*

Se a reprodução satisfazia a espécie, o *prazer* satisfaz ao indivíduo.

No início dessa fala, cheguei a afirmar que num sentido mais profundo, a vida em si tem uma ligação singular com a busca do prazer.

Com razão, diz Nathaniel Branden que “o prazer para os seres humanos, não é um luxo, mas, uma profunda necessidade psicológica. O prazer é, pois, um acessório metafísico da vida... E a recompensa a uma consequência de uma ação bem sucedida...”

De fato, através do Sexo, o homem obtém ganhos imediatos de prazer e gratificação inigualáveis, porque através dele nos tornamos “fonte direta e imediata, veículo e personificação do prazer”. Descobrimos neste momento que a Felicidade é possível.

Para os taoístas, o Sexo deve ser desfrutado e *sa-bo-re-a-do* como um verdadeiro protetor da vida.

É por isso que a negação do sexo entre os amantes é a ofensa maior, é a Dor maior que se pode infringir ao outro, porque atinge a própria estrutura vital do ser humano.

É importante também saber que a descoberta desse prazer ocorre muito precocemente na pessoa humana. Poderíamos dizer que, do ponto de vista evolutivo, isto ocorre em três etapas:

“*O que sinto é bom*” é a primeira etapa da evolução sexual afetiva do ser humano.

A descoberta da auto-aceitação e do amor a si mesmo, permite que o homem usufrua sem reservas, do prazer erótico. Há um imperativo egoístico, não resta dúvida, quando o indivíduo descobre seu potencial prazeroso e tenta explorá-lo, mas, qualquer outra forma que pretenda atingir o amadurecimento, tornar-se-á falha e improdutiva.

Nas culturas mais liberais a experiência sexual é aprovada e estimulada muito precocemente. Brincadeiras com o sexo não são punidas e dessa forma surgem poucos problemas de ajustamento sexual nos adultos.

Em outras culturas, como a nossa por exemplo: há muitas restrições, dificultando a evolução adequada da sexualidade.

Para alguns homens, o sexo permanece nesta etapa e continua a ser apenas um bom exercício, que libera as tensões e o acalma, predispondo para um bom dia de trabalho, ou uma repousante noite de sono. Para estes não há diferença entre a masturbação solitária ou na companhia de alguém. São masturbadores crônicos...

Mas, é preciso lembrar que sendo o homem um *ser social*, no seu processo evolutivo ele tende a descobrir que alguém pode ser fonte de prazer para si, iniciando-se aí, a vinculação com o outro.

Há o que se pode chamar de *Seleção Afetiva*. Nas suas interrogações filosóficas, ele percebe o outro, e as necessidades que esse outro pode usufruir começam a tornar dimensões próprias. Descobre que o outro é capaz de alimentar suas necessidades de prazer.

Se no primeiro estágio ele é puro EROS, e como tal egoísta, ele agora começa a iniciar a busca do Filos, do afeto. O indivíduo pode parar nessa etapa, é claro. E assim usará o outro apenas enquanto o outro lhe for útil, o outro lhe der prazer e gratificações de acordo com suas expectativas. Mas, de um modo geral isso tem um preço.

De fato, nesta seleção afetiva, neste caminhar da sensualidade houve um crescimento e o paradigma passa a ser: “Gosto de você porque você me dá prazer... Você me reforça... Você me satisfaz! Você é bom para mim”.

Mas a tendência humana é de crescimento, e ao atingir esse estágio, ele começa a se inquietar, ele busca algo mais e podemos dizer que ele já está a caminho do Amor partilhado. E a Filosofia Existencial participativa encerra a idéia de abrir a Vida na direção do outro. É uma proposta de ampliar-se, de crescer...

Neste sentido dizemos que, se a atividade sexual por si só permite o prazer (o auto-erotismo), quando o homem sente receptividade e troca, esse prazer se amplia.

E é no jogo das trocas que ele se percebe crescendo. Trocas que ocorrem inicialmente no colo materno e no seio familiar, onde ele se prepara para o amor.

“A sexualidade primária, desnuda, desvincula desse sentimento que chamamos AMOR é boa, mas é pobre”.

Ela conhece todas as fases e todas as faces do prazer humano, mas, é sexo sem amanhã.

Dizemos que é “Horizontalidade sem verticalidade”.

Mas, o homem que anseia por seu evoluir bio-psíquico não pára neste estágio. Ele se inquieta e tenta se aprofundar no relacionamento. Ele sente a necessidade de eternizar, na brevidade de um momento, o gesto da entrega, numa vivência sexual perfeita. Assim, ele descobre o AMOR!

Nesta etapa de descoberta entre as pessoas, é comum acontecer um fenômeno singular - o apaixonamento, que é o primeiro passo na direção do Amor. Mas, amadurecer neste caminho exige tempo, atenção, envolvimento e determinação.

Sem esses cuidados, as coisas se atrapalham a se atropelam...

Infelizmente temos observado que muitos casos de apaixonamento que poderiam ter evoluído para o AMOR, tem se perdido na confusão dos mal -entendidos, nos descaminhos do próprio AMOR.

Por que isso ocorre? perguntamos.

- Na verdade, ocorre porque vivenciar fases diferentes do crescimento humano é sempre algo difícil e doloroso.

Se passar do estágio primário do auto-erotismo para a descoberta do outro como fonte de prazer, exigiu esforço, muito maior será esse esforço quando caminharmos em direção a um prazer compartilhado. É preciso abrir-mão de alguns ganhos em favor do outro. Ouvir expectativas, dividir intimidades, ser paciente com as inseguranças e alegrar-se com as alegrias. É preciso respeitar valores e sentir que sua felicidade maior está em partilhar com o outro os momentos felizes.

Falamos então da descoberta do prazer que podemos proporcionar no outro. “*Eu me sinto bem porque dou o bem a você*”, é a tônica.

Se agora a Sexualidade atingiu a dimensão do AMOR, pediríamos um tempo para falar nas etapas do amadurecimento desse Amor. Prometo não me alongar. Afinal tem se falado tanto em Amor que ele quase se substituiu no linguajar comum.

Muitos afirmam “que fazem Amor”, mas, poucos vivem realmente o AMOR. Para admitir o Amor é preciso amar-se. E se o *pré-requisito* do Amor é amar a si mesmo, a primeira etapa do Amor partilhado é o Apaixonamento.

O amor é um processo, a Paixão é uma etapa que desencadeia esse processo. A paixão estimula e exige a descoberta do outro. Quando isso ocorre mutuamente é um deslumbramento e é também uma motivação para que duas pessoas permaneçam juntas, tentando explorar sentimentos comuns, idéias e atividades comuns.

Num certo momento, quando a paixão é correspondida, os pares decidem interpretar seus sentimentos e planejar a vida juntos. É o momento da tomada de consciência, porque enquanto a emoção, a tesão pura e simples, é instintiva e reflexa, o sentimento passa pela corticalidade, exige comportamentos operantes para mantê-lo e fazê-lo crescer. Minha responsabilidade na escolha e no planejamento do meu futuro estará em Jogo.

Esse planejamento estará também moldado em arranjos que satisfaçam a ambos os parceiros, e por isso mesmo varia segundo as necessidades e o momento sócio-cultural em que se vive.

Algumas vezes existem acertos contratuais de ordem religiosa ou legal. Outras vezes o contrato fica para segundo plano porque dentro da filosofia de vida do par, isto é desnecessário. Em qualquer das hipóteses, sempre haverá acordos mútuos nesta mini-sociedade.

No arrebatamento da Paixão os pares vivenciam a lua de mel, que embora cheia de beleza e romantismo, nem por isso é sólida e definitiva.

Esse Amor nascente, para crescer precisará ser cultivado. Se não houver cultivo, o Amor morre com o fim da Paixão que o gerou.

A decisão de investir no Amor é pessoal e envolve uma infinidade de variáveis.

Na verdade, a Paixão inicia o processo, ao qual eu decido pôr fim, porque outros interesses e valores estão em jogo.

Há pessoas até que preferem permanecer num clima de apaixonamento constante, satisfazendo-se com deslumbramentos contínuos a seqüenciais. Desistem de desenvolver o Amor. Para elas, viver neste clima é o bastante, e na verdade, muitas vezes tem suas vantagens.

Parece que esta tem sido a tônica de nossa sociedade de consumo e altamente descartável em que vivemos. Até a Paixão e o Amor tornaram-se descartáveis.

Não vamos aqui aquilatar o valor dessas decisões, nem julgá-las como melhor ou pior. São decisões pessoais e altamente respeitáveis, só que não podem ser confundidas com Amor. Como diz Solomon: "O Amor é algo mais..." embora comece da mesma forma.

E como então caracterizar os ingredientes do processo do Amor?

Paixão (romance, fantasia)

Amizade e Sexo-Comunicação.

É evidente que, se o Amor começa com a Paixão, isso envolve excitação, *atração mútua*. Mas, a atração é curta, enquanto o Amor tende a ser longo...

A atração inicia o romance, sem o qual o Amor não subsiste. E é este romance que vai estimular a fantasia, ingrediente altamente necessário à criatividade amorosa. Já se disse que as pessoas que possuem imaginação fértil, ama melhor. Isto ocorre porque há um contínuo recriar interior.

Mesmo que o dia a dia seja prosaico, mesmo que o parceiro(a) tenha dificuldade de renovação interna, o parceiro romântico estará atento para não deixar se extinguir o processo renovador do Amor.

E, alimentar a Fantasia não é se alienar porque Fantasia não é ilusão, nem é antítese da realidade pura e simplesmente. Isto seria simplório demais e tugiria à Verdade.

Fantasia, como parte integrante do romance amoroso é o enriquecimento da realidade. Daí porque, quem ama se sente rico...

Neste caso, as melhores fantasias são aquelas que podem ser compartilhadas, embora às vezes, a prudência aconselhe a evitar tal artifício.

Para que a partilha da Fantasia seja saudável, é necessário existir um clima de comunicação visceral entre os parceiros. Nem sempre nosso parceiro tem maturidade suficiente para que isso ocorra. Outras vezes, ele prefere ficar imune ao apelo, entrando no processo degenerativo do Desamor.

Outro ingrediente fundamental ao Amor é a AMIZADE. Ela complementa e reforça o Amor, fazendo-o durar. A amizade suaviza a ao mesmo tempo solidifica o Amor.

Maria Helena Matarazzo diz com razão que: “Amar significa ser amigos íntimos”.

A amizade leva ao respeito pela individualidade do outro a ajuda também no processo *comunicativo*, no processo do ENCONTRO.

E... comunicação e encontro é imprescindível a todo relacionamento humano sadio.

Comunicação é a pedra angular e o sangue vital de uma relação.

Os casais que não se comunicam não conseguem manter a intimidade tão necessária ao Amor. Sem comunicação extingue-se a cumplicidade amorosa.

E aqui chegamos ao ponto crucial de nossa fala: A comunicação como via, como caminho perfeito para se atingir uma sexualidade plena, para se atingir o *ENCONTRO CÓSMICO*.

Neste sentido, o Sexo pode ser entendido como a forma mais íntima e profunda da *Comunicação Humana*.

Sexo - Comunicação Amorosa é o somatório de todos os aspectos parciais da sexualidade. O feed-back amoroso retroalimentando informações, amplia a própria estimulação erótica. Ele exige comunicação verbal e gestual e facilita essa mesma comunicação.

Neste sentido o sexo deixa de ser um comportamento estereotipado e estanque, deixa de ser apenas uma ginástica mirabolante, e passa a ser toda uma forma de sentir, pensar a querer. Ele se torna a própria expressão do Amor, onde o toque, o carinho, passam a ter um significado profundo. Se estivermos realmente envolvidos com a sexualidade como expressão de vida, encontraremos o verdadeiro caminho para o Amor. E é nesse “dar as mãos” que se descobre valores e objetivos comuns.

Desaparece aí o perigo da fossilização. Abrem-se as portas para as descobertas mútuas, possibilitando um sexo sempre renovado, num contexto de Amor maduro, constantemente recriado. E é a comunicação que quebra as arestas e salva a sexualidade, mesmo em declínio. Quando a comunicação se interrompe, ouve-se apenas seus próprios apelos, a ocorre a regressão aos processos iniciais do prazer, onde o egoísmo e o egocentrismo tornam-se a tônica. O amor fica aviltado.

E nós sabemos que Amor sem sexo é sempre uma forma truncada de Amor. Daí porque a harmonia sexual é um fator essencial ao Amor.

No processo de aprendizagem porém, para que o encaixe se torne perfeito deve se levar em conta os gostos, as preferências sexuais.

E é mais uma vez o diálogo, a comunicação verdadeira que vai facilitar esse encaixe. Com razão se diz que “O Amor faz o Sexo durar”, mas a contrapartida é igualmente verdadeira: “O bom sexo ajuda o Amor a durar”.

No final dessas considerações quero deixar bem claro que não pretendi dar receitas, ou estipular regras para o Amor. Não pretendi também dizer que o Amor segue um único traçado, um único Caminho, porque para cada um de nós, para cada um de vocês, ele é e será sempre uma experiência pessoal e única que necessita mais do que nunca ser vivenciado a reinventado a cada dia. Os caminhos e descaminhos desse Amor é responsabilidade de cada um de nós.

Quantas vezes nesse caminhar perdemos os rumos e isso pode ocorrer em qualquer momento do trajeto amoroso. Há pessoas que se desencontram na infância do Amor, não permitindo que ele cresça e tome corpo. São amores curtos e fortuitos.

Outros deixam fenecer o Amor na adolescência ou na idade adulta. Não são capazes de superar as crises, porque o diálogo se interrompeu em qualquer das direções. E comunicação exige disponibilidade dos dois.

Mas, o mais trágico ainda, é assistir a um Amor Maduro, pleno de riqueza - onde o crescimento mútuo foi a tônica -, deixar se perder no reboliço estéril de um modismo, onde a ilusão do prazer fácil e egoísta, destrói a própria estrutura do Amor. Este me parece ser o mais cruel e trágico dos desfechos, que infelizmente temos assistido neste final de milênio, onde grandezas e misérias se misturam.

O desafio do Amor tem exigido muito das pessoas de boa vontade, de caráter firme e de maturidade consciente, para que ele permaneça íntegro e ético.

Isso é um trabalho lento, progressivo e por vezes doloroso, com formas diversas de funcionamento, cuja dinâmica psicológica requer auto-transformação constante e zelo contínuo, e onde o tempo não se mede pelo número de anos de convivência porque o Amor traz o tempo em si mesmo. Amor requer maturidade interna. E é talvez por isso, que o poeta brasileiro, Drummond de Andrade, sabiamente escreveu:

“Amor é privilégio de maduros
Amor começa tarde...”

BIBLIOGRAFIA

1. Áries, P. e Béjím, A. (orgs.). *Sexualidades ocidentais*, Brasiliense, 1982.
2. Berne, Eric. *Sexo e amor*, José Olímpio, 1976.
3. Braden, Nathaniel. *A psicologia do amor romântico*, Imago, RJ, 1982.
4. Cavalcanti, M. *Afeto, amor e sexualidade*, In: Sexologia II, Roca, 1986.
5. Cavalcanti, Ricardo. *A história natural do amor*, Ed. Gente, 1995.
6. Cunha, P. *Sexamor*, Nórdica, 1982.
7. Ellis, H. *A seleção natural do homem*, Civ. Brasileira, 1935.
8. Gregersen, E. *Práticas sexuais*, Roca, 1983.
9. Hunt, M. *História natural do amor*, Ibrasa, 1963.
10. May, Rollo. *Psicologia existencial*, Globo, RJ, 1988.
11. Matarazzo, M. H. *Amar é preciso*, Ed. Gente, 1992.
12. Mussen, P. *O desenvolvimento psicológico da criança*, Zahar, 1975.
13. O'Connor, D. *Como hacer el amor... con amor!!!*
14. Penney, A. *Amor total*, Best Seller, 1982.
15. Reuben, D. *Toda mulher pode*, Record, 1971.
16. Solomon, R. *O amor*, Saraiva, 1992.

Trabalhos
de
Pesquisa

Influências dos fatores físicos e psicológicos na sexualidade do lesado medular **1**

Creuza Souza Dias*

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda dois temas demarcados pelos padrões de “moralidade” e de “normalidade” - sexualidade e lesão medular - nos quais incidem uma carga cultural de tabus e preconceitos muito intensa.

A cultura ocidental contemporânea valoriza a aparência física, definindo as pessoas por padrões estéticos. O culto ao corpo belo e saudável é apregoado pela mídia. Esta é uma sociedade de consumo, onde a mercadoria é veiculada por uma propaganda embalada na beleza e na juventude. Predominando, também, a idéia de que o trabalho é que dignifica o homem.

Nossa sociedade caracteriza-se, ainda, pela desigualdade de conceituação dos papéis que homens e mulheres devem exercer. O padrão, de masculinidade é sinônimo de virilidade, de força e de dominação física. A

* Psicóloga graduada pela Faculdades Integradas da Sociedade Educacional Tuiuti. Pós-graduada *Latu Sensu* em Sexualidade Humana pela Faculdades Integradas da Sociedade Educacional Tuiuti.

Recebido em 07.05.96

Aprovado em 23.05.96

representação do papel masculino configura-se como sustentáculo da família, provedor e defensor.

Deste modo, tornar-se deficiente físico nesta sociedade é viver em permanente conflito com a incapacidade, com a dificuldade de ser aceito por si mesmo e pelos outros. O estigma da deficiência interfere em todos os aspectos da vida do portador, criando preconceitos, favorecendo a discriminação, dificultando a realização plena do ser humano.

Uma sociedade criada para os qualificados como capazes de trabalhar e produzir não se preocupa em planejar o espaço social para a circulação e o convívio com os portadores de deficiências.

Resultam deste estado de coisas preconceitos, visíveis nas ruas, na escola, no trabalho, no lazer. O deficiente, de modo geral, é visto como uma pessoa digna de piedade, incapaz de participar e de conviver. E, muitas vezes, como fruto desses preconceitos, o próprio deficiente assume a imagem preconceituosa de si mesmo. Não se percebe como um indivíduo comum, nem descobre suas próprias potencialidades, só enxergando sua deficiência.

A existência de uma visão estreita e preconceituosa pode ser encontrada mesmo nos profissionais da equipe de saúde e nos próprios pacientes. Esta postura decorre, ainda, das crenças da própria sociedade, que constrói uma sexualidade mais genitalizada e que valorize a virilidade do homem. De acordo com MURARO (1983) o corpo genitalizado do homem tem origem na idéia predominante de que seu corpo é conformado para o trabalho, para a produção, para o uso da força. A sexualidade feminina é, então, construída como complementar, é menos centrada nos órgãos genitais, é mais difusa sobre o corpo. A dominação do homem para a mulher sustenta-se por esta genitalização.

A sociedade tende a valorizar os resultados do coito e da obtenção do máximo de rendimento. A satisfação orgástica é considerada a meta a ser atingida na relação sexual, para se alcançar o máximo do prazer. Os próprios meios de comunicação, especialmente escritos e pretensamente científicos, encarregam-se de propalar esta idéia.

De modo geral, o interesse das pesquisas sobre as dificuldades que enfrentam as pessoas com deficiência física, neste caso o lesado medular, orientam seu enfoque para os aspectos neurofisiológicos. É recente, a preocupação dentro de uma perspectiva psicológica. Na maioria dos estudos tem-se utilizado entrevistas padronizadas e questionários, cuja validade é necessário considerar com cautela, pois trata-se de uma área do comportamento humano muito íntima e muito complexa porque envolve sentimentos, cultura, atitudes e crenças.

Apesar de, hoje, a sociedade estar sendo mais permissiva e aberta para estas questões, continuam existindo preconceitos marginalizadores para pessoas deficientes.

Uma atenção profissional maior e o reconhecimento da sociedade de que estes indivíduos continuam muitas vezes tendo necessidades e desejos sexuais é um grande avanço. Mas, pode-se considerar apenas o começo, pois torna-se necessário encontrar novas respostas para antigas questões, até se alcançar o caminho da igualdade de oportunidades e plena integração social. (CURCOLL, 1992:13).

Na maior parte das vezes, as investigações sobre a sexualidade dos indivíduos portadores de lesão medular têm como enfoque somente a dimensão neurofisiológica. Embora já existam alguns estudos sobre perspectiva psicológica, ainda não se dispõem de estudos rigorosos nesta área. Talvez pela própria dificuldade por tratar-se de uma área mais afeta a tabus e preconceitos. Entretanto, sabe-se, hoje, que a compreensão dos aspectos psicológicos dos portadores de lesão medular tornam-se fundamentais, por parte dos profissionais, para auxiliar na reabilitação destes pacientes.

Em síntese, tentou-se buscar resposta à seguinte pergunta: quais os fatores físicos e psicológicos que interferem na sexualidade do homem com lesão medular completa?

E para tal tomou-se como base os indivíduos portadores de deficiência física da ADFP.

DEFICIENTE E SEXUALIDADE

Deficiente

De acordo com a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, aprovada pela Assembléia Geral da O.N.U. em 9.12.75 em seu art. 1º: *“O termo Pessoas deficientes, refere-se a qualquer pessoa, incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente as necessidades de uma vida individual ou normal, em decorrência de uma deficiência congênita 0,1 ou não em suas capacidades físicas ou mentais”*.

O termo deficiente assume um valor cultural segundo os padrões, regras e normas de cada sociedade. Além disso, a mesma deficiência pode gerar problemas diferentes conforme as circunstâncias de vida das pessoas. Segue-se que o termo deficiência é muito amplo, não existindo uma

clara distinção entre pessoas “*normais*”, com problemas mentais, emocionais e sociais e outras pessoas, sem estes problemas, mas portadores de uma deficiência física.

Sexualidade

Sexualidade corresponde à soma de impulso sexual, ato sexual e todos os aspectos da personalidade envolvidos na comunicação e no relacionamento interpessoal: diálogos, atividades e interesses partilhados e outras formas de expressar afeto e amor.

A sexualidade engloba atitudes e comportamentos, masculino e feminino de uma pessoa nas suas relações com o mundo. (MAIOR, 1988:16)

Entendemos a sexualidade de forma abrangente considerando sua influência sobre todos os aspectos da vida humana desde a concepção até a morte, manifestando-se *em todas as fases da vida* (infância, adolescência, fase adulta, terceira idade) sem distinção de raça, cor, sexo, deficiências, etc.; considerando a *genitalidade* como uma de suas formas de expressão, porém não a única.

Sexualidade e deficiência

Falar de “sexualidade” ou de “deficiência” suscita muitas controvérsias, face aos preconceitos, falta de informações e tabus que envolvem este assunto.

Quando se fala em sexualidade, deve-se entendê-la como um conjunto de comportamentos que englobam, não apenas o ato sexual em si, mas também, interesses, atividades e formas de expressar afeto, carinho de dar e de receber amor e que proporcionam prazer ao indivíduo.

Lesão Medular

Por lesão medular entendemos um acometimento grave e trágico na vida de uma pessoa. Frequentemente, causa a perda permanente da sensibilidade e/ou motricidade abaixo do nível medular acometido, deixando o indivíduo tetraplégico ou paraplégico.

As conseqüências da lesão medular são irreversíveis e permanentes e consistem em paralisia das extremidades, alterações da sensibilidade, falta de controle sobre as esfíncteres, tanto vesical como retal, transtornos no Sistema Nervoso Autônomo e alterações nos diferentes componentes da sexualidade e fertilidade.

Depois de uma lesão da medula espinhal, se podem produzir uma série de síndromes neurológicas, com seqüelas que atinge o campo da sexualidade.

Freqüentemente, essa lesão causa a perda permanente da sensibilidade e/ou motricidade abaixo do nível medular acometido, levando o indivíduo à tetraplegia ou paraplegia, além de causar significativas alterações viscerais, sexuais, tróficas e outras.

De modo geral, o comprometimento da integridade funcional da medula espinhal acarreta transtornos deficitários, tais como: da motricidade, dos aspectos tróficos dos tecidos, dos reflexões, da função sexual e outros.

Embora o paciente portador de lesão medular apresente alterações na função sexual, persiste a sua sexualidade já que esta é inerente ao ser humano e está influenciada por fatores genéticos, psicológicos e culturais. A função sexual é parte integrante dessa sexualidade e pode ser definida como um complexo mecanismo neuro-psico-endócrino-vascular.

Entende-se por paraplegia, causada por lesão medular traumática, um quadro de déficit motor e sensitivo com alterações importantes de funções como circulação, bexiga, intestinos, controle térmico e atividade sexual, com paralisia total dos membros inferiores.

Para fins deste estudo, nossa abordagem limita-se às alterações sexuais no homem portador de paraplegia por etiologia traumática.

Paraplegia e as dimensões da sexualidade

A sexualidade constitui uma das dimensões do indivíduo; não se refere apenas a seu potencial para reagir a estímulos eróticos. Ela própria é multidimensional: comportando as dimensões físico-biológica, psicológica e sócio-cultural.

Dimensão Físico-Biológica

Dizem CURCOLL e VIDAL que das múltiplas menos-valias que pode sofrer o homem, a lesão ou enfermidade da medula é uma das calamito-

dades mais devastadoras na vida humana. A lesão medular, de acordo com estes autores, “consiste na interrupção das vias nervosas, de forma parcial ou completa, secundária a uma enfermidade, por *traumatismo* ou de origem congênita, que afeta a medula espinhal ao longo de seu espaço, pela coluna vertebral”. (CURCOLL e VIDAL, 1992:25)

Paraplegia causada por lesão medular entende-se como um quadro de déficit motor e sensitivo com alterações importantes de funções como circulação, bexicga, intestinos, controle térmico e atividade sexual, com paralisia total dos membros inferiores.

As alterações da função sexual no homem portador de lesão medular, envolvem a ereção, a ejaculação, o orgasmo e a fertilidade.

Dimensão psicológica

É fundamental a compreensão da pessoa humana como um ser total que, por alguma circunstância tornou-se paraplégica. NEDER (1961) sublinha que não se pode atribuir uma estrutura de personalidade específica para os paraplégicos.

Eles diferem entre si, diferem dos indivíduos que não são portadores de deficiência física e como estes, apresentam personalidade própria, pessoal e individual.

NEDER avaliando 66 (sessenta e seis) casos de paraplégicos em processo de reabilitação explica que têm papel importante na sexualidade destas pessoas as experiências de vida anteriores à instalação da paraplegia e as adquiridas no meio familiar. (NEDER, 1961:45)

Sobre a sexualidade, é necessário considerar também as experiências de vida anteriores à instalação da paraplegia, em especial, as adquiridas no meio familiar. Enfatiza-se o peso da sociedade face a valores preconceituosos sobre o homem impotente que passa a ser objeto de depreciação, parceiro inaceitável para a mulher, incapaz de ser pai e inadequado como homem em todo o sentido da palavra. (NEDER, 1961:45)

Há de se destacar que a compreensão das reações dos indivíduos paraplégicos envolvem atividades psíquicas conscientes e inconscientes e condições de sua auto-imagem e esquema corporal, uma vez que o paraplégico deverá integrar uma nova imagem corporal a reformular seu auto-conceito.

MAIOR (1988) referindo-se aos problemas psicológicos do paraplégico, no qual se refere à sexualidade, destaca três áreas relacionadas: imagem corporal, auto-estímulo e identidade sexual.

A imagem corporal

Imagem corporal é entendida como a percepção que se tem do próprio corpo e a crença de como este corpo é percebido pelos outros.

A imagem do corpo é muito fortemente socializada e culturalizada, pois seus modelos variam segundo o sistema interpretativo dos grupos humanos.

As imagens que o indivíduo constrói sobre si mesmo são várias.

Ao lado da imagem do corpo existem as imagens social, sexual, intelectual e outras possíveis. Cada situação que a pessoa enfrenta, vem à tona uma destas imagens, que inconscientemente é adequada às circunstâncias do momento.

Assim, as imagens negativas geralmente são agrupadas, resultando que uma pessoa com uma imagem fraca sobre si própria em relação ao seu corpo, mostra a tendência de unir a esta imagem, uma imagem fraca em relação à sua vida social, sexual, familiar, cultural. (MAIOR, 1988:41)

A identidade sexual

O estereótipo de masculinidade assenta-se na idéia de força, agressão e dominação física e ereção. Disto decorre a necessidade de o paraplégico ser orientado na busca de sua identidade sexual, por ser a maneira de cada um expressar-se como homem. (MAIOR, 1988:25)

Os pontos básicos para o reequilíbrio da personalidade são: elaborar a nova imagem corporal, recuperar a auto-estima e buscar sua identidade sexual. Então, surge “a confiança para reassumir *um* papel sexual e social positivo”. (MAIOR, 1988:25)

MONEY e TUCKE observam a necessidade de diferenciar identidade sexual e papel sexual. Assim, identidade sexual é o seu senso de si mesmo como homem ou como mulher. O papel sexual inclui tudo o que se pensa e se sente, o que se diz e se faz, que indique a si e aos outros que se é homem ou mulher. Como afirmam estas autoras: “*A identidade sexual e papel sexual não são duas coisas distintas, são aspectos diferentes da mesma coisa, assim como os proverbiais dois lados da mesma*

moeda. A sua identidade sexual é experiência interna do seu papel sexual; o seu papel sexual é a expressão da sua identidade sexual. O termo 'identidade papel sexual' enfatiza esta unidade". (MONEY e TUCKE, 1981:12)

Considerando ainda que, como o estereótipo de masculinidade está impregnado por idéias de força, agressão e dominação física, os portadores de paraplegia necessitam ser orientados na busca de sua identidade sexual, que é a maneira de cada um expressar-se como homem em nosso universo sócio-cultural. (SALIMENE, 1992:42)

Auto-estima

A auto-estima está associada à avaliação da imagem corporal que o deficiente físico faz de si próprio. Entendida, aqui como a confiança e a satisfação que o próprio corpo transmite ao indivíduo. MAIOR afirma que: *"afetada a auto-estima estará também distorcida a percepção de adequação à vida, dando espaço a sentimento de inferioridade e abandono". (MAIOR, 1988:25)*

As pessoas que convergem a auto-estima para a capacidade física têm mais dificuldade de se reajustar após a instalação da lesão. MAIOR declara que há uma relutância pela maioria dos deficientes em abandonar a imagem corporal anterior. Este fato foi observado por RYAN (1961) em estudo sobre os sonhos dos paraplégicos, constatando que, em seus sonhos, eles não se vêem deficientes. (MAIOR, 1988:25)

O paraplégico precisa construir uma nova imagem, inclusive a partir das reações dos outros ao "novo" corpo. Essa reestruturação passa também pelo conhecimento de suas limitações e pela incorporação que passo cadeiras de rodas, muletas, coletores de urina - numa nova convivência com o próprio corpo.

Dimensão sócio-cultural

A dimensão psicossocial da sexualidade inclui fatores psicológicos - emoções, pensamentos e personalidade - combinados a elementos sociais, o modo como as pessoas interagem.

MURARO fala que o sexo encontra-se na conjunção de dois eixos da vida humana: o individual e o coletivo. É no sexo que se localiza o elemento mais importante da nossa interioridade, é onde interagem libido,

pulsões, desejos, funções, prazeres e desprazeres. MURARO considera, ainda, que no sexo está também o elemento substancial da “economia política da vida”. Isto é a regulação das populações tom todos os efeitos globais de reprodução e controle nas sociedades ocidentais modernas. (MURARO, 1983:21)

O modelo caracteristicamente masculino da sociedade brasileira é de dominação, gerando o fenômeno do machismo. Assim, o paraplégico, a despeito de passar a portar uma deficiência física, continua convivendo no interior do próprio modelo sócio-cultural que o produziu, e agora o exclui. Nesse processo de exclusão, também sua sexualidade é negada pela sociedade.

O homem que agora é portador de deficiência e que exercia antes um papel dominante no plano social e cultural, no que se refere ao desempenho de sua sexualidade, se vê agora atingido. Com a aquisição da limitação física - e, por decorrência, com o aparecimento de barreiras que frente a ele se instalaram no plano de sua vivência social - este papel dominante poderá ser desestabilizado, trazendo-lhe conflitos, frustrações, e a imposta condição de marginalidade, incapaz.

Com toda essa cobrança social e pessoal será extremamente difícil reabilitar o paraplégico para uma nova forma de ser, se perceber e agir como homens nesta sociedade. E como diz SALIMENE, “*que esses indivíduos sejam orientados e estimulados a desenvolver a sua sexualidade de forma gratificante, por onde passarão também as suas possibilidades de estabelecer relações de afeto e de convívio interpessoal*”. (SALIMENE, 1992:59)

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista dirigida com questões semi-estruturadas para se conhecer a qualidade do relacionamento sexual antes e após a lesão, e assim perceber as mudanças ocorridas.

As entrevistas foram efetuadas, no período de um mês, na sede da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná, em horário regular em que os associados compareciam (segundas, quartas e sextas, das 14:00 às 17:00 horas).

Procedeu-se a um teste piloto tom a ficha de entrevista realizada com 5 (cinco) pessoas do mesmo grupo, para se verificar se todas as questões estavam claras e saber quais as questões que precisavam ser

cuidadosamente controladas para se evitar antagonismo ou constrangimento dos entrevistados. Buscou-se, também, verificar se existiam questões que não provocassem a informação que se pretendia obter.

As informações obtidas na entrevista foram registradas nos formulários individuais no momento da coleta dos dados.

Foram entrevistados, ao todo, 50 (cinquenta) indivíduos do sexo masculino.

O tratamento dos dados tiveram como base as seguintes categorias de análise: imagem corporal, auto-estima e identidade masculina.

Resultados Obtidos

Em relação à faixa etária predominou a faixa entre 31 e 40 anos (40%) seguindo-se de 21 a 30 (28%) e de 41 a 50 (28%), com apenas 4% na faixa entre 15 a 20 anos.

O estado civil, antes do acidente, é representado por 70% solteiros e 26% casados, e apenas 4% separados. Após o acidente, foi mínima a diferença, pois 5 (cinco) dos solteiros, casaram-se, entretanto o número de casados permaneceu porque houve 5 (cinco) separações.

Em relação ao grau de instrução predominou o 29 grau completo (44%), seguindo-se o 19 grau incompleto (22%) e o superior (20%), não se registrando nenhum analfabeto.

Ao se analisar as conseqüências do acidente constatou-se que o relacionamento com a parceira, antes do acidente para a maioria era bom ou ótimo (78%). Após o acidente, mais da metade da população relacionada teve sérias alterações ou rompeu-se.

Em relação ao trabalho, quase metade do grupo mudou de função e para 20% não houve alteração. É significativo o número dos que se retiraram do trabalho, através de pedido ou aposentadoria (30%). A incidência mais alta dos que se demitiram ou se aposentaram verificou-se para os que estão entre 30 e 50 anos, em plena idade de produtividade.

Apesar de, para mais da metade da população estudada, ter havido readaptação ao trabalho, ainda restou mais ou menos 40% de pessoas que parecem ainda necessitar de uma política de adaptação ou reencaminhamento profissional.

No entanto, em relação às atividades sociais, verificou-se que a metade dos entrevistados abandonaram todas as atividades sociais.

Porém quando esta mesma questão se fez por tipos ou atividades sociais a resposta cai para 24% especificando-se posteriormente o que foi deixado para traz.

Os indivíduos na faixa de 15 a 20 anos foram os mais atingidos em relação à prática das atividades sociais.

Estes dados indicam a carência de um trabalho social mais intenso com o objetivo de reintegrar os lesados medulares no convívio da sociedade.

Ao se analisar a manifestação da sexualidade verificaram-se os tópicos seguintes:

Vida Sexual

Em relação ao desejo sexual, constatou-se que era “freqüente” e “muito freqüente” em 92% dos entrevistados e após o acidente este percentual cai para 16%; enquanto que “pouco freqüente” e “raro” passou a incidir 72%.

A ereção sofreu significativas mudanças para este grupo de lesados medular, verificando-se 88% com “freqüência” e “muita freqüência” antes do acidente, e 16%, após o acidente. Em referência à ejaculação constatou-se que após o acidente 52% não têm mais ejaculação, enquanto antes do acidente este percentual era zero. Observou-se que a fase do orgasmo foi a mais prejudicada, correspondendo a 2% às respostas para os itens “raramente” e “nunca atinge” para antes do acidente, a 72% para estes mesmos itens após o acidente.

Para mais da metade dos entrevistados, as atividades sexuais reiniciaram após um ano de ocorrência da lesão e para 12% não houve reinício.

Vida Sexual

Em relação ao desejo sexual, constatou-se que era “freqüente” e “muito freqüente” em 92% dos entrevistados e após o acidente este percentual cai para 16%; enquanto que “pouco freqüente” e “raro” passou a incidir 72%.

A ereção sofreu significativas mudanças para este grupo de lesados medular, verificando-se 88% com “freqüência” e “muita freqüência” antes do acidente e 16% após o acidente. Em referência à ejaculação constatou-se que após o acidente 52% não têm mais ejaculação, enquanto antes

do acidente este percentual era zero. Observou-se que a fase do orgasmo foi a mais prejudicada, correspondendo a 2% às respostas para os itens “raramente” e “nunca atinge para antes do acidente e 72% para estes mesmos itens após o acidente.

Para mais da metade dos entrevistados as atividades sexuais reiniciaram após um ano de ocorrência da lesão e para 12% não houve reinício.

Verificou-se que a maior parte das pessoas entrevistadas mudou de posição para fazer sexo. Em referência ao tipo de relação sexual, em torno da metade prefere o sexo vaginal e 32% aos jogos preliminares. Não ocorreu nenhum registro sobre preferência de sexo oral ou anal.

Na vida atual do grupo analisado, as alternativas de gratificação sexual entre o casal que têm preponderância são abraços e beijos (80%). Quase a totalidade raramente se masturba.

com relação à atitude do entrevistado, em referência à sua deficiência, verificou-se que 90% ao tomar consciência do fato foi tomado por um sentimento de “revolta/raiva” e na situação presente 56% passou a manter “uma boa convivência”.

Podem-se resumir os resultados da análise nos seguintes itens:

1. como consequência do acidente, o relacionamento com a companheira sofreu sérias alterações;
2. os indivíduos atingidos pela lesão medular sofreram também com as alterações em relação ao trabalho e às atividades sociais;
3. em relação à manifestação da sexualidade constatou-se que todas as fases do ato sexual foram prejudicadas, mas a mais atingida foi o orgasmo;
4. o tratamento de reabilitação mostrou-se efetivo para mais da metade da população pesquisada;
5. a maioria dos pesquisados busca alternativas de gratificação sexual.

DISCUSSÃO

Confirmou-se nesta investigação a afirmação de que se confirma nesta investigação a afirmação de que a função sexual do lesado medular é mais prejudicada na seguinte ordem: orgasmo, ejaculação e ereção.

Segundo LIANZA (1985), a ereção está diretamente relacionada ao nível da lesão. A ejaculação, por ser um mecanismo reflexo mais complicado é mais vulnerável que a ereção. Esta função é rara nos pacientes com lesão completa. O orgasmo pode ser sentido tanto por portadores de lesão completa tipo N.M.I., como por alguns com lesão completa.

O significado do sexo mantêm-se inalterado para a maioria dos indivíduos, contudo a disfunção sexual é um dos principais problemas da lesão raduimedular.

O deficiente enfrenta um período de transição até encontrar novos rumos para sua reidentificação sexual, mas com orientação correta e participação de sua parceira pode, muitas vezes, ter uma vida sexual ativa. Excluído pela sociedade graças aos padrões e aos preconceitos estabelecidos, pela cultura do belo, da aparência física, da valorização do saudável e do perfeito, do estereótipo de masculinidade impregnado pela idéia de força e de dominação física.

A violência urbana não só o produz, como também o agride limitando suas possibilidades como ser integral.

Ser portador de deficiência nesta sociedade é viver em permanente conflito com a aceitação por si mesmo e pelo outro. Deste modo, quando um indivíduo sofre uma lesão medular, e se vê repentinamente limitado em alguma de suas funções, tem a percepção que daquele momento em diante, as suas perspectivas de futuro foram truncadas.

São inúmeras as dificuldades que ele passa para enfrentar, desde adaptar-se ao novo estado físico, à imagem corporal, até a aprender a conviver com todos estes problemas.

Pelos dados coletados e analisados, observou-se que, no plano afetivo para este universo, a sexualidade se manifesta e é vivenciada como a realização de uma necessidade básica. Ela acontece apesar dos limites, dos traumas, das dificuldades, ao toque, às carícias, aos gestos. O sexo é visto como algo bom, positivo; para alguns, a única coisa que lhes restou, mesmo aos bocados.

Pode-se concluir que a reconstrução da identidade masculina do homem com lesão medular passa pela via de reconstrução de sua sexualidade. Quando percebida e vivenciada sob uma perspectiva mais ampla de sua vida cotidiana, parece ser vivida com mais êxito. Deste modo, a retomada dos papéis sociais e familiares estão intimamente ligados também à manifestação da sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CURCOLL, M. L. & VIDAL, J. *Sexualidad y lesion medular*. Barcelona-Espanha: Fundació Institut Guttmann.
2. LIANZA, S. “A lesão de medula”. In: LIANZA, S. et all. *Medicina de reabilitação*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.
3. MAIOR, Izabel Maria Maderia de Loureiro. *Reabilitação sexual do Paraplégico e tetraplégico*. Rio de Janeiro: Revinter, 1988.
4. MONEY, John e TUCKE, Patrícia. *Os papéis sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
5. MURARO. *Sexualidade da mulher brasileira*. Corpo e classe social no Brasil. 3. cd. Petrópolis: Vozes, 1983.
6. SALIMENE, Arlete Camargo de Melo. *Paraplegia por lesão medular traumática em homens e sexualidade*. São Paulo: PUC, 1992. Dissertação Mestrado (mimeogr.).

A educação sexual realizada
na família e na escola: opinião
de escolares adolescentes
The sexual education in a
family and in the school: the
teenagers students opinion **2**

Maria Cristina Pinto de Jesus*

Viviane Pena Temer**

Marcio Almeida da Silva***

RESUMO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório realizado em uma escola pública de Juiz de Fora cujo objetivo principal foi verificar a opinião de escolares adolescentes da 6ª série do 1º grau, sobre a educação sexual realizada pelos pais a pela escola. Por meio de um questionário semi-aberto buscou-se a caracterização dos adolescentes, suas experiências vividas; nível de diálogo com os pais; opiniões sobre a participação da escola na educação sexual. Os resultados mostraram que adolescentes, em sua maioria, na faixa etária de 12 anos relataram já terem interesse Pelo outro e que receberam as primeiras informações sobre sexo com amigos da mesma idade. O nível de diálogo com pais e

* Enfermeira, Mestre em Educação, Professora Adjunto I da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientadora no Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq/UFJF.

** Aluna do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFJF, bolsista no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Juiz de Fora. No período de julho/95-julho/96.

*** Aluno do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFJF, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-CNPq/UFJE no período de julho/95-julho/96.

professores é pequeno, embora, a maioria desses adolescentes considera que os pais deveriam conversar abertamente sobre o assunto com os filhos na adolescência e que a escola e o lugar apropriado para complementar a educação sexual realizada pela família. Constatou-se caber aos pais, a realização da educação sexual dos filhos, constituindo-se parte integrante da educação global, portanto, a Escola deveria auxiliá-la nessa tarefa.

Unitermos: Educação Sexual; Sexualidade; Adolescência.

SUMMARY

This is about a descriptive study explorative made in a public school in Juiz de Fora with the main object was to verify the opinion of teenagers students about sexual education done by parents and the school. By means of a semi-open questionnaire, we will look for the teenagers characterization their lived experiences; dialogue level with the parents; opinions about participation of the school in the sexual education. The results showed that teenagers, most of them in the age of twelve reported that had already showed interest for each other and received the first information about sex by friends in the same age. The dialogue level between parents and teachers is small, although, the most of teenagers consider that the parents could talk openly about this subject with the adolescent children, and that the school is the appropriate place to complementary the sexual education released by family. It was noticed to belong to parents, their children sexual education, so, the school should help them in the task.

Uniterms: Sexual Education, Sexuality, Adolescence.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos tempos, a educação sexual parece ter sido ligada às normas sexuais vigentes, ora favoráveis, ora desfavoráveis à sexualidade. Assim, a forma como é vista a sexualidade humana é influenciada pelo tipo de sociedade, secundo a constituição da família e de acordo com o momento histórico vivido.

Nos tempos atuais, com o surgimento da AIDS, a exemplo do que ocorreu em outras épocas, com outras epidemias, a educação sexual ganha destaque, já que a profilaxia da doença ainda é a única medida plausível para o seu controle.

VITIELLO (1995, p. 19) faz a distinção entre a orientação e a educação sexual, salientando que o educador é aquele que exerce uma influência contínua e duradoura junto ao educando. Assim, a educação leva “à formação e ao crescimento interior” das pessoas. Em sua opinião, quando “o médico, a enfermeira, o psicólogo ou o assistente social fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a educação sexual, mas sim, funcionando como meros informadores”.

CAVALCANTI (1993, p. 169) considera a educação sexual como um conhecimento acerca da sexualidade que leva as pessoas a modificar atitudes. Ao distinguir os tipos de educação sexual o referido autor ressalta a importância da educação informal como aquela dada pela família, igreja e grupos sociais já que a mesma, segundo ele, poderá levar as pessoas a um comportamento imitativo.

O contexto familiar parece interferir na modelagem do comportamento sexual das pessoas. “As atitudes dos pais, as coisas ditas consciente ou inconscientemente, são elementos com os quais o bebê... vai construindo uma imagem de si, vai se narcisando ou se rejeitando em seu sexo e sua pessoa” (CARIDADE, 1994, p. 143).

Parece haver um consenso ao se considerar a iniciação da educação sexual como tarefa primeira da família. Em seu estudo VITIELLO (1995, p. 4) diz que a melhor educação sexual seria aquela proporcionada pelos próprios pais, já que, na maioria das vezes, são eles que atuam por muito tempo e de modo significativo junto aos filhos durante a fase de formação da personalidade.

Quanto à escola, essa, por sua vez, parece abordar de forma tímida e limitada a questão da educação sexual.

De acordo com RIBEIRO (1990) a educação sexual que existe nas escolas brasileiras se caracteriza pela omissão total ou por enfoques predominantemente biológicos, psicológicos, distribuídos em disciplinas isoladas, não integradas, excluindo-se os aspectos sociológicos, econômicos, políticos, históricos, religiosos e culturais.

Ao priorizar o aspecto biológico, abordando o sexo/reprodução em detrimento do sexo/prazer os professores muitas vezes, podem não estar atendendo a expectativa dos adolescentes frente as questões da sexualidade.

Embora, desde 1974 o Conselho Federal de Educação tenha aprovado o Parecer de nº 2264/74 que menciona a educação sexual como objetivo a ser desenvolvido no programa de 2º grau, em muitas escolas este objetivo ainda não se concretizou.

A partir da década de 80, o tema educação sexual ganhou maior ênfase na área de saúde com a implantação de Programas pelo Ministério da Saúde através da Divisão Nacional de Saúde Materno Infantil (DIN-SAMI), que desde 1986, englobou em suas ações a assistência primária à saúde do adolescente dentro do contexto do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher e da Criança.

MAAKAROUN (1991, p. 7) ressalta que:

“o desconhecimento do funcionamento do próprio corpo, a falta de suporte afetivo genuíno dentro da família, a busca de reconhecimento e aprovação constantes por parte de companheiros e a deficiência de programas com vistas a educação sexual dos jovens têm sido os responsáveis pelas estatísticas alarmantes de gravidez na adolescência, abortos

Considera-se que nem a família, nem a escola, sozinhas, podem acreditar-se suficientes na tarefa de educar para a vida sexual. Os desconhecimentos e dificuldades que a maioria dos adultos parecem ter em lidar com assuntos relativos a sexualidade, são desafios que precisam ser trabalhados por pais e educadores. É preciso refletir sobre a própria sexualidade. O adulto que não lida bem com a sua sexualidade, estaria em condições de ser um orientador sobre o assunto? Soaria falso!

Observa-se a tentativa de educadores e profissionais de saúde na realização de trabalhos multiprofissionais e interinstitucionais, visando a, educação sexual de adolescentes.

Pode-se citar o estudo de FERRIANI et al. (1994) realizado junto a grupos de adolescentes de escolas públicas de Ribeirão Preto utilizando a metodologia participativa. As autoras apontam na discussão dos resultados que os assuntos ligados a sexualidade, despertaram grande interesse desses adolescentes. No entanto, constataram também, que os pais não se interessavam pelo que a escola discutia sobre o assunto com os alunos, enquanto os professores abordavam pouco essa temática com os adolescentes em sala de aula.

Na modalidade de extensão universitária, um grupo de profissionais da saúde e da educação realizou um trabalho de caráter preventivo e assistencial junto aos adolescentes da 5ª série de uma escola pública de 1º e 2º graus da periferia de Juiz de Fora, MG, no período de 1990 a 1995.

Dentre as ações desenvolvidas no trabalho denominado Programa Saúde-Escola destacaram-se a avaliação das condições de saúde dos escolares e as oficinas de trabalho educativo em saúde realizadas, com a participação dos acadêmicos de enfermagem. Com o decorrer do tempo, tais oficinas foram consideradas pelos participantes e pela equipe como o ápice ao programa.

Durante todos os anos, a temática principal das oficinas realizadas, mensalmente, de fevereiro a dezembro, foi a sexualidade. Atendendo a solicitação prévia dos adolescentes trabalhou-se, em horário extra-turno, temas como: alterações hormonais, corporais e emocionais na adolescência; puberdade; gravidez; doenças sexualmente transmissíveis; métodos contraceptivos; namoro; homossexualidade; virgindade; masturbação; drogas e outros. Desse modo, objetivou-se com a realização das oficinas proporcionar aos adolescentes um espaço para reflexão sobre as questões que mais os afligiam acerca da sexualidade.

A avaliação feita no final do trabalho educativo realizado com os alunos que cursaram a 5ª série em 1995 mostrou que dos 107 adolescentes que responderam a ficha de avaliação final, a maioria, 84 (78,8%) disse que o Programa contribuiu para melhorar o convívio familiar. Os adolescentes emitiram opiniões tais como: “foi um estímulo para discutir mais o assunto em casa”; “sim, eu comecei a entender melhor meus pais a meu irmão; “Sim, passamos a ter mais diálogo”.

Dentre os 72 (67,6%) que consideram que o Programa facilitou a sua vida na escola, pode-se citar as seguintes falas, como exemplo: “serviu para que eu entendesse as aulas de ciências”; “quando cheguei na matéria de ciências ‘reprodução’ eu já sabia quase tudo”; “sim me ajudou muito na convivência com meus colegas”.

Considerando que as instituições diretamente envolvidas na educação sexual de adolescentes têm sido a família e a escola, pretende-se verificar o que os mesmos pensam sobre o ensino da sexualidade realizado Por essas instituições.

OBJETIVOS

1- Verificar a opinião de escolares adolescentes sobre a educação sexual realizada na família e na escola.

2- Analisar se houve ou não, influência do Programa Saúde-Escola nas respostas dos adolescentes que participaram do Programa frente as questões de educação sexual.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de natureza exploratória realizado em uma escola pública da periferia do município de Juiz de Fora, MG, no período de fevereiro a março de 1996.

Participaram do estudo 178 alunos que atendiam aos seguintes, critérios: (a) serem matriculados na Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes; (b) estarem cursando a 6ª série do 1º grau; (c) serem egressos da 5ª série do ano de 1995, tendo participado ou não do Programa Saúde-Escola e (d) que concordassem em participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada em dias letivos, no horário das aulas de ciências biológicas, visando encontrar com toda a turma reunida em sala de aula.

O instrumento para coleta de dados constituiu-se de um questionário, em anexo, com 26 perguntas distribuídas em questões fechadas e abertas, possibilitando assim, a análise qualitativa dos dados. Os itens foram agrupados nas seguintes categorias: (a) Caracterização do adolescente: idade, sexo, religião da família, número de irmãos, posição entre os irmãos; (b) Experiências vividas: interesse pelo outro sexo, idade em que obteve as primeiras informações sobre sexo; (c) Nível de diálogo com os pais: pessoas com quem fala sobre sexo, reação dos pais frente as questões sexuais, conversas entre pais e filhos sobre sexualidade, o que os filhos gostariam de conversar com os pais sobre a sexualidade; (d) Participação da escola na educação sexual: discussão com professores sobre assuntos relacionados a sexualidade na sala de aula, participação no Programa Saúde-Escola, opiniões sobre a participação da escola na educação sexual e maneiras de participação da escola na educação sexual dos adolescentes.

O roteiro do questionário foi testado por meio de um estudo piloto com um grupo de adolescentes não participantes da pesquisa. No estudo piloto procurou-se detectar as respostas que tiveram maior índice de dúvidas e dificuldades, tendo sido reformuladas antes da realização do estudo. O questionário foi submetido à apreciação de especialistas na área de educação sexual para verificar se os itens estavam bem construídos quanto a forma e o conteúdo.

Os pesquisadores distribuíram os questionários e foram respondendo as dúvidas durante o preenchimento à medida que surgiam. Os questionários foram recolhidos imediatamente após o seu preenchimento. Os pesquisadores procuraram não induzir as respostas por parte dos adolescentes.

Os alunos foram esclarecidos previamente a respeito do objetivo do estudo e sobre o direito quanto ao anonimato, garantindo-lhes tranquilidade quanto a sua identificação, proporcionando-lhes, assim, segurança para emitir respostas sinceras.

Os dados foram apresentados, usando-se gráficos e tabelas estatísticas.

RESULTADOS E COMENTÁRIOS

Caracterização do Adolescente

O total de 178 adolescentes pesquisados engloba faixa etária entre 11 e 17 anos, matriculados na 6ª série do 1º grau, sendo que, a maioria 61 (34,5%) corresponde à idade de 12 anos, de acordo com o Gráfico 1.

GRÁFICO 1: Distribuição dos adolescentes segundo a idade.

Nota: 1 caso de não resposta.

Constatou-se que, em relação ao sexo, há uma predominância dos adolescentes do sexo feminino 105 (59,0%), como mostra o Gráfico 2.

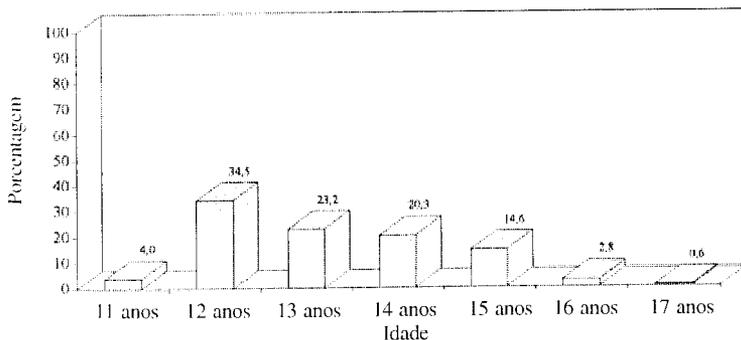
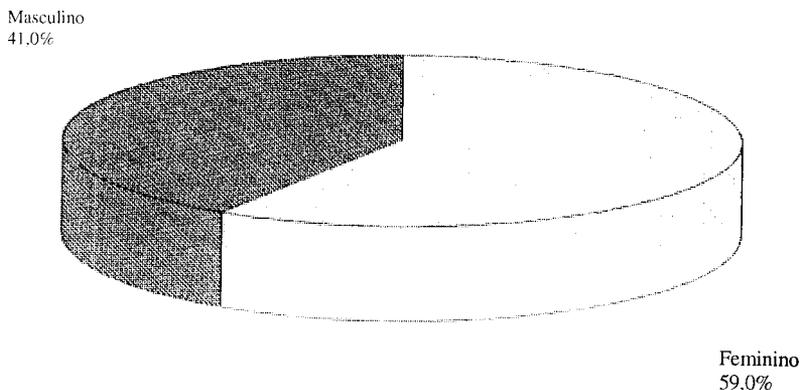


GRÁFICO 2: Distribuição dos adolescentes segundo o sexo.

A maioria dos respondentes, 162 (81,6%), é de religião católica. Entre as outras religiões citadas aparecem as Testemunhas de Jeová (10 casos), adeptos da Igreja Universal e similares (4 casos) e Espíritas (2 casos).

Quanto ao número de irmãos, apenas 10 (5,6%) dos adolescentes são filhos únicos. Os outros, se distribuem igualmente nas classes um, dois a três ou mais irmãos.

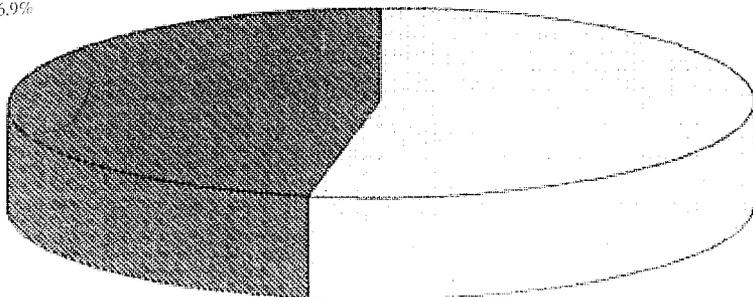
A maioria dos respondentes ocupam na família a posição de primogênitos, 80 (45%).

Quanto à participação ou não do Programa Saúde-Escola realizado com as turmas de 5ª série na Escola em estudo, no ano de 1995, observou-se no Gráfico 3 uma discreta predominância de participação.

GRÁFICO 3: Distribuição dos adolescentes segundo a participação no Programa Saúde-Escola.

Nota: 1 caso de não resposta.

Não participaram
46,9%



Participaram
53,1%

Aos que participaram do programa, foi perguntado o que acharam dos assuntos abordados. A maioria dos adolescentes manifestou-se favorável; emitindo opiniões, tais como: “achei bons, educativos”; “me ajudou muito” (Tabela 1).

TABELA 1
Distribuição dos adolescentes que participaram do Programa Saúde-Escola segundo a opinião sobre os assuntos abordados

Opinião	Frequência	Porcentagem
Ótimo/bom	31	34,1
Interessante	37	40,7
Educativo	18	19,8
Desinteressante	5	5,5
Total	91	100,0

Nota: 3 casos de não resposta.

Na pesquisa sobre opiniões dos escolares adolescentes, realizada Por FERRIANI et al. d994), a respeito dos grupos de discussões sobre questões de saúde, incluindo a sexualidade, constatou-se comentários Similares aos dos adolescentes do presente estudo, assim como: “Acho interessante, porque descobri muitas coisas da vida...” e, ainda, apontando a aquisição de conhecimento e troca de experiências como relevantes.

Experiências vividas

Cerca de 90% (160) dos respondentes, declararam que já se interessaram, sexualmente, por alguérn. Destes, o tipo de relacionamento mais freqüentemente mantido foi o “ficar”, 82 (57,3% dos casos), seguido do namoro 38 (26,6%). Somente 7 (5%) dos adolescentes admitiram já terem mantido relações sexuais com o(a) companheiro(a), não tendo sido mencionadas as relações homossexuais.

Pode-se ver no Gráfico 4 que entre os adolescentes pesquisados a maior parte 114 (64,3%) obteve as primeiras informações sobre sexo entre 7 e 10 anos de idade.

GRÁFICO 4: Distribuição dos adolescentes segundo a idade em que obtiveram as primeiras informações sobre sexo.

Nota: 10 casos de não resposta.

Segundo o levantamento realizado as primeiras informações sobre sexo recebidas pelos adolescentes foram principalmente com os amigos da mesma idade 60 (33,7%) seguido da mãe 57 (32,0%) e de professores 33 (18,5%). Tais dados podem ser visualizados na Tabela 2.

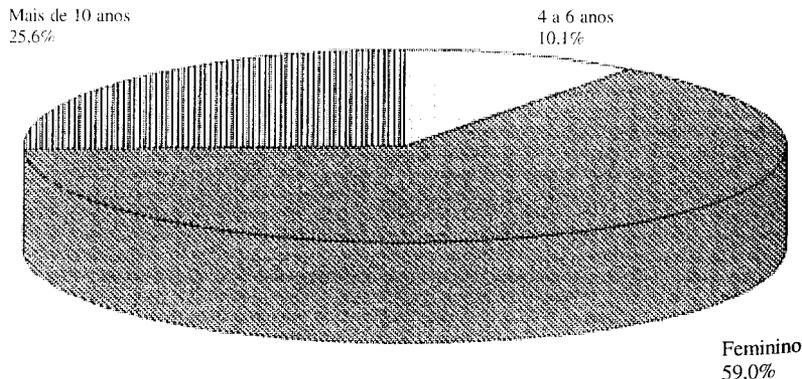


TABELA 2
Distribuição dos adolescentes segundo a figura ou veículo
que forneceu as primeiras informações sobre sexo

Figura/veículo	Frequência	Porcentagem
Pai	23	12,9
Mãe	57	32,0
Tias tíos outros	12	6,7
Professor	33	18,5
Pessoas mais velhas	5	2,8
Amigos da mesma idade	60	33,7
Livros	13	7,3
Revistas de mulheres nuas	19	10,7
Sozinho	24	13,5

Nota: Esta questão permite mais de uma resposta por pessoa.
 As porcentagens referem-se ao total de respondentes (178).

Nível de diálogo com os pais

A metade da população-alvo costuma discutir mais freqüentemente com os amigos assuntos relacionados ao sexo, 89 (50% dos casos), sendo que 39 (22%) não conversam com ninguém a respeito do assunto. Na Tabela 3 os adolescentes apontam as pessoas com as quais costumam conversar sobre sexualidade.

TABELA 3
Distribuição dos adolescentes segundo as figuras com as
quais costumam falar assuntos referentes ao sexo

Figura	Frequência	Porcentagem
Mãe	32	18,0
Pai	13	7,3
Irmã	7	3,9
Irmão	9	5,1
Ninguém	39	21,9
Amigo (a)	89	50,0
Namorado (a)	10	5,6
Outros	8	4,5

Nota: Esta questão permite mais de uma resposta por pessoa.
 As porcentagens referem-se ao total de respondentes (178).

A Tabela 4 mostra que entre os adolescentes que conversam sobre sexo com a mãe, a maioria, 23 (71,9%), participou do Programa Saúde-Escola. Observou-se que esta diferença é estatisticamente significativa ($p = 0,019$). Já entre os que não conversam com ninguém, 24 (61,5%) não participaram do programa ($p = 0,038$). Outra diferença foi observada em relação à classe “outros”, onde nenhum dos adolescentes participou do programa.

TABELA 4
Distribuição dos adolescentes segundo as figuras com
as quais costumam falar sobre assuntos sexuais e
a participação no Programa Saúde-Escola

Figura	Participação		Total	p
	Sim	Não		
Mãe	23 (71,9)	9 (28,1)	32	0,019
Pai	7 (53,9)	6 (46,1)	13	0,956
Irmã	3 (42,9)	4 (57,1)	7	0,707*
Irmão	4 (44,4)	5 (55,6)	9	0,736*
Ninguém	15 (38,5)	24 (61,5)	39	0,038
Amigo (a)	51 (58,0)	37 (42,0)	88	0,199
Namorado (a)	6 (60,0)	4 (40,0)	10	0,752*
Outros	0 (0,0)	7 (100,0)	7	0,004*

Nota: 1 caso de não resposta na classe “amigo”. porcentagens em relação ao total da linha. Os valores de preferem-se ao teste Qui-quadrado, exceto para (*) onde utilizou-se o teste Exato de Fisher.

Perguntados sobre a reação dos pais, quando percebem que estão prestando atenção a uma cena de sexo na televisão ou numa revista, os adolescentes declararam que, tanto para o pai quanto para a mãe, as reações mais frequentes são agir com naturalidade 89 (60,1%) no caso do pai e 74 (48,1%) da mãe. Fizeram as seguintes declarações “não percebo nenhuma reação desconfortadora”; “não fala e não faz nada”; “ela acha que não há importância”. Seguem-se as reações negativas, como proibir de continuar assistindo “me olha com cara feia”, “fica quase doido”; “manda eu dormir”; “troca o canal da televisão ou rasga a revista”, entre outros, cujas proporções foram 14,2% (21) para o pai e 22,7% (35) para a mãe. As demais reações aparecem com pequena representatividade, como mostram as Tabelas 5 e 6.

TABELA 5

Distribuição das opiniões dos adolescentes segundo as reações do pai quando percebe que estão prestando atenção em uma cena de sexo

Reação do pai	Frequência	Porcentagem
Age com naturalidade	89	60,1
Reação negativa	21	14,2
Não sabe a reação	11	7,4
Finge que não vê	6	4,1
Recomendações contra	6	4,1
Reage com constrangimento	7	4,7
Estimula o filho	4	2,7
Instrui sobre o assunto	2	1,4
O adolescente não vê tais cenas	2	1,4
Total	148	100,0

Nota: 30 casos de não resposta.

TABELA 6

Distribuição das opiniões dos adolescentes segundo as reações da mãe quando percebe que estão prestando atenção em uma cena de sexo

Reação do mãe	Frequência	Porcentagem
Age com naturalidade	74	48,1
Reação negativa	35	22,7
Reage com constrangimento	14	9,1
Finge que não vê	2	1,3
Recomendações contra	8	5,2
Não sabe a reação	7	4,5
Observa a reação do adolescente	5	3,2
Estimula o filho	3	1,9
Instrui sobre o assunto	3	1,9
O adolescente não vê tais cenas	3	1,9
Total	154	100,0

Nota: 24 casos de não resposta.

De acordo com o levantamento realizado, menos da metade dos adolescentes já presenciou uma intimidade amorosa entre os pais (como carícias, beijos na boca e outros). Para estes, questionou-se o que acharam a respeito e 39 (53,4%) acharam normal, emitindo respostas como: “achei bom porque um casamento mantém firme se os dois tiver amor um com o outro”; “uma prova de que eles se gostam”; “maneiro”. Acharam ótimo, 23 (31,5%). Dentre os que se posicionaram negativamente, 4 (5,5%), suas

reações foram: “uma nojeira”; “relação de velho não tem graça”; “chato, porque os pais não devem ter intimidade na frente dos filhos”. A distribuição está na Tabela 7.

TABELA 7
Distribuição das opiniões dos adolescentes que já presenciaram alguma intimidade amorosa entre seus pais

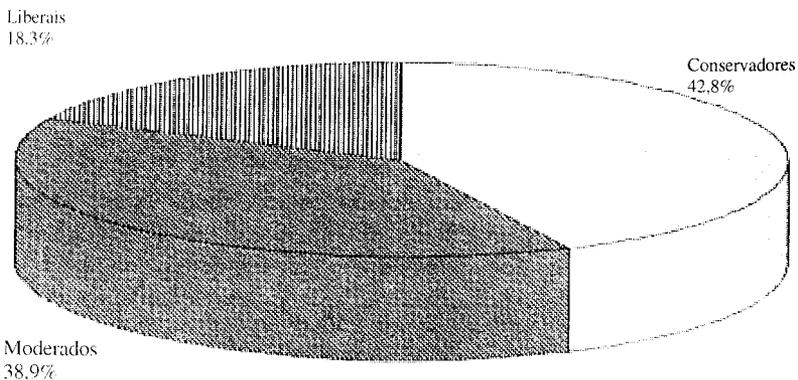
Opinião	Frequência	Porcentagem
Acha normal, natural	39	53,4
Acha ótimo, legal	23	31,5
Relaciona com amor, afeto	7	9,6
Se posiciona negativamente	4	5,5
Total	73	100,0

Nota: 9 casos de não resposta.

Segundo o Gráfico 5, cerca de 43% (75) dos adolescentes classificariam seus pais como conservadores em relação ao sexo, justificando-se da seguinte forma: “agem segundo o modo como foram criados”; “eles são muito durões”; “querem ser liberais, mas seus pais foram conservadores”. Outros 38,9% (68) considerariam seus pais moderados a 18,3% (32) classificariam como liberais.

GRÁFICO 5: Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre o posicionamento dos pais em relação ao sexo

Nota: 3 casos de não resposta.



Cerca de 50% (89) dos adolescentes acham que podem ser francos com seus pais a respeito de sexo. Eles justificam que há diálogo e instrução sobre o assunto com os pais, dizem que os pais são as pessoas certas para conversarem sobre o assunto e acham que os pais encaram com naturalidade as questões sobre sexo. Entendem que os pais esperam que os filhos sejam francos com eles. Já entre os que aereitam que não podem ser francos com os pais, alguns confessam seu próprio constrangimento e outros temem a reação dos pais. Uma pequena parte disse que o assunto não a discutido em casa.

A Tabela 8 permite verificar que as opiniões emitidas positivamente pelos adolescentes que participaram do Programa Saúde-Escola, são predominantes sobre aqueles que não participaram. Eles emitiram opiniões como: “minha mãe conversa muito comigo, mas ao mesmo tempo ela fala: deixa para o casamento”; “eles me entendem e esclarecem as minhas dúvidas”. Já nas opiniões expressas negativamente houve uma predominância não suficientemente significativa dos que não participaram do programa. Pode-se char como exemplos de suas respostas: “nessa idade os filhos precisam de uma orientação do pai”; “eles ninda estão dormindo e não percebem que eu cresci”. Avaliando-se pela participação no programa, há uma leve predominância dos que participaram entre os que acham que podem ser francos, se comparados aos que não podem, porém não é uma diferença suficientemente significativa.

TABELA 8
Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre serem francos com os pais em relação ao sexo e a participação no Programa Saúde Escola

Opinião	Participação		Total
	Sim	Não	
Podem ser francos	53 (59,6)	36 (40,4)	89
Não podem ser francos	40 (46,5)	46 (53,5)	86
Total	93	82	175

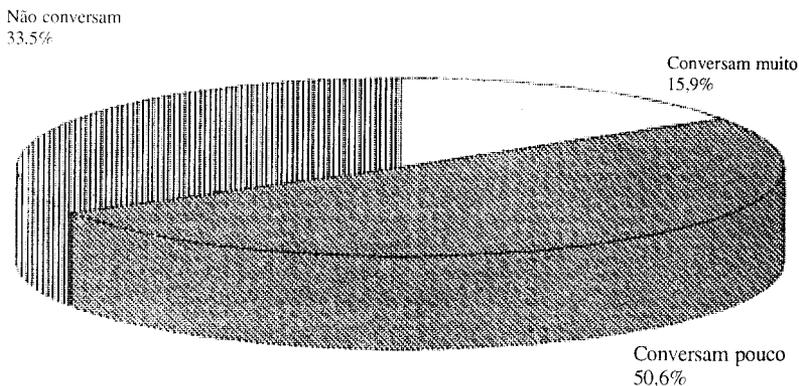
Nota: 3 casos de não resposta.
 $p = 0,084$, teste Qui-quadrado

Relacionando a opinião dos adolescentes com o Gráfico 6, quanto ao motivo que levam os pais a dialogar ou não com os filhos sobre assuntos referentes a sexualidade pode-se dizer que a metade dos pais dos

alunos estudados, 89 (50,6%), conversam pouco e 60 (33,5%) não conversam sobre o assunto. Os adolescentes atribuem a esse fato, primeiramente, o constrangimento dos pais conforme pode ser constatado em suas respostas: “acho que eles ficam sem jeito de dizer”; “ficam sem graça”; “eles devem ter receios”. Admitem que eles próprios ficam constrangidos diante do assunto: “eu fico sem graça”; “tenho vergonha e nunca procurei saber com eles”; “fujo do assunto”. A falta de diálogo é referida pela maioria deles: “quase não se fala a respeito de sexo em casa”; “não falam a respeito”.

GRÁFICO 6: Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre o quanto os pais conversam sobre sexo com eles.

Nota: 2 casos de não resposta.



Também BRUNO e BRUNO (1994, p. 59) constataram em suas pesquisas que o constrangimento em relação a sexualidade existe tanto nos pais quanto nos filhos, sendo este, um dos fatores que dificulta o relacionamento entre pais e filhos.

Os autores sugerem que a conversa de pais e filhos sobre sexualidade “deveria acontecer de uma forma coerente e honesta, de maneira informal, gradativa e em conjunto com a escola através de leituras, filmes e palestras”.

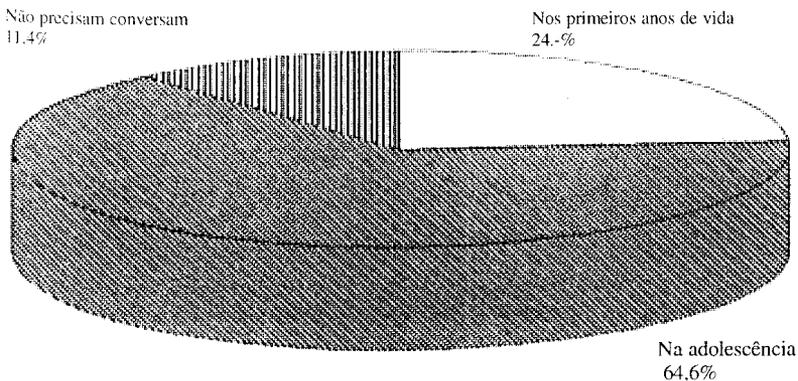
O Gráfico 7 aponta para a maioria dos adolescentes estudados favorável aos pais que conversam abertamente sobre a sexualidade dos filhos desde a adolescência, 113 (64,6%). Entre suas falas pode-se citar: “são os adolescentes que pensam mais nisso, estão começando a despertar o prazer”; “na adolescência é muito maior o desejo de conhecer o seu corpo a da pessoa oposta”. Os que consideraram que os pais não devem conversar sobre o sexo justificaram-se pela existência de outras fontes de informação ou pela falta de intimidade entre pais e filhos,

É importante ressaltar que mesmo havendo proximidade, coabitação ou mesmo copulação pode não haver a intimidade entre os casais ou entre as pessoas que vivem na mesma casa. Para GOLDENSON e ANDERSON (p. 151, 1989) tem-se na intimidade um “relacionamento próximo e de confiança pessoal entre duas pessoas que estão completamente à vontade uma com a outra, a se sentem livres para expressar seus sentimentos mais íntimos”.

CANO et al. (1995) em seu estudo, constataram que os pais têm dificuldades em falar sobre sexo com os filhos, por isso, ressaltaram que não só os filhos devem ser levados a refletir sobre a sexualidade e as questões da adolescência mas também os pais, cuja responsabilidade é preparar os jovens para a vida adulta transmitindo-lhes o seu padrão cultural.

GRÁFICO 7: Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre o momento adequado para conversas entre pais e filhos sobre sexualidade.

Nota: 3 casos de não resposta.

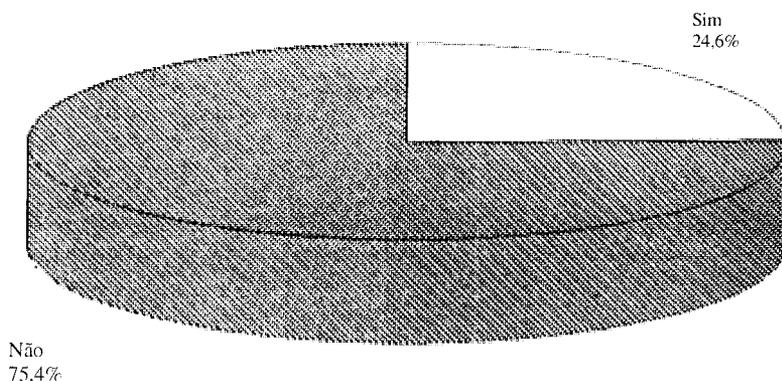


Dos adolescentes pesquisados, 75,4% (132), nunca tentaram falar abertamente sobre sexo com seus pais, apenas 43 (24,6%) responderam afirmativamente (Gráfico 8).

Solicitou-se aos que já tentaram conversar com os pais sobre o assunto, que descrevessem a reação dos pais, verificando-se que mais da metade, 22 (52,4%) reagiram com naturalidade, 19% com constrangimento a 16,7% ficaram surpresos, segundo responderam os adolescentes.

GRÁFICO 8: Distribuição dos adolescentes segundo a tentativa de conversar sobre sexo com os pais.

Nota: 3 casos de não resposta.



As reações dos pais frente a tentativa dos filhos em conversar sobre assuntos ligados a sexualidade podem ser vistas na Tabela 9.

Os adolescentes assim registraram: “natural; antes de eu falar eles já se sentem incumbidos a me falar”; “minha mãe reagiu normalmente”. Dentre os pais que reagiram com surpresa os adolescentes descreveram do seguinte modo: “não falaram nada, ficam apenas assustados”; “minha mãe ficou assustada e nem me respondeu”. Outros pais reagiram com constrangimento e fugiram do assunto: “ficaram engasgados mas responderam”; “quando vou falar sobre o assunto eles dizem que ainda não está na hora de pensar nisso”.

TABELA 9
Distribuição dos adolescentes que já tentaram conversar com os pais sobre sexo segundo a reação dos mesmos

Reação dos pais	Frequência	Porcentagem
Naturalidade	22	52,4
Surpresa	7	16,7
Preocupação	1	2,4
Constrangimento	8	19,0
Desvio do assunto	4	9,5
Total	42	100,0

Nota: 1 caso de não resposta.

Quando perguntados sobre o que gostariam de conversar com seus pais em relação ao tema sexo, 96 (63,2%) dos adolescentes declararam que não tem nada a conversar, seja porque já sabem ou porque não querem conversar como foi demonstrado em suas citações: “não quero conversar mais nada”; “já conversei sobre tudo”; “não tenho curiosidade”; “já sei o bastante”. Alguns disseram que gostariam de receber informações gerais sobre sexualidade e uma pequena parte relatou o desejo de saber sobre o ato sexual (Tabela 10).

TABELA 10
Distribuição dos adolescentes segundo os assuntos que gostariam de conversar com os pais sobre sexo

Assuntos	Frequência	Porcentagem
Nenhum/já sabem tudo/não querem conversar	96	63,2
Em relação às DST	31	20,4
Em relação ao ato sexual	14	9,2
	4	2,6
Informações gerais		
Gravidez/métodos contraceptivos	3	2,0
DST/Gravidez/mét. contraceptivos	4	2,6
Total	152	100,0

Nota: 26 casos de não resposta.

Ao serem questionados em relação a terem passado por alguma experiência onde seus pais tentaram orientá-los sobre a sexualidade, verificou-se que somente 35 (26,1%) responderam afirmativamente. Entre eles, 15 (42,9%), consideraram como mais importante a que tratou da prevenção de DST e gravidez, expressando-se do seguinte modo: “me orientaram para não praticar sexo”; “não *ir* para longe com estranhos, é perigoso”; “orientaram para tomar remédio e usar camisinha”(Tabela 11).

TABELA 11
Distribuição dos adolescentes que viveram experiências de orientação dos pais sobre sexo segundo as orientações mais importantes

Orientações mais importantes	Frequência	Porcentagem
Todas, em todos os momentos	9	25,7
Na iniciação sexual	11	31,4
Na prevenção de DST e gravidez	15	42,9
Total	35	100,0

Nota: 11 casos de não resposta.

De acordo com o estudo, cerca de 40% (67) dos adolescentes não contam nada aos pais a respeito de sua sexualidade. Outros 30% (50) só falam de sexo de um modo geral, não especificamente a seu respeito, 19% (32) só falam o que eles aprovariam e o restante conta quase tudo.

Esta distribuição pode ser constatada na Tabela 12.

TABELA 12
Distribuição dos adolescentes segundo o que contam aos seus pais sobre sua sexualidade

Contam aos pais	Frequência	Porcentagem
Nada sobre a sexualidade	67	39,6
Nada a meu respeito, só de forma geral	50	29,6
Só o que eles aprovariam	32	18,9
Quase tudo	20	11,8
Total	169	100,0

Nota: 9 casos de não resposta.

A participação no Programa Saúde-Escola também não mostrou diferença significativa em relação ao que os adolescentes contam aos pais sobre sua sexualidade ($p = 0,552$), apesar que entre os que contam quase tudo, 13 (65%), participaram do programa (Tabela 13).

TABELA 13
Distribuição dos adolescentes segundo o que contam aos seus pais sobre sua sexualidade e a participação no Programa Saúde-Escola

Contam aos pais	Participação		Total
	Sim	Não	
Só o que eles aprovariam	14 (45,2)	17 (54,8)	31
Quase tudo	13 (65,0)	7 (35,0)	20
Nada sobre a sexualidade	35 (52,2)	32 (47,8)	67
Nada a meu respeito, só de forma geral	28 (56,0)	22 (44,0)	50
Total	90	78	168

Nota: 10 casos de não resposta.

$p = 0.552$. teste Qui-quadrado.

Questionados sobre como imaginam que deva ser a educação sexual realizada pelos pais, 74 (51,4%) acham que deve ser de forma abrangente, global: “queria que falassem abertamente”, “de forma aberta, sem esconder nada...”. Seguiram-se as opiniões que concordam com a forma como os pais têm feito: “a orientação dos pais deve ser respeitada porque eles são de maior e sabem”. Outros acham que os pais devem somente responder às dúvidas quando questionados. A categorização das respostas pode ser vista na Tabela 14.

TABELA 14
Distribuição dos adolescentes segundo como imaginam que deva ser a educação sexual realizada pelos pais

Como deve ser	Frequência	Porcentagem
Abrangente, global	74	51,4
Da mesma forma que tem sido	19	13,2
Somente respondendo às dúvidas	15	10,4
Apenas um dos pais deve orientar	8	5,6
Os pais não devem orientar	7	4,9
Orientação quanto à prevenção, com mais liberdade sexual	6	4,2
Educação rigorosa	3	2,1
Orientação sobre relação sexual	2	1,4
Abrangente e cedo	2	1,4
Não sabe	8	5,6
Total	144	100,0

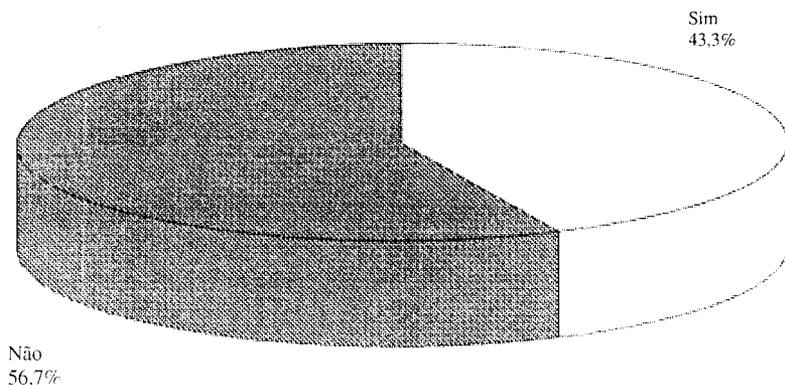
Nota: 34 casos de não resposta.

Participação da escola na educação sexual

Verificou-se no estudo que cerca de 57% (100) dos adolescentes nunca discutiram assuntos relacionados ao sexo com seus professores em sala de aula (Gráfico 9). Entre os que já discutiram, 77 (43,3%), perguntou-se como foi e o que acharam. As respostas mostraram que 70 (91,4%) fizeram uma avaliação da aula, sendo que as opiniões foram em geral positivas principalmente em relação aos esclarecimentos fornecidos: “foi muito interessante e achei muito importante para mim”; “deveria ser mais prolongado,mas foi bom”. Alguns não acharam válido, dizendo que foi uma abordagem muito superficial: “eles não falaram quase nada”.

GRÁFICO 9: Distribuição dos adolescentes segundo a discussão sobre sexo, em sala de aula.

Nota: 1 caso de não resposta



FERRIANI et al. (1994, p.201) constataram em sua pesquisa que os professores abordavam pouco a temática sexualidade em sala de aula e salientam que é necessário haver um preparo não só do professor como também dos profissionais de saúde para que possam trabalhar bem com essa questão junto aos adolescentes e jovens.

Aos adolescentes que disseram terem discutido assuntos relativos ao sexo em sala de aula, solicitou-se que listassem os assuntos abordados. Foram basicamente: gravidez, DST, alterações hormonais e corporais na adolescência, órgãos sexuais, puberdade, métodos contraceptivos, filhos, homossexualidade, namoro, virgindade, masturbação, ato sexual e drogas.

O estudo mostrou que a maioria dos adolescentes, 132 (74,1 %) acha que a educação sexual deveria ser realizada pela escola. As principais justificativas foram que a escola fornece um complemento para a educação dos pais, 38 (38,4% das opiniões) e que a escola é um lugar apropriado para o aprendizado, 33 (33,3%): “a educação sexual tem que ser falada tanto na escola como em casa”; “o trabalho é dos pais, mas as escolas poderiam falar sobre este assunto”. Outra justificativa foi que seria melhor pela dificuldade de diálogo com os pais, 19 (19,2%).

Já entre os que não consideram que a educação sexual deve ser dada na escola, a principal justificativa é de que este assunto é uma obrigação dos pais, 15 (65,2% das opiniões): “a escola é para estudar outro tipo de matéria”; “são os pais que tem que ensinar e não os professores”. Outros, 17,4% (4), acham que não deve haver, pois causa constrangimento entre os colegas e uma mesma proporção é da opinião de que não deve haver educação sexual em casa nem na escola. Estas informações estão na Tabela 15.

TABELA 15
Distribuição dos adolescentes segundo as justificativas para a opinião sobre a escola como local de educação sexual

Justificativa	Frequência	Porcentagem
A educação sexual deve ser ensinada na escola		
É um complemento para a educação dos pais	38	38,4
A escola é um local próprio para o aprendizado	33	33,3
Pela dificuldade de diálogo com os pais	19	19,2
Pela importância do temas	9	9,1
A educação sexual não deve ser ensinada na escola		
É uma obrigação dos pais	15	65,2
Pelo constrangimento entre os colegas	4	17,4
Não deve haver ed. sexual em casa nem na escola	4	17,4

Nota: As porcentagens referem-se ao total de respondentes em cada situação:

– deve ser ensinada na escola: 99; 30 casos de não resposta.

– não deve ser ensinada na escola: 23; 22 casos de não resposta.

Observou-se que muitos adolescentes gostariam que a educação sexual fosse dada pelos pais. Esse resultado é corroborado por CAVALCANTI (1993, p. 169) que cita em seu estudo, uma enquete realizada em 1989 com 4000 estudantes brasileiros onde constatou que a maioria, 95% deles, “preferiam que a educação sexual fosse dada pelos pais”. No entanto, considerando as dificuldades enfrentadas pelos pais que segundo ele, estão ligadas a fenômenos culturais, sugere que os pais, sem abandonar o papel de educadores, devem valer-se do ensino formal para realizar a educação sexual de seus filhos.

Perguntou-se aos adolescentes qual seria a melhor forma da escola participar da educação sexual dos alunos, obtendo-se a aceitação de todas. A Tabela 16 mostra estas respostas, com proporções de aceitação superior entre 65% e 70%.

Considerando-se a participação no programa Saúde-Escola, observou-se diferença significativa para a participação por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, grupos de estudo, dramatizações, no horário escolar, onde os que participaram do programa estão proporcionalmente mais favoráveis a esta forma do que os que não participaram. Estas informações estão na Tabela 17.

De acordo com BRUNO e BRUNO (1994, p. 59) o trabalho de educação sexual abre um espaço para “informar, prevenir e integrar e não tratar”. Para eles a educação sexual é uma trabalho profilático que poderá ajudar o adolescente a estruturar a forma de entender e agir em relação a sua sexualidade.

TABELA 16
Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre como a escola deveria participar da educação sexual dos alunos

Forma de participação da escola	Frequência	Porcentagem
Pelo próprio professor durante as aulas de ciências	119	66,9
Por todos os professores, sempre que houvesse oportunidade	18	66,3
Por meio de palestras com especialistas em sexualidade	126	70,8
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações, em horário extra-turno	118	66,3
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações no horário escolar	115	64,6

Nota: Esta questão permite mais de uma resposta por pessoa. As porcentagens referem-se ao total de respondentes (178).

TABELA 17
Distribuição dos adolescentes segundo as opiniões sobre a forma de participação da escola na orientação sexual e a participação no Programa Saúde-Escola

Forma de participação da escola	Participação		Total	p
	Sim	Não		
Pelo próprio professor durante as aulas de ciências	62 (52,1)	57 (47,9)	119	0,701
Por todos os professores, sempre que houvesse oportunidade	67 (57,3)	50 (42,7)	117	0,122
Por meio de palestras com especialistas em sexualidade	71 (56,4)	55 (43,6)	126	0,174
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações, em horário extra-turno	68 (57,6)	50 (42,4)	118	0,088
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações no horário escolar	68 (59,1)	47 (40,9)	177	0,029

Nota: 1 caso de não resposta.

Os valores entre parênteses são porcentagens em relação ao total da linha.

Os valores de *p* referem-se ao teste Qui-quadrado, em negrito indicam diferença significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos resultados, pode-se dizer que escolares adolescentes, cuja maioria encontra-se na faixa etária de 12 a 14 anos já se interessaram sexualmente pelo outro. O tipo de relacionamento predominante e o “ficar”, considerado por eles como um namoro ainda sem maiores compromissos e mesmo, sem envolvimento emocional.

Constatou-se na pesquisa que a maioria dos adolescentes disse ter recebido as primeiras informações sobre sexo com amigos de mesma idade, sendo os próprios amigos as pessoas com quem a maioria, costuma falar assuntos referentes ao sexo. O nível de diálogo com os pais e professores é pequeno e segundo alguns deles é inexistente. Tal constatação é preocupante considerando que apesar dos constrangimentos, inibições e preconceitos que cercam as questões sexuais, especialistas no assunto concordam que a família é a melhor instituição destinada a educar seus novos membros para uma sexualidade sadia.

A reação dos pais em relação às cenas de sexo na televisão e em revistas, em sua maioria, segundo os adolescentes, foi de naturalidade. O apelo exagerado ao sexo que a mídia vem realizando nos últimos anos pode estar deixando os pais indiferentes ou mesmo, reagindo com naturalidade diante de tais imagens. Questiona-se o fato de que esses pais ao reagirem assim, podem estar defendendo-se da ansiedade que a discussão desse tema lhes causariam. Desse modo passam a delegar a responsabilidade da educação sexual de seu filho para a mídia ou para a escola.

PINTO (1995, p. 249) diz em seu artigo sobre “*a televisão e a educação sexual*” que não só no Brasil como nos Estados Unidos “a televisão e outros meios de comunicação de massa podem ser considerados fontes alternativas de (des)educação sexual”, embora pudesse ser utilizada para oferecer e promover a oportunidade para educar os adolescentes no controle da natalidade e na prevenção de doenças transmissíveis.

Apesar dos adolescentes considerarem que os pais reagem com naturalidade às apelações da mídia em relação a sexualidade, atribuem ao constrangimento dos mesmos e ao próprio constrangimento o baixo nível de diálogo verificado. Em suas falas deixam claro o desejo de que os pais conversem abertamente com eles sobre a sexualidade.

Quanto à participação da escola na educação sexual constatou-se na pesquisa que embora a discussão do assunto em sala de aula seja pequena, os adolescentes consideraram a escola o lugar apropriado para falar sobre sexo, a despeito do constrangimento entre os colegas. Apontaram como válidos todos os métodos, relacionados no questionário, que poderiam ser usados pela escola para discutir o assunto com os adolescentes.

Embora a maioria dos adolescentes pesquisados (53,1%) tenha participado do Programa Saúde-Escola, no ano de 1995 nas turmas de 5ª série, não foram verificadas diferenças importantes nas respostas, nem estatisticamente significativas, em relação aos adolescentes que não participaram.

Esse fato vem comprovar que a educação sexual é muito mais que informações a respeito de sexo. É um processo educativo contínuo que se inicia com o nascimento, no meio familiar onde as pessoas estão diretamente ligadas ao novo membro, que ainda está em fase de desenvolvimento, de modo afetivo e significativo para ele. Daí constatar-se que deva ser tarefa primeira da família e sobretudo dos pais, a realização da educação sexual desde a concepção, prolongando-se durante toda a vida do ser humano.

À Escola cabe, portanto, auxiliar a família nessa tarefa de educar para a sexualidade e não substituí-la.

Concorda-se com BARBOSA (1994, p. 48) quando diz que por meio da educação sexual deverão ser transmitidos “conhecimentos ne-

cessários para que a pessoa possa adquirir atitudes, formar valores que o permitam aceitar e vivenciar a sua própria sexualidade a dos outros, num contexto livre e responsável”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBOSA, M. P. M. O Trabalho do Orientador Educacional na Educação Sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 1, 1994, pp. 44-55.
2. BRUNO, Z. V.; BRUNO, Z. V. Por que é tão difícil implantar Educação Sexual nas Escolas? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 1, 1994, pp. 56-59.
3. CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C.; MUNARI, D. B. O trabalho de enfermeiras junto à pais de adolescentes através da atividade grupal. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 6, n. I, 1995. pp. 36-44.
4. CARIDADE, A. Sexualidade feminina - A linguagem do corpo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 2, 1994. pp. 142-146.
5. CAVALCANTI, R. da C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 4, n. 2, 1993. pp. 164-173.
6. FERRIANI, M. das G. C.; CANO, M. A. T.; SILVA, M. A. I.; UBEDA, E. M. L. Opinião de escolares adolescentes sobre a realização de grupos de discussão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 2, 1994, pp. 193-205.
7. GOLDENSON, R. N.; ANDERSON, K. N. *Dicionário de Sexo*. Adaptação de Lídia R. Aratangy. São Paulo, Ática, 1989. 282 p.
8. MAAKAROUN, M. de F. Considerações Gerais sobre adolescência. In: *Tratado de Adolescência - Um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1991, pp. 3-8.
9. PINTO, L. F. M. Televisão e educação sexual. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, 1995. 71(5). pp. 248-254.
10. RIBEIRO, M. O. Ideologia reproduzida na abordagem da sexualidade humana. Análise do discurso de estudantes de enfermagem. (Dissertação de Mestrado) Escola de Enfermagem da USP, 1990, p. 104.
11. VITIELLO, N. A educação sexual necessária. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 6, n. 1, 1995. pp. 15-28.

ANEXO

Questionário

Agradecemos sua valiosa contribuição no preenchimento deste questionário. Não precisa assiná-lo. Qualquer dúvida dirija-se ao aplicador.

Data: //96 Série:

01 – Qual é a sua idade completa?

10 anos () 13 anos ()

11 anos () 14 anos ()

12 anos () 15 anos () Outros:

02 – Qual é o seu sexo?

Feminino () Masculino ()

03 – Qual a religião da sua família? Católica ()

Protestante ()

Outras: Qual?

04 – Quantos irmãos você tem?

Nenhum ()

Um ()

Dois ()

Três ou mais ()

05 – Você é o: 1° filho () 4° filho ()

2° filho () Outros ()

3° filho () Indicar

06 – Você já interessou-se por algum(a) garoto(a)?

sim () não ()

07 – Que tipo de relacionamento você manteve com ele(a)?

“ficar” ()

namorar ()

relações sexuais ()

outros:

08 – Com que idade você obteve as primeiras informações sobre sexo?

- 09 – Com quem obteve as primeiras informações sobre sexo?
 Com meu pai () Com minha mãe ()
 Com tias tios ou parentes mais velhos () Com outras pessoas
 mais velhas ()
 Com um(a) professor(a) () Com amigos da mesma
 idade ()
 Em livros () Em revistas de
 mulheres nuas ()
 Aprendi sozinho ()
- 10 – Com quem você costuma falar coisas sexuais que lhe dizem
 respeito:
 minha mãe () meu pai () um(a) namorado(a) ()
 minha irmã () meu irmão () um(a) amigo(a) ()
 ninguém () outros:
- 11 – Como reagem seus pais, quando percebem que você está
 prestando atenção à uma cena de sexo na tevê ou numa revista?
 Pai:
 Mãe:
- 12 – Você já presenciou alguma intimidade amorosa entre seus pais?
 sim () não ()
 O que você achou?
- 13 – Como você classificaria seus pais quanto à atitude em relação ao
 sexo?
 conservadores () moderados () liberais ()
 Explique por que você acha que eles são assim.
- 14 – Você acha que pode ser franco(a) com seus pais à respeito de
 sexo?
 sim () não ()
 Explique por que me respondeu assim:
- 15 – Na sua opinião, seus pais: conversam muito a respeito de sexo ()
 conversam pouco sobre sexo ()
 Não conversam sobre sexo ()
 Porque:

- 16 – Você acha que os pais deveriam:
Conversar, abertamente, sobre a sexualidade dos filhos desde seus primeiros anos de vida ()
Conversar, abertamente, sobre a sexualidade dos filhos a partir da adolescência ()
Os pais não precisam conversar sobre sexo com seus filhos já que eles aprendem na escola e com os amigos ()
Explique por que respondeu assim:
- 17 – Você já tentou falar, abertamente, com seu pai ou sua mãe a respeito de sexo?
sim () não ()
Em caso de afirmativo, escreva qual foi a reação deles:
- 18 – O que você gostaria de conversar a respeito de sexo com seus pais?
- 19 – Você já passou por alguma experiência onde seu pai ou sua mãe tentou fazer orientação sexual para você?
sim () não ()
Se teve experiência, escreva a que foi mais importante para você?
- 20 – Que tipo de coisas você conta aos seus pais a respeito de sua sexualidade?
Só o que eles aprovariam ()
Quase tudo ()
Não conto nada a eles a respeito de minha sexualidade ()
Só falo de sexo com eles de modo geral, não especificamente a meu respeito ()
- 21 – Como você imagina que deva ser a educação sexual realizada pelos pais?
- 22 – Você já discutiu com seus professores, na sala de aula, assuntos relacionados ao sexo?
sim () não ()
Em caso de afirmativo, escreva como foi o que você achou?

- 23 – Listar os assuntos referentes a sexualidade que foram abordados, pelos professores, na escola:
- 24 – Você participou do Programa Saúde-Escola realizado com as turmas de 5ª série?
sim () não ()
Escreva o que você achou das palestras e discussões sobre assuntos ligados ao sexo?
- 25 – Você acha que a educação sexual deveria ser realizada pela escola?
sim () não ()
Explique por que respondeu assim:
- 26 – De acordo com sua opinião, quando a escola participa da educação sexual dos alunos, de que maneira deveria ser?
Numerar por ordem de prioridade:
- pelo próprio professor durante as aulas de ciências ()
por todos os professores, durante as aulas, sempre que houvesse oportunidade ()
por meio de palestras com especialistas em sexualidade ()
por meio de filmes e slides, dinâmicas de grupo, grupos de estudo, dramatizações, eventualmente, em horário extra-turno ()
por meio de filmes e slides, dinâmicas de grupo, grupos de estudo, dramatizações, rotineiramente, no horário escolar ()

Sexologia e adolescência **3**

Gisela D. B. Balbino*
Ricardo G. Brasil*
Raphael C. Furtado*
Fabiana C. Telles*
Karen P. Pockel*
Vitor G. Flosi*
Sérgio A. Almeida*

RESUMO

Objetivos: Este trabalho é uma tentativa de realizar um levantamento analítico sobre as principais dúvidas de adolescentes do 2º grau, em relação a sexo, excluía a relação deste com a AIDS especificamente.

Materiais e Métodos: Foram distribuídas, coletadas e analisadas 183 fichas de alunos de 1º e 2º colegial de uma escola da rede pública estadual, nas quais estes se identificavam apenas pela série, idade e sexo.

Além disso, foi relatado nas fichas, para um estudo empírico analítico, as duas principais dúvidas dos alunos em relação a sexo.

Resultados: Dos alunos que participaram do estudo, 61,2% eram do sexo feminino e 33,6% do sexo masculino. A idade mais freqüente foi de 15 anos, tanto no sexo feminino quanto no masculino (35,7%; 47,8%

* Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Departamento de Medicina Integrada.
Disciplina de sexologia/Psiquiatria.

respectivamente). 16,4% das fichas não continham perguntas, e das perguntas das fichas restantes 63,77% enquadravam-se nos quatro tópicos mais frequentes (Métodos anticoncepcionais, Tipos de relação sexual, Gravidez e D.S.T.).

Discussão: Apesar do comportamento sexual dos adolescentes ser um assunto de considerável especulação, ainda é muito pouco estudado. Deve-se então pensar em novas alternativas para a educação sexual.

SUMMARY

Objectives: This work is an attempt to accomplish a survey about the main doubts from teenagers in the secondary school, in relation to sex, without the relationship between sex and AIDS, specifically.

Material and methods: 183 students forms (secondary school) were distributed, taken back and analysed in a public school. The only topics were: grade, age and sex (no identification).

They had to write their two main doubts in relation to sex for an empiric analytical study.

Results: Out of these students that took place in this study, 61,2% were feminine and 33,6% were masculine. The most frequent age was 15 years old, both feminine and masculine (35,7%o; 47,8%o respectively).

There weren't any questions in 16,4% of the forms. And about the 63.77% left were relate to these four main topics: Contraceptive methods, Types of intercourse, Pregnancy and Transmissable Sexual Diseases.

Discussion: Although the sexual behaviour of the teenagers is a matter of much speculation, it is still object of very little study. We should think about another alternatives for sexual education, then.

INTRODUÇÃO

A adolescência é freqüentemente encarada como época de turbulência, mas tem tanto a possibilidade de ser uma época de prazer e felicidade quanto de ser uma passagem agitada para a idade adulta. Essa natureza paradoxal da adolescência está muito ligada à sexualidade.

Espera-se que o adolescente desenvolva e aceite independência emocional simultaneamente a capacitações na interação de preceitos éticos, competência em função intelectual e um sentido de responsabilidade social e pessoal. Não fosse suficiente tudo isso, o adolescente também pre-

cisa confrontar-se com uma variedade de questões relacionadas à sexualidade, sejam como lidar com sensações sexuais novas ou mais poderosas, participar de vários tipos de comportamentos sexuais, conhecer o amor, evitar a gravidez indesejada ou definir os papéis sexuais apropriados à idade.

É importante conceber que a idade cronológica não determina o comportamento sexual do adolescente, influências relevantes dos contextos de fundo sócio-econômico, cultural e religioso contribuem extremamente para a tomada de decisões de âmbito sexual. Essas decisões também refletem a preparação psicológica individual, os valores pessoais, o raciocínio moral, o medo das conseqüências negativas e o envolvimento em ligações românticas, por parte dos adolescentes.

A atividade sexual durante a adolescência pode assumir diferentes sentidos. Existe uma variedade de razões que levam os adolescentes a serem sexualmente ativos: por prazer físico, a busca de novas experiências, como indicação de maturidade sexual, para assemelhar-se e serem aceitos por um grupo, para desafiar os pais ou a sociedade, como recompensa ou punição, como fuga à solidão, como escape a outras pressões.

Nas últimas décadas têm aumentado a incidência de relacionamento sexual entre adolescentes e as amplas discrepâncias observadas entre a atividade sexual masculina e feminina, não vigoram mais tão claramente. Dentre os fatores que contribuíram para essa mudança no Comportamento sexual adolescente temos a revolução de costumes iniciadas na década de 60, o fato dos meios de comunicação de massa passarem a utilizar mensagens de fundo erótico como veículo publicitário, a tendência a ser cada vez mais elevada a idade para o casamento, estimulando o relacionamento sexual pré-conjugal e um amadurecimento sexual cada vez mais precoce, fato este universalmente observado.

O ser humano conseguiu evoluir para o ato sexual sem a necessidade de procriar, como conseqüência tem-se a divisão entre sexo, para reprodução e sexo para a recreação ou prazer. Porém, a sociedade ainda não se adaptou a esta revolução dos valores morais em relação à sexualidade; e isto vem fazendo com que pais e figuras em posição de autoridade (como a igreja) exerçam pressão nos jovens, no sentido de forçar o sexo para fora da área de recreação/prazer. Nesse contexto, o adolescente fica relegado a segundo plano, sem acesso a informações, educação sexual e ao esclarecimento de suas dúvidas e anseios.

OBJETIVOS

Este trabalho é uma tentativa de realizar um levantamento analítico sobre as principais dúvidas de adolescentes do 2º grau, em relação a sexo, excluída a relação deste com a AIDS especificamente.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um sorteio aleatório entre as duas Delegacias de Ensino de São José do Rio Preto. A partir disso, foi realizado um novo sorteio entre as escolas que a delegacia sorteada abrange. Com este critério, foram distribuídas fichas a 183 alunos de 1º e 2º colegial na EEPSG Prof. José Felício Miziara.

Como identificação, os alunos preencheram estas fichas com suas respectivas série, idade e sexo. Além disso, foi pedido aos alunos que relatassem quais eram duas de suas principais dúvidas em relação a sexo. Foram consideradas apenas as duas primeiras perguntas por ficha, sendo desprezadas as demais.

Após a coleta desses dados, foi feito um estudo empírico analítico, onde as perguntas foram agrupadas de acordo com seus tópicos principais, sendo selecionados para posterior análise, os quatro tópicos mais frequentes (Métodos Anticoncepcionais, Tipos de Relação Sexual, Gravidez e D.S.T.), e desprezados os demais tópicos (Masturbação, Impotência, Aborto, Orgasmo, Homossexualismo, Sexo/desejo/amor, Anatomia, Fisiologia, Tabus, Abuso sexual, Corrimento, e as perguntas que não se enquadravam nesses tópicos relacionados).

RESULTADOS

Dos 183 alunos que preencheram as fichas, 61,2% eram do sexo feminino e 36,6% do sexo masculino. Distribuem-se na faixa etária de 14 a 19 anos, de acordo com a seguintes porcentagens: 14 anos (14,2%), 15 anos (39,3%), 16 anos (30,1 %) 17 anos (9,8%), 18 anos (2,2%) e 19 anos (0,5%). A idade mais freqüente em relação ao sexo feminino é a de 15 anos com 35,7%, o mesmo acontece com o sexo masculino com 47,8%.

Das fichas coletadas 16,4% não continham perguntas, 10,38% apenas uma pergunta e 73,22% duas ou mais perguntas, sendo que destas apenas as duas primeiras foram consideradas.

Das perguntas analisadas pelos autores, 63,77% correspondem àquelas enquadradas nos quatro tópicos mais frequentes. Portanto, do total de perguntas analisadas, a porcentagem de aparecimento desses tópicos é a seguinte: Métodos anticoncepcionais 20,98% (56 perguntas), Tipos de relação sexual 18,11 % (48 perguntas). Gravidez 13,16% (35 perguntas) e D.S.T. 1 1,52% (31 perguntas).

As perguntas que foram enquadradas nesses tópicos estão expostas na tabela anexa.

TABELA DE PERGUNTAS DOS QUATRO PRINCIPAIS TÓPICOS

Métodos Anticoncepcionais (20,98%)	Tipos de Relação Sexual (18,11%)	Gravidez (13,16%)	D.S.T. (11,52%)
Quais são?	* Sexo Oral:	/1ª relação	Quais são?
Qual o mais seguro?	O que é?	/menstruação	Como se manifestam?
Como utilizar?	/virgindade	/antes da 1ª menstruação	Como diagnosticar?
Conseqüências do uso	/doenças e riscos	/sexo oral	Meios de transmissão
	* Sexo Anal:	/sexo anal	Meios de prevenção
	O que é?	/idade	Conseqüências
	/virgindade	/consanguinidade	
	/doenças e riscos	/adolescência	
	/prazer para a mulher	período fértil	
	* Sexo Vaginal:	gravidez ectópica	
	O que é?	Como diagnosticar?	
	/virgindade		
	/menstruação		
	/Na 1ª relação:		
	O que acontece?		
	/sangramento		
	/dor		
	/riscos		
	/conseqüências psicológicas		
	/rompimento de hímen (tipos e formas de hímen)		

TABELA: DISTRIBUIÇÃO POR SEXO

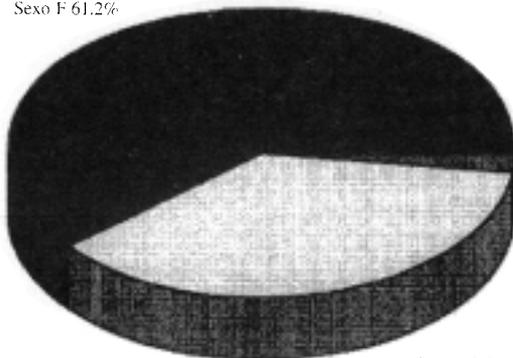
SEXO F	SEXO M	Sem Informação
112 (61,2%)	67 (36,6%)	4 (2,2%)

TABELA: DISTRIBUIÇÃO POR IDADE

IDADE	
14 anos	26 (14,2%)
15 anos	72 (39,3%)
16 anos	55 (30,1%)
17 anos	18 (9,8%)
18 anos	4 (2,2%)
19 anos	1 (0,5%)
Sem Informação	7 (3,8%)

DISTRIBUIÇÃO POR SEXO

Sexo F 61,2%

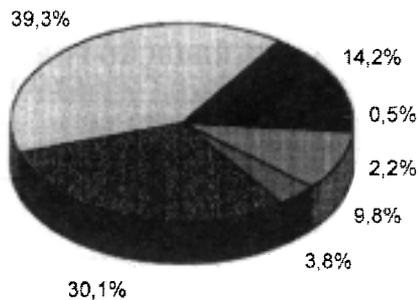


Sem Informação 2,2%

Sem M 36,6%

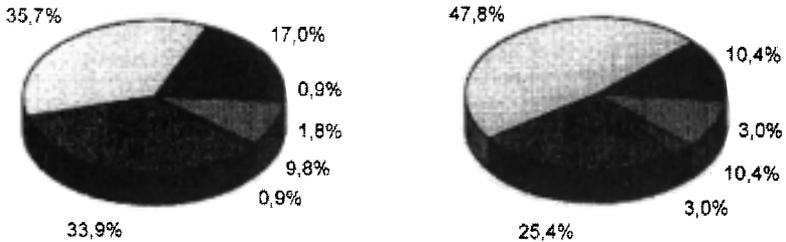
TABELA: SEXO / IDADE

IDADE	SEXO F	SEXO M
14 anos	19 (17,0%)	7 (10,4%)
15 anos	40 (35,7%)	32 (47,8%)
16 anos	38 (33,9%)	17 (25,4%)
17 anos	11 (9,8%)	7 (10,4%)
18 anos	2 (1,8%)	2 (3,0%)
19 anos	1 (0,9%)	0
Sem Informação	1 (0,9%)	2 (3,0%)

DISTRIBUIÇÃO POR IDADE

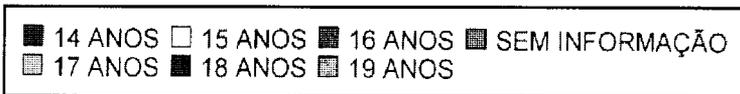
■ 14 ANOS	□ 15 ANOS	■ 16 ANOS	■ SEM INFORMAÇÃO
■ 17 ANOS	■ 18 ANOS	■ 19 ANOS	

SEXO / IDADE



SEXO F

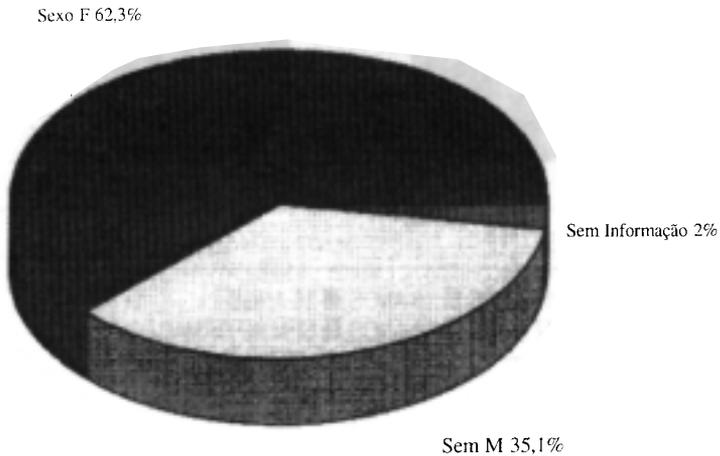
SEXO M



**TABELA: DISTRIBUIÇÃO POR SEXO
(ALUNOS DE 1º COLEGIAL)**

SEXO F	SEXO M	Sem Informação
71 (62,3%)	40 (35,1%)	3 (2,6%)

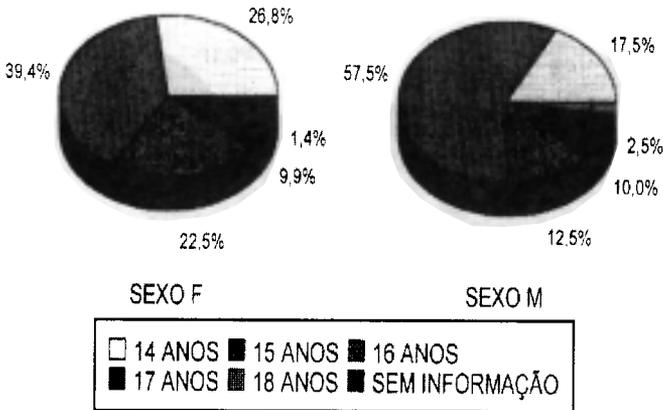
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO (1º COLEGIAL)



**TABELA: SEXO / IDADE
(1º COLEGIAL)**

IDADE	SEXO F	SEXO M
14 anos	19 (26,8%)	7 (17,5%)
15 anos	28 (39,4%)	23 (57,5%)
16 anos	16 (22,5%)	5 (12,5%)
17 anos	7 (9,9%)	4 (10,0%)
18 anos	0	1 (2,5%)
Sem Informação	1 (1,4%)	0

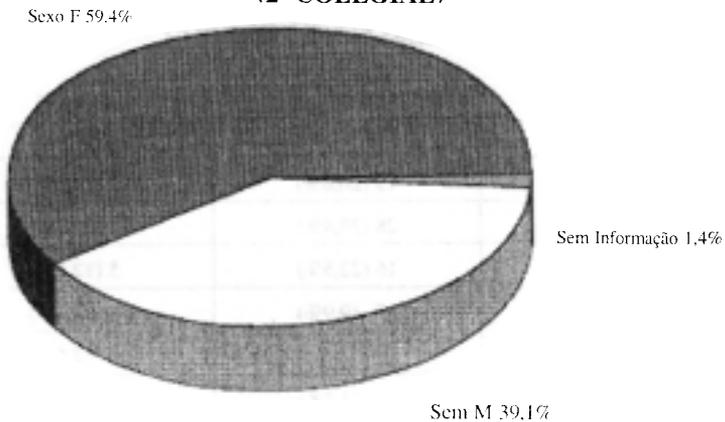
**DISTRIBUIÇÃO SEXO / IDADE
(1º COLEGIAL)**



**TABELA: DISTRIBUIÇÃO POR SEXO
(ALUNOS DE 2º COLEGIAL)**

SEXO F	SEXO M	Sem Informação
41 (59,4%)	27 (39,1%)	1 (1,4%)

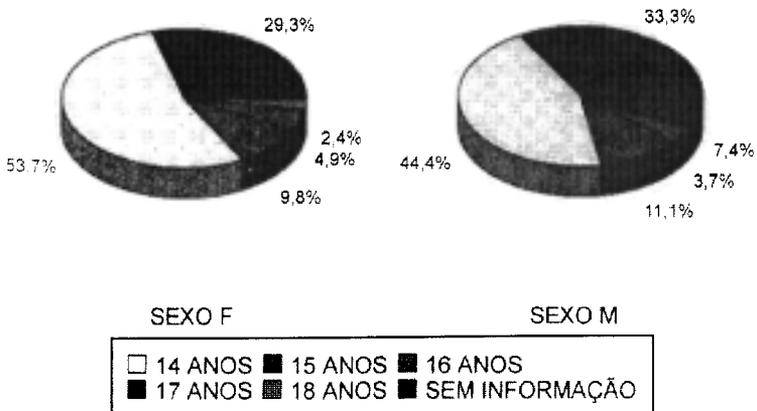
**DISTRIBUIÇÃO POR SEXO
(2º COLEGIAL)**



**TABELA: SEXO / IDADE
(2º COLEGIAL)**

IDADE	SEXO F	SEXO M
15 anos	12 (29,3%)	9 (33,3%)
16 anos	22 (53,7%)	12 (44,4%)
17 anos	4 (9,8%)	3 (11,1%)
18 anos	2 (4,9%)	1 (3,7%)
19 anos	1 (2,4%)	0
Sem Informação	0	2 (7,4%)

**DISTRIBUIÇÃO SEXO / IDADE
(2º COLEGIAL)**



DISCUSSÃO

Após análise dos resultados, onde 83,6% dos alunos revelaram dúvidas a respeito de sexo, concluímos que apesar do comportamento sexual dos adolescentes ser um assunto de considerável especulação, ainda é muito pouco estudado. Isso pode ser explicado, talvez, pela pouca atenção dada à educação sexual no país.

Uma educação cujo objetivo é desenvolver o auto-conhecimento, a preparação psicológica individual, os valores pessoais e o raciocínio moral, para a compreensão da sexualidade em seus aspectos também afetivos, culturais e estéticos; sem se descuidar da gravidez na adolescência e das D.S.T.s. Uma educação sexual que procura conduzir um diálogo com os adolescentes e dar-lhes instrumentos para que façam melhores opções em suas vidas e que os coloquem em harmonia consigo mesmos e com o ambiente em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Adolescência, os Jovens e Nós: Uma Visão Pessoal - 2ª parte: Um Ser Esquisito, *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro); 61(2): 132, 137-8, 141-2, agosto 1 986.
2. Comportamento Anticonceptivo na Adolescência, *Revista Médica do Hospital São Vicente de Paulo*; 5(12): 29-31, maio-agosto 1993.
3. *Manual de Medicina Sexual*; Kolodny, R. C., Masters, W. H., Johnson, V. E. Editora Manole, 1982.
4. *O Relacionamento Amoroso*; Kolodny, R. C., Masters, W. H., Johnson, V. E. Editora Nova Fronteira, 1988.
5. *Sexualidade na Adolescência, Femina*; 12(9): 825-35, 1984.